



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CFCH

Centro de Filosofia e Ciências Humanas Instituto de Psicologia

PROGRAMA EICOS

Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

ANGELA HELENA PHILIPPINI

**VIDAS LONGAS EM COPACABANA: DIÁLOGOS ENTRE
LONGEVIDADE, PAISAGEM E LAZER**

Rio de Janeiro
2014

ANGELA HELENA PHILIPPINI

**VIDAS LONGAS EM COPACABANA: DIÁLOGOS ENTRE
LONGEVIDADE, PAISAGEM E LAZER**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS), Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Doutor.

Orientadora: Dr^a. Tânia Maria de Freitas Barros Maciel

Rio de Janeiro
2014

Philippini, Angela Helena.

Vidas Longas em Copacabana: diálogos entre longevidade, paisagem e lazer / Angela Helena Philippini. Rio de Janeiro: UFRJ/EICOS, 2014.

128 fls. Orientadora: Tânia Maria de Freitas Barros Maciel.

Tese (doutorado) – UFRJ/EICOS/Programa de Pós - Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, 2014.

Referências Bibliográficas: f. 165

1. Introdução. 2. Metodologia. 3. Longevidade. 4. Paisagem.

5. Lazer. 6. Copacabana. 7. Análise de Dados. 8. Conclusão.

I. Maciel, Tânia Maria de Freitas Barros. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia.

Social. III. Vidas longas em Copacabana: diálogos entre longevidade paisagem e lazer.

ANGELA HELENA PHILIPPINI

**VIDAS LONGAS EM COPACABANA: DIÁLOGOS ENTRE
LONGEVIDADE, PAISAGEM E LAZER**

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS), Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor.

Aprovada em: ____/____/____ .

Prof. Dra. Tania Maria Barros Maciel – EICOS-UFRJ
Doutora em Sciences de L’education - Universite de Paris V

Marco Antônio Carvalho Santos – Fio Cruz – Mestrado em Educação Profissional em Saúde
Doutor em Educação UFF

Maria Cecília de Mello e Souza - EICOS_UFRJ
Doutora em Antropologia Social University of California, Berkeley

Rio de Janeiro
2014

Aos meus ancestrais (*in memoriam*) Fenísia, Mafalda, Mirabeau e
Nina pelo exemplo de como envelhecer com dignidade e coragem.

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial à Prof.^a Dra. Tânia Maciel por ter me acolhido como sua orientanda, e por ter acompanhado o processo de elaboração deste estudo de forma compreensiva.

Minha gratidão aos longevos que concordaram em desvelar trechos de suas narrativas de vida e aos Gestores em espaços para idosos, que relataram suas percepções, dificuldades e conquistas no desempenho de suas atividades cotidianas.

Aos professores do EICOS, pela partilha de conhecimentos.

A Prof. Dra. Graciela Rene Ormezzano pelo apoio incondicional ao longo da elaboração deste estudo, sempre disponível, e pronta a colaborar com informações e sugestões.

Aos colegas de equipe da Clínica POMAR, por generosamente suprirem minhas ausências, para que eu pudesse realizar as tarefas do doutorado.

A minha filha Bruna Estrella pelo apoio e cumplicidade, ao longo do tempo em que este estudo foi realizado.

Se é verdade que envelhecer é um fato e uma foto, é também verdade
que, quem não se reconhece na foto, se reconhece na memória e no
frescor das emoções que persistem.
(Rosiska Darcy de Oliveira)

RESUMO

Estudo exploratório, desenvolvido no âmbito da Linha I de pesquisas do Programa EICOS. Busca compreender interações entre aspectos relacionados ao lazer, longevidade e paisagem, junto a residentes longevos do bairro de Copacabana, e como estes três temas e suas conexões, podem contribuir como coadjuvantes em propiciar e fortalecer condições de bem estar, qualidade de vida e envelhecimento ativo. Da longevidade foram destacadas questões relativas às representações negativas e positivas do envelhecimento, e fatores que caracterizam uma boa governança para a criação de políticas públicas, que assegurem redes de cuidado em ambiente urbano amigável para indivíduos longevos. Em relação à paisagem foram consideradas questões referentes ao Direito Ambiental, à Paisagem Cultural, e suas possibilidades como patrimônio imaterial, memória afetiva, e fonte de lazer. O campo de pesquisa situa-se no Bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro, que é a segunda maior concentração de idosos do Brasil. Aspectos psicossociais deste bairro foram observados, a partir de narrativas de residentes longevos, relatando suas interações com a paisagem, suas percepções acerca das transformações causadas pela passagem do tempo, e sobre possibilidades de lazer locais. Foram colhidas narrativas de moradores com idades que variaram de 61 e 100 anos, e para contrastar os dados, foram também entrevistados Gestores de locais que cuidam de questões relacionadas ao envelhecimento, com níveis de atuação municipal, nacional e intersetorial. A interpretação dos dados referentes às narrativas dos longevos, e das respostas às entrevistas semiestruturadas com os gestores baseou-se na teoria do Ator-Rede de Bruno Latour, complementada por leitura de imagens, referente a registro de dados visuais, iconografias do Bairro de Copacabana, investigando-se desta forma, os aspectos identitários do local em relação à longevidade, em suas interações com a paisagem e o lazer.

Palavras Chave: Longevidade. Paisagem. Lazer. Cultura. Copacabana.

ABSTRACT

Exploratory study, developed under the research line I of the EICOS Program. It seeks to understand the interactions between aspects related to leisure, longevity and landscape, with the oldest residents of Copacabana, and how these three themes and their connections may contribute as adjuncts to facilitate and strengthen welfare conditions, quality of life and active aging. Concerning the longevity issues, negative and positive representations of aging were accentuated as well as factors that characterize good governance for the creation of public policies that ensure networks of care for elder individuals in a friendly urban environment. Concerning landscape, issues related to Environmental Law and Cultural Landscape were considered such as their possibilities as intangible heritage, affective memory, and source of pleasure. The search field is the neighborhood of Copacabana in Rio de Janeiro, which is the second largest concentration of elder people in Brazil. Psychosocial aspects of this neighborhood were observed through the narratives of elder residents who reported their interactions with the landscape, their perceptions regarding the changes caused by the passage of time, and about the possibilities for leisure venues. Narratives of residents with ages from 61 to 100 years have been collected, and to contrast the data, local managers who take care of issues related to aging, in national and inter-municipal activity, were also interviewed. The interpretation of the data relating to the narratives of the oldest, and responses to semi-structured interviews with managers, was based on the theory of Actor-Network Bruno Latour and was complemented by the reading of images, referring to visual data record and iconographies of the neighborhood of Copacabana, in this way investigating the identity aspects of the place in relation to longevity in its interactions with landscape and leisure.

Key words: Longevity. Landscape. Leisure. Culture. Copacabana.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Governança do envelhecimento: uma linha de tempo	50
Figura 2 - Forte de Copacabana: Patrimônio Cultural da Humanidade	54
Figura 3 - Orla da Praia de Copacabana: Patrimônio Cultural da Humanidade.....	54
Figura 4 - Paisagem Salvaguarda	59
Figura 5 - Vista Parcial do Condomínio Santa Leocádia - Copacabana	61
Figura 6 - Reveillon - 2014 em Copacabana	77
Figura 7 - Escultura de Carlos Drumond de Andrade.....	80
Figura 8 - Escultura de Dorival Caymmi na Colônia de Pescadores - Z13	80
Figura 9 - Beco das Garrafas – Bem Tombado	81
Figura 10 - Escultura Homenageando Braguinha – Av. Princesa Isabel	81
Figura 11 - Desenho em Postal da Casa de Saúde do Dr. Figueiredo de Magalhães	83
Figura 12 - Abertura do Túnel Velho em 1892	84
Figura 13 - 1892 – Autoridades na Inauguração do Primeiro Bonde em Copacabana	84
Figura 14 - 1964 – Última Viagem do Bonde de Copacabana.....	84
Figura 15 - Cinema Americano – 1909.....	85
Figura 16 - Demolição do Cine Copacabana – 2012 Para Construção de Academia de Ginástica	86
Figura 17 - Edifício Lellis - O Primeiro Prédio Construído na Avenida Atlântica	87
Figura 18 - Edifício Richard – O Mais Populoso Prédio de Copacabana.....	88
Figura 19 - Ocupação da Orla no Show dos Rolling Stones - 2006.....	90
Figura 20 - Mapa de Copacabana	91
Figura 21 - Calçadão de Copacabana.....	95
Figura 22 - Grandes transformações da paisagem em Copacabana	96
Figura 23 - Última Casa da Avenida Atlântica.....	97
Figura 24 - Última Casa da Rua Santa Clara.....	98
Figura 25 - Casa de Pedra Demolida em Outubro de 2013.....	98
Figura 26 - Corte Radical de Árvore Centenária	99
Figura 27 - Campanha de Mobilização Pela Árvore.....	99
Figura 28 - Praia de Copacabana - 1906	100
Figura 29 - Praia de Copacabana - Janeiro de 2014	100
Figura 30 - Forte de Copacabana (Bem Tombado) Vista do seu Interior	101
Figura 31 - Parque da Chacrinha – Entrada	102

Figura 32 - Parque da Chacrinha – Trilha Interna	102
Figura 33 - Árvores Centenárias da Praça Edmundo Bitencourt.....	103
Figura 34 - Memorabilia – Shopping dos Antiquários	105
Figura 35 - Copacabana Palace (Bem tombado em seu conjunto de edificações)	106
Figura 36 - Portaria Art Deco do Edifício Itahy (Bem Tombado)	106
Figura 37 - Casa Villiot - Atual Biblioteca Popular - Fachada	107
Figura 38 - Casa Villiot - Atual Biblioteca Popular - Detalhe Interno	107
Figura 39 - Mosaico de Paulo Werneck (Bem Tombado) - Fachada de Prédio	107
Figura 40 - Mosaico de Paulo Werneck (Bem Tombado) - Bairro Peixoto.....	107
Figura 41 - Colônia de Pescadores - 1895 Foto de Marc Ferrez	109
Figura 42 - Colônia de Pescadores Z13 - Posto 6.....	109

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Vidas Longas em Copacabana: Diálogos entre Longevidade, Paisagem e Lazer .	24
Quadro 2 - Longevos Entrevistados – Perfil Sócio Demográfico	26
Quadro 3 - Perfil Profissional dos Gestores	27
Quadro 4 - Indicadores do Guia Global das Cidades Amigas dos Idosos	30
Quadro 5 - Distribuição da Renda Per Capita de Copacabana	93
Quadro 6 - Longevos Entrevistados: Preferência de Lazer	133
Quadro 7 - Longevos Entrevistados: Percepções da Paisagem de Copacabana.....	133

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APAC - Área de Proteção de Ambiência Cultural

ATI - Academia da Terceira Idade

CEPE - Centro de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento

CIES - Centro Internacional de Informação para o Envelhecimento Saudável

CIL - Centro Internacional de Longevidade

CNS - Conselho Nacional de Saúde

DEAPTI - Delegacia de Atendimento à Pessoa da Terceira Idade

FIB - Felicidade Interna Bruta

G - Gestor

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

ILPI - Instituição de Longa Permanência

IPHAM - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IPTU - Imposto Predial e Urbano

IRPH - Instituto Rio Patrimônio da Humanidade

ITS - Intersectorial.

L - Longevos

M - Municipal

MAE - Medicina Anti Envelhecimento

MGEA - Movimento Global para o Envelhecimento Ativo

OMS - Organização Mundial de Saúde

ONU - Organização das Nações Unidas

OPAS - Organização Pan Americana de Saúde

PIB - Produto Interno Bruto

RICA - Rede Ibero Americana de Cidades Amigas dos Idosos

SBGG - Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia

SESQV - Secretaria Especial de Envelhecimento Saudável e Qualidade de Vida

SUS - Sistema Único de Saúde

TS - Terceiro Setor

UNESCO - United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization

UNATI - Universidade Aberta da Terceira Idade

UPHS - Unidades de Patrimônio da Humanidade

WDA - World Demographic Association

WLRA – World Leisure and Recreation Association

WVS - World Values Survey

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 CONSTRUINDO A CAIXA CINZA: PESQUISAR, VER, OUVIR E CARTOGRAFIAR.....	22
2.1 COLETA DE DADOS E CUIDADOS ÉTICOS	23
2.1.1 Coleta de dados e etapas da pesquisa	23
2.1.2 Cuidados éticos.....	25
2.2 VIDAS LONGAS EM COPACABANA	25
2.3 FORMAÇÃO DOS GRUPOS	26
2.3.1 Critérios de formação do grupo.....	26
2.3.2 Grupo de gestores.....	27
2.4 CLASSIFICAÇÃO DOS DADOS.....	28
2.5 ANÁLISE DOS RESULTADOS	29
2.6 LIMITAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA	30
3 LONGEVIDADE: CONQUISTA OU PRIVILÉGIO?.....	32
3.1 A CONSTRUÇÃO DE UMA GOVERNANÇA DO ENVELHECIMENTO: MICRO E MACROCOSMO.....	38
3.2 O DESAFIO DA TEORIA DO RECONHECIMENTO: FORMAS IDEOLÓGICAS E FORMAS ÉTICAS DE RECONHECIMENTO SOCIAL DO IDOSO	41
3.3 SENESCÊNCIA: VIDA QUE PASSA	47
4 PAISAGEM.....	51
4.1 PAISAGEM CULTURAL	53
4.2 PAISAGEM E MEMÓRIA	56
4.3 PAISAGENS, PATRIMÔNIO IMATERIAL E MEMÓRIAS AFETIVAS.....	57
4.4 PAISAGEM E SUA LEGISLAÇÃO ESPECÍFICA	58
5 TEMPO E PRAZER: PRÁTICAS DO LAZER	62
5.1 MODALIDADES DO LAZER	69
5.2 LAZER CONTEMPLATIVO E CULTURAL NO ENVELHECIMENTO.....	72
5.3 LAZER NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE	74
6 COPACABANA: MÚLTIPLAS FACES DE UM TERRITÓRIO	77
6.1 NO PRINCÍPIO: UMA PAISAGEM E VÁRIAS HISTÓRIAS	77
6.2 PAISAGENS CULTURAIS, AFETIVAS E IMATERIAIS DE COPACABANA	79

6.3 DA PAISAGEM ORIGINAL AOS DIAS DE HOJE: ICONOGRAFIAS DE UMA LINHA DE TEMPO	83
6.4 COPACABANA: UMA PAISAGEM MÍTICA TRADUZIDA EM NÚMEROS	90
6.5 MARCAS DO TEMPO NA PAISAGEM NATURAL DE COPACABANA.....	94
6.6 UTILIZAÇÃO DA PAISAGEM COTIDIANA PARA O LAZER	102
6.7 PAISAGENS DO PASSADO: BENS TOMBADOS	104
6.8 O CAPITAL SIMBÓLICO DE COPACABANA.....	108
7 DA CAIXA CINZA À CARTOGRAFIA AFETIVA DE UM BAIRRO: ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	111
7.1 PERCEPÇÕES DOS GESTORES SOBRE ENVELHECIMENTO, LAZER E O BAIRRO DE COPACABANA	125
8 CONCLUSÕES.....	139
REFERÊNCIAS.....	145
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	154
APÊNDICE B - Entrevista Semi Estruturada	155
ANEXO A - Lista das Associações de Moradores de Copacabana, Rio de Janeiro	156
ANEXO B - Declaração do Rio.....	158

1 INTRODUÇÃO

Investigar interações entre longevidade, lazer e paisagem é debruçar-se sobre três temas amplos, complexos e transversais. Buscar compreender, se podem ser considerados como variáveis a contribuir para o bem estar e a qualidade de vida dos longevos, obriga a estabelecer recursos metodológicos específicos para viabilizar a investigação. A tríade a ser investigada, por ser polissêmica, demanda uma abordagem pautada na transversalidade para abrangê-la. O lugar de encontro, *locus de vivências*, será Copacabana, onde concentram-se longevos provenientes de várias localidades do Rio de Janeiro, do Brasil e do exterior.

O contexto que me conduziu aos questionamentos iniciais deste estudo, foi meu cotidiano profissional, em uma Instituição de Longa Permanência (ILPI) onde trabalho como Psicóloga Supervisora de Estágio em Terapias Expressivas. O público atendido, mulheres idosas, provenientes das camadas médias da população, chega a esta instituição conduzida por suas famílias. A situação de confinamento, alheamente e isolamento da maioria do público residente, gerou minha inquietação por criar novas estratégias, capazes de transformar este *status quo* adoecedor, e levou-me a implementar continuamente, com a ajuda dos estagiários, um espaço criativo, cujos resultados expressam-se em benefícios terapêuticos diversos e vitalização para as participantes. Trata-se de um resgate, uma retomada de ânimo para estas mulheres, através do exercício da autonomia expressiva, de novos aprendizados, mediados por vivências na área da cultura, através da arte, da música, do movimento.

Outros fatores relevantes que também reforçaram minha escolha por este objeto de estudo foram: minha própria cronologia, e minha biografia, pois pertenço a uma família de ancestralidade italiana, em que é natural que *nonnis*¹, enquanto viverem, permaneçam entre todos, como fontes de afeto, sabedoria, conselhos, histórias e rabugices. Assim, minhas questões iniciais, quando o estudo ainda tomava forma, eram: por que pessoas idosas têm de ser apartadas do convívio intergeracional e comunitário? Que alternativas podem ser criadas, para mudar esta situação?

O objetivo do estudo definiu-se a partir do caminho conceitual, desenvolvido na linha I de Pesquisa do EICOS, onde ingressei como doutoranda, e que propõe investigações sobre: Comunidade, Desenvolvimento, Meio Ambiente e Inclusão Social. Neste aprendizado, cheguei ao tema: Vidas Longas em Copacabana: Diálogos entre longevidade, Paisagem e Lazer, com a intenção de compreender se as conexões entre estes três temas, podem favorecer

¹ Avós em italiano.

o envelhecimento ativo de longevos, que vivam livres, em suas próprias casas, e inseridos naturalmente na comunidade, como acontece em Copacabana. Este bairro tem a segunda maior concentração de idosos do Brasil, e foi a escolha natural para o “estudo de caso”, procurando neste território observar e analisar, interações de seus residentes com sua paisagem e com a passagem do tempo. Para defender a tese de que Copacabana poderia ser este espaço identitário, com possibilidade de oferecer a seus residentes uma adequada interação entre os temas citados, organizei como primeira parte do estudo, além da informação sobre os recursos metodológicos utilizados, a revisão bibliográfica que abrange os Capítulos 3, 4 e 5.

Os principais autores que integram a construção do caminho conceitual deste estudo foram: Alexandre Kalache, médico brasileiro, que criou o marco político do Envelhecimento Ativo na Organização Mundial de Saúde (OMS) e posteriormente coordenou o trabalho nesta instituição, de avaliação de condições urbanas para identificação de “Cidades Amigas dos Idosos” em diferentes países. Yu-Fu Tuan (1974), geógrafo que ressaltou como os afetos determinam a percepção das paisagens, e Pierre Nora (1984), que conceituou como “Lugares de Memórias” os espaços imaginados, em que se guardam as paisagens afetivas, independente do que possa vir a acontecer com as paisagens reais. Para complementar o estudo de paisagem, priorizei documentos legais, a partir da obra da jurista Flávia de Souza Marchezini que enfatiza a questão da Paisagem como um Micro Bem Ambiental, e amparada por diversos diplomas normativos nacionais e internacionais, defende o corolário fundamental do direito a um meio ambiente sadio. Para fundamentar aspectos referentes à questão do lazer, foram considerados os pressupostos teóricos elaborados pelo sociólogo Jofre Dumazedier, que com sua construção teórica relevante sobre a Sociologia Empírica do lazer, vem influenciando este campo de estudos no Brasil, desde a década de setenta, até à atualidade.

Os temas, e os conceitos propostos pelos autores citados, serão apresentados através da seguinte estrutura: o segundo capítulo tratará dos recursos metodológicos utilizados para viabilizar a coleta de dados e posteriormente interpretá-los, e como propõe Latour tratará da construção da “caixa cinza”, onde moram as incertezas sempre presentes no ato de pesquisar, as controvérsias, as redes e as cartografias.

Assim, do entrecruzamento destes três temas, constituiu-se o objeto deste estudo exploratório, uma vez que no campo escolhido (Copacabana) os três aspectos referidos estão naturalmente entrelaçados no cotidiano de seus residentes. O referido estudo dialoga também com os pressupostos teóricos gerais, pertinentes à Psicossociologia das Comunidades e à Ecologia social, assuntos do âmbito de estudos essenciais do Programa EICOS.

No Capítulo 3 encontra-se uma questão fundamental, representada através das necessidades do público alvo na longevidade, sua complexidade, legislação, representações positivas e negativas, e prioridades para uma governança do envelhecimento populacional, adequando-se aos limites impostos pela senescência, e o encontro das alternativas para amenizá-los.

No Capítulo 4 serão apresentados alguns aspectos conceituais sobre local, paisagem, Patrimônio Cultural e Imaterial, através de elementos pertinentes às abordagens da Geografia Cultural, integrados a aspectos da psicossociologia das Comunidades e da Ecologia Social

No Capítulo 5 serão apresentadas questões básicas, selecionadas a partir da ampla polissemia do conceito de lazer, priorizando seus aspectos emancipatórios, contemplativos e culturais, suas conexões com as buscas subjetivas de fruição estética, acessibilidade, convivência intergeracional, educação continuada, envelhecimento ativo, bem estar e felicidade.

No Capítulo 6 será apresentado e caracterizado o *Locus de Vivências*², através do estudo de caso do Bairro de Copacabana, com ênfase em suas iconografias, e cartografias culturais, apresentando posteriormente os residentes entrevistados, cujas idades variaram de 61 a 100 anos, com tempo de residência neste local de 12 a 67 anos.

Buscando responder estas questões, escolheu-se este campo de pesquisa, o bairro de Copacabana, por tratar-se da maior concentração³ de residentes longevos do município do Rio de Janeiro e a segunda maior do Brasil. Os dados foram coletados junto a moradores idosos e a gestores de instituições destinadas a longevos, ou que trabalham com questões relacionadas à Governança do Envelhecimento. Os moradores foram convidados a falar livremente sobre sua vida no bairro, seu lazer, sua relação com a paisagem e sobre seu próprio envelhecimento.

Ao descrever aspectos diversos do bairro Copacabana, ainda que tenham sido incluídos dados quantitativos e econométricos, relativos à sua realidade atual e a alguns aspectos de seu passado, foram priorizadas iconografias, além da cartografia cultural da região, buscando, sobretudo compreender as relações com sua paisagem, incluindo seus geossímbolos mais conhecidos como o mar, sua orla, e a colônia de pescadores, e como são percebidos e vividos por seus residentes. Para melhor configurar a descrição do campo de pesquisa foram incluídos aspectos de lazer específicos do bairro. Neste contexto, destaca-se

² O território constitui um espaço que, como um campo de ações e um campo de forças, é demarcado pelas criações e pelas vivências/ experiências humanas (BAILLY; BEGUIN, 1982).

³ Segundo o IBGE (Censo de 2010), foram cadastrados 43.431 habitantes longevos com mais de 60 anos, de um total de 146.392 residentes.

um recorte na ampla e complexa teoria sobre o lazer, buscando problematizar a questão da acessibilidade, observando formas de inclusão/exclusão, considerando limitações decorrentes do envelhecimento, e suas consequências para a inserção e participação nas práticas consideradas como de lazer para um público mais amplo, e àquelas incentivadas pelo poder público para os longevos. E buscou-se de Copacabana, também considerar métricas alternativas que pudessem incluir em suas avaliações, conceitos, eminentemente, subjetivos como bem estar e felicidade, mas que em última instância, referem-se aos fatores que movem pessoas das mais diferentes cronologias, culturas e níveis socioeconômicos, a buscarem o que consideram ser o melhor para si.

Chegou-se assim à terceira questão a ser estudada, a paisagem natural e a paisagem cultural urbana, como vem sendo percebida através das lentes da passagem do tempo por seus residentes longevos, que simultaneamente vivem e percebem esta passagem do tempo também em seus próprios corpos.

Da vasta gama de possibilidades de entender e pesquisar o lazer, devido à prioridade na linha I de pesquisas do EICOS, e do reconhecimento da subjetividade e fortalecimento da identidade dos longevos, optou-se pelos aspectos que possam contemplar a relação entre paisagem e memória, abrangendo assim o contexto das paisagens culturais e afetivas, que como tal, podem reconfortar e alegrar. Tais paisagens, na coletividade, podem ser consideradas como bens e patrimônios imateriais, e sua existência e conservação poderão auxiliar na manutenção de um ambiente favorável ao senso de reconhecimento e pertencimento, gerando uma sensação de familiaridade e bem estar, já que esta preservação pode atender às necessidades humanas básicas de vínculo e segurança. E dentro das cinco categorias de lazer⁴ mais utilizadas, será dada ênfase às de lazer contemplativo e cultural, já que se adequam melhor às condições físicas de uma parcela significativa dos idosos, e encontram-se presentes em larga medida no bairro de Copacabana.

No Capítulo 7 serão apresentadas as análises dos resultados referentes ao objetivo proposto neste estudo, a partir das informações inseridas nas narrativas, observadas, analisadas e interpretadas, a partir das proposições teóricas da abordagem do “Ator - Rede” de Latour onde se busca ilustrar e ressaltar alguns fluxos, movimentos, traduções e conexões, configurando controvérsias entre múltiplos atores (residentes longevos, gestores, moradores do bairro de outras gerações, população em geral e a paisagem) e, como algumas destas controvérsias vão se traduzindo, seja na constituição de novos modos de viver o

⁴ Categorias de Lazer: Cultural, contemplativo, físico, recreativo, aquisitivo.

envelhecimento e relacionar-se com o local onde se vive, e como outras traduções, simultaneamente, buscam reafirmar paradigmas já ultrapassados sobre idosos, ilustrando deste modo, as controvérsias sobre o tema.

No Capítulo 8 encontram-se as conclusões, reafirmando hipóteses, a tese, e resumindo questões pertinentes ao âmbito investigativo deste estudo, bem como indicações dos limites e contribuições da referida pesquisa.

Finalmente serão apresentadas as referências utilizadas para embasar a pesquisa, incluindo legislação sobre envelhecimento e sobre paisagem, com informações de documentos legais recentes sobre os dois referidos temas.

Inicialmente pode-se considerar que a relevância da pesquisa encontra-se em contribuir para a reflexão sobre ampliação de alternativas de cuidado, dirigidas ao longo, que justifica-se pelo crescimento exponencial da população idosa no Brasil. Ressaltando-se que o país passa por uma intensa transformação demográfica caracterizada pelo amplo envelhecimento da população, com o aumento da expectativa de vida aumentando para 73,5 anos, acompanhada do baixo índice de fecundidade, sendo que o Estado do Rio de Janeiro tem segundo dados do censo de 2010, o menor índice do país. Considerando, também, que a OMS indica que o ritmo de envelhecimento da população brasileira será maior que a média mundial, com projeção prevista para 2025, de uma proporção de idosos no país, 16 vezes maior que a de 1950 (IBGE, 2010). Tais fatos contribuem para aumentar ainda mais a necessidade de formular estratégias que promovam o bem estar do idoso, fortalecendo ações que propiciem a construção do envelhecimento ativo, pois a longevidade beneficia-se de condições adequadas para preservar-se e expandir-se. Analisar como ações objetivas, subjetivas e, sobretudo coletivas, podem diminuir as pressões sobre o indivíduo idoso, observando as soluções vigentes no bairro de Copacabana. E neste contexto como facilitar possibilidades de ampliação do reconhecimento positivo por parte da sociedade, para o indivíduo que envelheceu, proporcionando-lhe um ambiente favorável a seu bem estar e qualidade de vida, são objetivos deste estudo exploratório.

Para apresentar o estudo de caso, o “*locus de vivência*” onde longevidade, paisagem e lazer interagem, no bairro de Copacabana, foram priorizadas suas iconografias e o relato de seus residentes, complementado pelas percepções dos gestores de questões relacionados à Governança do envelhecimento, ao bairro, e ao próprio envelhecimento pessoal. Como a problematização deste estudo apresenta-se de forma transversal, para buscar uma integração entre aspectos tão amplos, busquei então, uma teoria que pudesse também como estratégia metodológica, reunir em sua abrangência elementos tão díspares. E neste labirinto de

possibilidades e ideias, o Fio de Ariadne vem com a teoria do Ator-Rede (TAR) de Bruno Latour (2012, p. 55), que propõe acerca dos grupos a serem pesquisados, que: “[...] os grupos não são coisas silenciosas, mas o produto provisório de um rumor constante, feito por milhões de vozes contraditórias sobre o que vem a ser um grupo e o que pertence a ele”. Propõe ainda Latour, que o dever do pesquisador não é estabilizar inicialmente, quer seja por uma questão de clareza, conveniência ou racionalidade, mas seu ponto de partida tem de ser justamente as controvérsias acerca do agrupamento a que alguém pertence (LATOURE, 2012).

Considerando *a priori* que os conceitos de longevidade, bem estar e qualidade de vida são controversos e sujeitos à múltiplas definições, optou-se por compreender junto àqueles que envelhecem e junto àqueles que cuidam dos que envelhecem, como percebem estas relações e assim, circulando ao redor destes temas foram recolhidas as narrativas, das quais serão apresentados os trechos considerados mais significativos posteriormente. Para analisar e interpretar os dados colhidos e para compreender as interações entre os temas, a bússola então permanece na abordagem do “Ator - Rede” de Bruno Latour, já que os três temas do objeto de estudo são transdisciplinares e a transversalidade também caracteriza os estudos sobre envelhecimento, pautados no campo da gerontologia social. Esta opção apoia-se também no Capítulo I do estatuto do idoso - Do Direito à Vida - no Art. 8ª que diz: o envelhecimento é um direito personalíssimo e descobrir a melhor maneira de vivê-lo é uma construção eminentemente subjetiva, e portanto múltipla e complexa. Atores longevos podem ser auxiliados a encontrar as formas mais adequadas, nesta busca do bem estar na longevidade, para vivê-la de modo autônomo e funcional, característica básica do envelhecimento ativo, com a ajuda e o reforço de condições ambientais adequadas à conservação da boa saúde física e mental.

De posse do Fio de Ariadne, fornecido pela teoria de Bruno Latour, que guiará o percurso através da observação e análise dos dados referentes aos temas do estudo, inicia-se a jornada, pela construção da Caixa Cinza⁵ (onde moram as incertezas), tema abordado no capítulo II referente aos recursos metodológicos utilizados.

⁵ Quando uma técnica ainda não está completamente estabelecida como caixa preta, falamos de caixa cinza (LATOURE) in Nobre e Pedro (2014).

2 CONSTRUINDO A CAIXA CINZA: PESQUISAR, VER, OUVIR E CARTOGRAFAR

Cartografias são sempre provisórias, funcionais até o momento em que novas cartografias, portanto novas paisagens se imponham. O ofício do cartógrafo envolve, assim, uma implicação nas redes que ele cartografa, um entendimento sem exterioridade de seus movimentos e desvios.
(Pedro)

Este estudo constitui-se de uma pesquisa exploratória, que como tal, visa à descoberta, elucidação e explicação de fenômenos relativos à longevidade e suas interações com a paisagem e o lazer, no âmbito de Copacabana. A seguir, serão detalhados os critérios, métodos e técnicas a serem utilizadas para obter as informações pertinentes, e para subsidiar a formulação de hipóteses sobre os assuntos abordados.

A opção pelo caráter exploratório, descritivo e qualitativo, busca explicitar e proporcionar um entendimento mais amplo sobre estas questões, que são transversais e relacionadas aos diálogos entre longevidade, paisagem e lazer. Apesar das inúmeras pesquisas sobre envelhecimento já publicadas, a relação entre os três temas, longevidade, paisagem e lazer, ainda não se encontra claramente sistematizada, e como ressalta Vergara (2000) uma das principais contribuições da pesquisa exploratória é auxiliar na possibilidade de sistematizar características de um novo fenômeno, que no caso em questão, consiste em investigar interações entre a paisagem de Copacabana, o Lazer e o envelhecimento ativo de seus residentes. Para Gil (1999) um trabalho é de natureza exploratória, quando destina-se a formular problemas mais precisos ou criar hipóteses, que possam ser pesquisadas por estudos posteriores.

Em razão destes propósitos, antes da coleta de dados, foi realizada uma revisão bibliográfica e documental sobre longevidade, paisagem e lazer, e iconográfica sobre Copacabana, com a finalidade de fundamentar teoricamente e imageticamente a pesquisa, e configurar a metodologia subsequente.

Para a segunda fase do estudo, formaram-se dois grupos, para a coleta de dados: um de residentes longevos de Copacabana, e outro com gestores de instituições relacionadas ao tema envelhecimento. Para o grupo de Longevos as narrativas foram colhidas a partir de duas questões iniciais:

- a) como é envelhecer no Bairro de Copacabana?
- b) o que a passagem do tempo tem feito com a paisagem e com as possibilidades de lazer?

Para o grupo de gestores foi realizada uma entrevista semi estruturada, que encontra-se na íntegra, no Apêndice B.

As perguntas que constam na entrevista semiestruturada foram organizadas de modo a facilitar aos entrevistados narrar processos e fatos que tenham um encadeamento de sentidos. Neste contexto, para o grupo de gestores, a entrevista semiestruturada apresentava questões sobre Envelhecimento, Paisagem, Lazer e Copacabana, que encontra-se detalhada no Apêndice B. Esta estratégia foi decidida, reconhecendo-se a importância do recurso metodológico do “informante chave” (*key informant technique*) e o levantamento da opinião de especialista (*expert opinion survey*). Para Goodwin (1995) estas estratégias costumam ser muito úteis, já que estes tipos de informantes podem oferecer informações históricas sobre o fenômeno estudado, o que aconteceu de forma significativa neste estudo. Outro ponto importante sobre este tipo de entrevista é sua flexibilidade, pois o pesquisador estabelece uma direção geral para a conversação, mas os entrevistados tem liberdade de seguir novas possibilidades, se preferirem.

A opção por esta forma de entrevista para os gestores sustenta-se também em Manzini (1991) pela necessidade de focar-se em um determinado assunto, com um roteiro delineado pelas perguntas principais, mas que poderão ser complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas no decorrer da entrevista. Assim, a entrevista organizada desta forma pode fazer emergir informações de forma mais livre, sendo que as respostas não ficarão condicionadas a uma padronização de alternativas. Deste modo, a entrevista semi estruturada inscreve-se em um espectro conceitual maior, priorizando a interação propriamente dita que se dá no momento da coleta. Nesse sentido a entrevista pode ser concebida como um processo de interação social, verbal e não verbal, que ocorre face a face entre pesquisador e entrevistado.

2.1 COLETA DE DADOS E CUIDADOS ÉTICOS

2.1.1 Coleta de dados e etapas da pesquisa

Os dados foram colhidos presencialmente, registrados através de gravação e filmagem, posteriormente transcritos, com entrega das respectivas cópias aos participantes.

As etapas da pesquisa e seu respectivo cronograma constam no quadro abaixo:

Quadro 1 - Vidas Longas em Copacabana: Diálogos entre Longevidade, Paisagem e Lazer

Etapas	Descrição	Cronograma
1ª	Levantamento bibliográfico, documental e iconográfico sobre os temas do estudo exploratório: interações entre Longevidade, Paisagem, Lazer e o Bairro de Copacabana.	Janeiro a setembro de 2012
2ª	Coleta de dados sobre as interações entre longevidade, paisagem, lazer e o Bairro de Copacabana, através das narrativas de longevos, moradores do bairro de Copacabana, e entrevistas semi estruturadas dos gestores de instituições relacionadas ao envelhecimento, após terem sido informados sobre objetivos da pesquisa, e assinado o termo de livre consentimento.	Outubro de 2012 a maio de 2013
3ª	Transcrição dos dados, entrega de uma cópia impressa da transcrição da entrevista e de um DVD com a respectiva filmagem para cada participante.	Junho e julho de 2013
4ª	Consolidação dos dados, análise, identificação de temas e representações a partir de pressupostos teóricos do Ator-Rede de Bruno Latour.	Agosto a novembro de 2013
5ª	Retorno à pesquisa bibliográfica e iconográfica para ampliação e discussão dos temas. Elaboração das conclusões com indicações dos limites e contribuições das pesquisas.	Dezembro de 2013 a fevereiro de 2014

Fonte: elaboração da autora.

A referida coleta de dados destinou-se a investigar a tese de que os longevos identificam o bairro de Copacabana com um espaço identitário, que reúne condições de convivência, lazer, acessibilidade e saúde.

2.1.2 Cuidados éticos

No que se refere aos Cuidados Éticos, a pesquisa atendeu aos pressupostos básicos da resolução 196/96⁶ do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos.

Assim, utilizou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que consta no Apêndice A, e que foi minuciosamente explicado em todos os seus itens, de modo que os objetivos, métodos, benefícios e possíveis inconvenientes deste estudo foram informados, estando todos os participantes cientes de sua liberdade em se abster, ou cancelar a participação a qualquer momento.

Em respeito à privacidade dos participantes, seu anonimato foi preservado, optando-se por referenciá-los, no caso dos longevos pela letra L acrescida do número correspondente à sua idade cronológica. Assim, participaram os longevos: L-61, L-67, L-78, L-86, L-100. Quanto aos gestores atribuiu-se o código G de GESTOR acrescido de M para Municipal, TS para terceiro Setor, e ITS para Intersetorial.

2.2 VIDAS LONGAS EM COPACABANA

*Se eu tivesse mil anos de vida, ou 999; Viveria em Copacabana, que é bonita até quando chove.
(Nova Copacabana, Nelson Gonçalves, 1953)*

A partir da premissa que Copacabana é o segundo local no Brasil com maior concentração de idosos, formou-se o grupo que gerou as narrativas deste estudo. O grupo entrevistado foi constituído de 5 longevas, e suas idades são: 61, 67, 78, 86 e 100 anos. Para caracterizar sua participação em trechos das narrativas, conforme o código estabelecido para referir-me ao grupo, as participantes serão apresentadas em ordem cronológica decrescente: L-100, L-86, L-78, L-67, L-61.

⁶ Resolução 196/96, disponível para consulta em: <http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/arquivos/-resolucoes/23_out_versao_final_196_ENCEP2012.pdf>.

2.3 FORMAÇÃO DOS GRUPOS

2.3.1 Critérios de formação do grupo

A formação dos grupos de participantes, Longevos e Gestores, deu-se a convite da pesquisadora. O ponto de partida e convergência foi uma Instituição da área de Saúde Mental, referência em Terapias expressivas, que a maioria dos entrevistados, tanto longevos como gestores, já frequentavam habitualmente. As exceções foram um longo, que soube da pesquisa, através de um gestor que atuava no Conselho Municipal de Idosos do Rio de Janeiro, e solicitou participar. Sendo que este mesmo gestor indicou e intermediou o convite a outros dois gestores.

Para o grupo de longevos, o critério inicial de formação do grupo foi etário, ter mais de sessenta anos, portanto estar inserido no marco legal do envelhecimento, e ter residência em Copacabana, por mais de dez anos, complementado pela disponibilidade e interesse em participar. Assim a partir destas premissas formou-se um grupo com o seguinte perfil sócio demográfico:

Quadro 2 - Longevos Entrevistados – Perfil Sócio Demográfico

Identificação do Longevo	L61	L67	L78	L86	L100
Idade	61 anos	67 anos	78 anos	86 anos	100 anos
Tempo de Residência em Copacabana	12 anos	67 anos	47 anos	50 anos	64 anos
Nível de Escolaridade	3º grau completo	Pós Graduação	Pós Graduação	Ensino fundamental	3º grau completo
Estado Civil	Divorciada	Solteira	Viúva	Solteira	Viúva
Renda per capita	Até 5 salários mínimos	Acima de 30 salários mínimos	Até 5 salários mínimos	Até 1 salário mínimo	Até 5 salários mínimos
Imóvel	Próprio	Próprio	Próprio	Próprio	Próprio
Habitantes no próprio domicílio	1 (a própria)	2 (a própria e sua mãe)	1 (a própria)	2 (a própria e uma cuidadora)	1 (a própria)

Fonte: elaboração da autora.

A maioria das entrevistas foram realizadas nesta instituição que já frequentavam, e o local foi escolhido de forma a facilitar o acesso para as longevas. Assim três entrevistas (L-61, L-67, L-78) foram feitas em espaço cedido para este fim, nesta instituição de saúde que frequentam regularmente, por ser um local conhecido e já inserido na rotina semanal. O horário do encontro, também foi escolhido de forma a coincidir com a presença delas na instituição para seus atendimentos ambulatoriais, evitando assim novos deslocamentos. A entrevista de L-86 foi feita em seu próprio domicílio, uma vez que, atualmente, devido a uma queda recente, locomove-se pouco, e com dificuldade. A entrevista de L-100 também, pois apesar de ainda sair sozinha, só se desloca para distâncias pequenas.

2.3.2 Grupo de gestores

Um critério determinante na participação de Gestores neste grupo, foi que tivessem mais de cinco anos de experiência em temas relacionados ao envelhecimento, e prática profissional atual em locais que atendessem longevos, em nível municipal, estadual, e/ou intersetorial.

A idade dos gestores variou de 35 a 64 anos. Todos tinham escolaridade de terceiro grau, Pós Graduação Lato Sensu, Mestrado, ou Doutorado em temas relacionados ao Envelhecimento, pelo menos 5 anos de atuação neste campo profissional, em atividades relacionadas ao Longevo. As questões de suas entrevistas, cuja estrutura encontra-se em Apêndice B, abrangeram políticas públicas para o envelhecimento, no Brasil, no Rio de Janeiro, a sua percepção sobre o bairro de Copacabana em relação às possibilidades que oferece ao longo, priorizando o olhar sobre as relações sobre Lazer e Paisagem, complementadas por percepções sobre o próprio envelhecimento.

Quadro 3 - Perfil Profissional dos Gestores

Gestores	Área de atuação	Idade	Tempo de atuação com envelhecimento	Especialização Profissional
GM	Municipal	35	9 anos	Mestrado em Envelhecimento
GE	Estadual	62	5 anos	Pós Graduação em Envelhecimento
GTS	Terceiro Setor	42	15 anos	Pós Graduação em Envelhecimento
GITS	Inter Setorial	64	30 anos	Doutorado em Envelhecimento

Fonte: elaboração da autora.

Os trechos significativos destas entrevistas serão comentados posteriormente, em análise dos resultados, contrastando dados em relação à percepção dos longevos e configurando, conforme Latour (2012), uma indicação para uma Cartografia das Controvérsias.

O gestor que será referido como GM daqui em diante, tem 35 anos, uma significativa experiência em gestão municipal na questão do idoso, tendo participado da equipe organizadora e gestora da primeira Casa de Convivência da Terceira Idade do Município do Rio de Janeiro. Sua tese de mestrado aborda pesquisa em envelhecimento.

O Gestor Estadual tem 62 anos, vem de intensa atividade de consultoria em Saúde e Envelhecimento, sendo que só nos cinco últimos anos é que trabalha diretamente com o público longo.

A gestora em Instituição do Terceiro Setor que será referida como GTS, tem 42 anos, ampla experiência com público idoso, que sofreu abusos e violências, tendo trabalhado por anos em intervenções domiciliares, para verificar denúncias de maus tratos a longevos. Tem Pós Graduação e especializou-se em alterações da memória no envelhecimento. Trabalha atualmente em uma ILPI, particular, e realiza em unidades do SESC, oficinas de memória gratuitas.

O quarto gestor, com 64 anos, será referidos como GITS, atua habitualmente em relação ao tema envelhecimento, implementando com estratégias de governança intersetorial, como palestrante em eventos internacionais, e realizando consultoria para Prefeituras, ONGS, Governos, tanto no Brasil, como em outros países.

O tamanho dos grupos definidos para os longevos e gestores nesta pesquisa, encontra apoio em Goldemberg (2003) quando ressalta que:

[...] quantidade é substituída pela intensidade, pela imersão profunda [...] pelas entrevistas em profundidade, da análise de diferentes fontes que possam ser cruzadas – que atinge níveis de compreensão que não podem ser alcançados através de uma pesquisa quantitativa. O pesquisador qualitativo buscará casos exemplares que possam ser reveladores da cultura em que estão inseridos. O número de pessoas é menos importante que a teimosia em enxergar a questão sobre várias perspectivas. (GOLDEMBERG, 2003, p. 50).

2.4 CLASSIFICAÇÃO DOS DADOS

Os dados coletados foram classificados como:

- a) dados primários obtidos juntos aos residentes Longevos de Copacabana e a Gestores de Instituições voltadas para o envelhecimento;

- b) dados secundários provenientes de materiais informativos disponíveis em fontes documentais, periódicos, blogs específicos sobre Longevidade, e sobre o bairro de Copacabana.

Pelas características transversais da pesquisa, os dados foram coletados em diversas fontes, com ênfase nas iconografias do campo escolhido, como forma de registrar e ilustrar com dados visuais, referentes à paisagem de Copacabana. Os dados primários e secundários coletados foram estruturados e comparados. Após a transcrição dos dados, o conjunto de informações obtidas foi analisado com base no referencial teórico de Bruno Latour, do Ator-Rede, que será detalhado posteriormente com o objetivo de elucidar as interpretações e conclusões fundamentadas nos resultados alcançados. Como se trata de pesquisa com abordagem exploratória e qualitativa, vai priorizar uma relação entre mundo objetivo e subjetividade como vínculos indissociáveis, que não podem ser traduzidas em números. Considera-se assim, que a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas neste processo de pesquisa. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados, que é descritiva, e o processo e seu significado, são os focos principais da abordagem (GIL, 1999).

2.5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Análise dos resultados e sua respectiva interpretação de dados fundamentou-se teoricamente na Teoria Ator-Rede de Bruno Latour, que tem como pressupostos básicos observar os atores em suas conexões, interações, redes, deslocamentos e atravessamentos, sejam estes Atores (Actantes) humanos ou não humanos. Assim por tratar-se de um estudo transversal, já que integra diálogos entre Longevidade, Paisagem e Lazer, naturalmente, estará se referindo à interação entre múltiplos atores, longevos, gestores, suas respectivas redes, que por sua vez desdobram-se em novas conexões, e as consequentes alianças e afastamentos, produto dos movimentos dos diferentes atores neste bairro. Os elementos paisagísticos em Copacabana, em sua morfologia e concretude, representam neste contexto atores não humanos, como referência visual icônica, de ressonância subjetiva, local, nacional e internacional.

Serão consideradas, como categorias complementares, características do “ambiente urbano amigável”, indicadas no Guia Global das Cidades Amigas dos Idosos (OMS, 2007), em relação à Copacabana, observando como serão referidas nas narrativas dos residentes longevos (Quadro 4).

Quadro 4 - Indicadores do Guia Global das Cidades Amigas dos Idosos

Categorias relacionadas às Cidades Amigas dos Idosos		Moradia
		Transporte
		Participação Cívica
		Acesso à informação
		Acesso a serviços médicos
		Acesso a serviços sociais
		Engajamento na vida pública
		Comunicação e adaptação da comunicação para o longo

Fonte: elaboração da autora apresentando indicadores do Guia Global Das Cidades Amigas Dos Idosos (OMS, 2009), com elementos a serem observados em Copacabana.

2.6 LIMITAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA

*[...] todo método tem possibilidades e limitações
(Vergara, 2000)*

A complexidade e transversalidade do objeto de investigação, o período de tempo disponível para realizá-la, e o fato dos três temas que se entrelaçaram no estudo serem polissêmicos, exigiu um recorte específico, e para que fosse feito, naturalmente foram instaurados limites, restrições e prioridades. Neste contexto, iconografias do bairro de Copacabana foram priorizadas para descrever sua paisagem, já que através da iconografia pode-se “ler imagens”, o que significa classificar seus significados, ler seu sentido. Para tal, há que delas se aproximar, detalhar esses sinais por meio de outras fontes, pelo trajeto do olhar, as impressões visuais globais, das rupturas ou contradições entre o que é percebido e que não é compreendido (FELDMAN-BIANCO; MOREIRA LEITE, 1998).

Posteriormente, em conclusões, serão incluídas proposições para novos estudos, que possam abranger novos olhares sobre os temas estudados, configurados a partir dos resultados desta pesquisa. Pois como registra Demo (1995) a pesquisa é uma atitude de questionamento sistemático, crítico e criativo, uma intervenção competente na realidade, um diálogo crítico permanente, em sentido teórico e prático. E como adverte Minayo (2008) o marco teórico de uma pesquisa, não se sustenta num discurso composto pelo desfile dos autores consultados. Ao contrário, deve constituir-se na construção de uma síntese, na qual o investigador expressa suas próprias ideias, pressupostos e hipóteses.

E agora que a caixa cinza está construída, os dados a serem coletados, e guardados nela, poderão mesclar controvérsias e incertezas, movimentos, conexões e traduções. Só resta seguir em frente, e com o Fio de Ariadne criado por Latour, deslocar-se pelo labirinto conceitual do que é “ser velho”, cartografando um contexto, em que o tempo, o “grande protagonista”, transforma corpos, paisagens, e na sua contínua trajetória, desafia atores a que sejam resilientes, e a recursos metodológicos que sejam produtivos, favorecendo concluir-se ‘a tempo’ e a contento, as metas previstas.

3 LONGEVIDADE: CONQUISTA OU PRIVILÉGIO?

*Tempo, tempo, tempo, tempo
Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Entro num acordo contigo.
(Oração ao Tempo – Caetano Veloso)*

A longevidade pode ser considerada como uma conquista existencial, como uma árdua construção biográfica ou como um privilégio genético, mas é inegável que ao alongar-se, conduz ao envelhecimento, em processo complexo e polissêmico.

A OMS ao abordar a questão do envelhecimento e, portanto da longevidade, opta por dividi-la em quatro categorias, demarcadas por cronologias, a saber: dos 45 aos 60 anos, meia idade ou maturidade, dos 61 aos 75 anos, idosos, dos 76 aos 90 anos, anciãos, e dos 91 anos em diante, velhice extrema. A Organização Pan Americana de Saúde (OPAS, 1986) define envelhecimento como:

Um processo seqüencial, individual, cumulativo, irreversível, universal, não patológico, de deterioração de um organismo maduro, próprio a todos os membros de uma espécie, de maneira que o tempo o torne menos capaz de fazer frente ao estresse do meio ambiente, e, portanto aumente suas possibilidades de morte. (OPAS, 1986, online).

A esta terminologia, velho, somam-se outras, de uso corrente, sendo que, dentre elas, a mais conhecida é Terceira Idade⁷ e suas variantes: Melhor Idade e Idade de Ouro, todas igualmente inadequadas e incapazes de dar conta da complexidade e diversidade das múltiplas formas de envelhecer. São designações sobre a velhice também envelhecidas e desgastadas, já que não contribuem à compreensão dos múltiplos significados presentes no processo de envelhecer. Igualmente inadequada é a expressão, “novo velho”, alcunha destinada à geração *Baby Boomer*⁸, que por certo não envelhece nos padrões do *status quo* desqualificador reservado aos idosos, que lhes é atribuído por outras gerações, pelo simples fato que estão envelhecendo. Uma geração que se acostumou a contestar, transgredir e inovar, não seria por estar envelhecendo que se submeteria. E ainda uma designação que em termos de inadequação, parece ainda pior que as anteriores: “jovens idosos”, que além de ser incongruente, nega, como na referencia anterior, a característica primeira da identidade do

⁷ Terceira Idade – Termo criado em 1962 pelo gerontólogo Huet para designar os recém aposentados franceses.

⁸ *Baby Boomer* – Termo usado para designar a geração nascida entre 1945 e 1964 nos Estados Unidos, e que teve como principal evento histórico negar-se a participar da Guerra do Vietnam.

idoso, que é a de sua velhice. Assim neste estudo será adotada a designação longo, aquele que pela sua cronologia está incluído no marco legal das políticas públicas de atenção ao idoso, a saber: Política Nacional do Idoso (LEI 8842/94) e Estatuto do Idoso (LEI 10741/03). Desde que no Estatuto do idoso está dito que **Envelhecer é um direito personalíssimo** pode-se acolher, sob a designação, longo, todos os cidadãos que vão envelhecendo das mais diversas formas e que, ao menos teoricamente, compartilham do guarda chuva legal disponível aos “velhos”, o qual em tese deverá proteger igualmente a todos.

Assim este estudo abordará indivíduos dos 60 anos em diante, considerando como longos⁹ todos os indivíduos que por sua idade encontram-se, pela classificação da OMS, designados como idoso, ancião ou velhice extrema, já que a partir, do citado marco cronológico, encontram-se inseridos em uma das categorias do envelhecimento preconizadas por esta organização. Deste modo, possuem longevidade suficiente para serem considerados legalmente idosos e necessitam como cidadãos de condições adequadas que lhes assegurem qualidade de vida e bem estar, considerando sua condição específica, recebendo os cuidados necessários para que desfrutem de situações propícias para a construção e manutenção de um envelhecimento ativo, caracterizado por saúde, autonomia e projetos existenciais em ação.

Uma estratégia efetiva para contribuir com melhores condições de envelhecimento é o que a própria OMS, em parceria com outras instituições voltadas ao estudo da longevidade faz: ampliar informações sobre envelhecer. Neste contexto, em parceria com o Centro Internacional de Informação para o Envelhecimento Saudável (CIES), coloca em ação o Movimento Global para o Envelhecimento Ativo (MGEA), cujo ápice das estratégias utilizadas, acontece de forma simultânea em 16 países e 124 organizações do Terceiro Setor, no dia Internacional do Idoso (01 de outubro) e, cujo lema coletivo é: **inaugurar uma sociedade para todas as idades**.

A estimativa da Organizações das Nações Unidas(ONU) considera que em 2025 o número de idosos será de 1,1 bilhões de pessoas, o dobro do ano de 2000 e cinco vezes mais que a população de 1950, o que justifica a presença e ampliação de ações desta natureza. O objetivo deste estudo exploratório visa buscar compreender interrelações e interações entre longevidade e o lugar em que se vive (Copacabana), assim vai se buscar analisar a influência da paisagem real, cultural e afetiva para promover bem estar e qualidade de vida do residente que envelhece e as implicações de conviver com várias fontes de lazer inseridas no ambiente cotidiano.

⁹ Longo: que atingiu idade bastante avançada; de vida longa. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/-longo>>.

Ao optar por delimitar como campo para esta pesquisa o bairro de Copacabana, considerou-se o fato do local apresentar grande incidência de residentes longevos, nas diferentes faixas de envelhecimento categorizadas pela OMS e que, notoriamente, possui uma paisagem agradável, já que por causa dela, o local foi considerado referência turística internacional e no âmbito municipal, considerado pelo decreto lei municipal N. 35000, **“destino preferencial para o turismo da terceira idade”**. Na investigação e sustentação da hipótese que a paisagem pode ser um fator benéfico para o bem estar humano, inclui-se também a fundamentação teórica que conceitua patrimônios imateriais e materiais da humanidade, incluindo entre eles a paisagem, seja cultural ou natural. Na Cartografia sobre Controvérsias (LATOUR, 2012) em relação ao Envelhecimento, há uma variedade de estudos divergentes que pretendem descrever causas, características, sintomas e consequências do envelhecimento. Não é o escopo deste estudo investigar teorias que explicam “por que se envelhece”, mas sim investigar fatores que podem contribuir com o bem estar, para quem **“já envelheceu”**.

Além de um ambiente favorável, no âmbito dos fatores que colaboram com o bem estar de quem “já envelheceu”, encontram-se como variáveis propícias para alongar a longevidade, mantendo a saúde, algumas indicações da medicina antienvelhecimento (MAE). Neste contexto podem mudar os teóricos¹⁰, mas entre vários há um consenso sobre dietas adequadas e atividades físicas constantes. Como o interior de uma residência pode não ser exatamente o melhor local para atividades físicas, salvo para aquela reduzida parcela da população que conta com uma academia de ginástica montada dentro da própria casa, tornam-se necessários ambientes adequados ao ar livre ou a possibilidade de frequentar espaços especializados para cumprir esta determinação, em busca da manutenção da boa saúde. Neste ponto, surge uma nova cartografia, pois começa o longo a esbarrar nas dificuldades de acessibilidade, locomoção e circulação no seu território, como meios de transporte precários e pouco amigáveis para o idoso, calçadas esburacadas, escadas íngremes, sinais de trânsito rápidos demais e longas distâncias a serem percorridas entre itinerários cotidianos. Na vida cotidiana do longo, opõem-se necessidades e impedimentos, providas pela precária acessibilidade urbana oferecida.

¹⁰ No Brasil, são referências da MAE: Rachid (2009), Binstock (2004), Arking (2004), Degrey (2004), Miller (2004). Medicina anti Envelhecimento: uma cartografia sociotécnica sobre as controvérsias da longevidade humana. Disponível em: <www.psicologia.ufrj.br/pos_eicos/pos_eicos/antonioleitaopdf>. Acesso em: 12 fev. 2015.

Avaliando os fatores do entorno do indivíduo que envelhece e as contribuições destes ao envelhecimento ativo, serão considerando os indicadores da pesquisa desenvolvida pela OMS e durante 13 anos, e coordenada pelo médico brasileiro, formado pela UFRJ, com Mestrado em Saúde Pública pela Universidade de Londres e Doutorado no mesmo tema pela Universidade de Oxford, Alexandre Kalache, sobre “As cidades amigas dos idosos” (OMS, 2007). O resultado deste trabalho de investigação de mais de uma década foi publicado pela OMS em 2007, com o nome de Guia Global das Cidades Amigas dos Idosos, apresentando os elementos considerados principais, para que um ambiente urbano fosse considerado “mais amigo do idoso”. Foram desenvolvidos estudos qualitativos com grupos de idosos, com variadas idades, a partir de 60 anos, de diversos níveis socioeconômicos, grupos só do gênero feminino, grupos de ambos os gêneros e além destes, grupos com prestadores de serviço e com cuidadores de idosos (OMS, 2007).

A partir desta coleta de dados inicial foram escolhidas as 35 cidades no mundo consideradas adequadas para receber o título “Cidade Amiga do Idoso”: Amã (Jordânia); Cancun e Cidade do México (México); Dundalk (Irlanda); Genebra (Suíça); Halifax, Saanich, Portege La Pairie e Sherbrooke (Canadá); Himeji (Japão); Islamabad (Paquistão); Istambul (Turquia); Kingston e Montego Bay (Jamaica); La Plata (Argentina); Londres (Reino Unido); Mayaguez e Ponce (Puerto Rico); Melbourne e Melville (Austrália); Nairobi (Quênia); Moscou e Turmazy (Federação Russa); Nova Deli e Uidapur (Índia); Portland e Oregon (Estados Unidos); Rio de Janeiro (Brasil); Ruthr (Alemanha); San José (Costa Rica); Xangai (China); Tóquio (Japão); Trípoli (Líbano); Udine (Itália).

O projeto seguiu pesquisando vantagens e obstáculos para o idoso na vida urbana. Foram avaliados espaços exteriores e edifícios, transportes, habitação, participação social, respeito e inclusão, participação cívica e emprego, comunicação, informação, apoio comunitário e serviços de saúde. O desdobramento desta ação foi ponto de partida, nas cidades mencionadas, para um crescente movimento comunitário e para a formação de uma rede amiga das pessoas idosas que facilitasse o desenvolvimento e a manutenção do envelhecimento saudável. Este mesmo pesquisador indicou ainda quatro grandes aliados para a longevidade saudável: alimentos adequados, bem estar emocional, solidariedade intergeracional e políticas públicas efetivas.

Em relação aos fatores emocionais, afetivos e subjetivos, em nível nacional encontram-se referências no Estatuto do Idoso e entre documentos mais recentes, em âmbito internacional, como a Carta de São José do Caribe (2012), que propõe a reiterada necessidade do idoso ser reconhecido, considerado e de proporcionar-se ao indivíduo que envelhece

memórias e paisagens afetivas que vão abranger um universo sensorial composto de aspectos perceptivos diversos, como cheiros e sons agradáveis, cores, texturas, belas imagens, que como estimulantes caleidoscópios, ativem sua memória e cognição, na longevidade. E também a Declaração do Rio¹¹ que se apresenta detalhada no Anexo B, e que defende princípios similares. Complementam e fortalecem os elementos básicos propiciadores do envelhecimento ativo, as providências de reconhecimento daquilo que as pessoas mais velhas representam nas suas comunidades: um abrangente leque de capacidades e recursos. No entanto, para que idosos possam expressar-se deste modo, é preciso antecipar suas necessidades e dar respostas flexíveis às suas demandas e preferências, decorrentes das características específicas do seu envelhecimento.

Estar longo vivo implica em ter tido tempo suficiente para amearhar um amplo patrimônio de memórias e paisagens afetivas, algumas alimentadas por décadas de trânsito cotidiano em determinados espaços, onde uma casa, um jardim, uma paisagem, oferecem referência e reafirmação para vivências emocionais e revê-las ou revivê-las, ainda que mentalmente, pode trazer reconforto e bem estar. E aqui se apresenta uma terceira Cartografia, opondo reconhecimento negativo, o mais comum, ao reconhecimento positivo, que atualmente começa timidamente a tomar forma.

Considerando que no Brasil os idosos encontram-se, majoritariamente, nos centros urbanos é importante compreender como se apropriam do espaço público, qual a importância das redes de sociabilidade formadas no bairro em que residem, protegendo e apoiando seu envelhecimento, e avaliando a qualidade do seu relacionamento com outras gerações. Lembrando também, que em termos práticos, “uma cidade amiga do idoso” adapta as suas estruturas e serviços de modo que os longevos possam incluir-se com facilidade, por apresentarem condições acessíveis às pessoas mais velhas, sendo deste modo receptivas às diferentes necessidades, e às capacidades físicas limitadas, características peculiares dos habitantes mais longevos da cidade.

D’Ávila Neto e Maciel (2012) a propósito de qualidade de vida e bem estar na coletividade, lembram que:

¹¹ Declaração do Rio: documento produzido pelos gerontólogos reunidos no Evento da WDA (World Demographic Association) Forum “Muito Além de Prevenção e tratamento. Desenvolvendo uma cultura do Cuidado.

[...] precisamos buscar modos alternativos de vida baseados em atitudes conscientes, e não só ficar discutindo soluções para problemas derivados de nossas atitudes, precisamos de modos mais criativos e inventivos de viver, de novas tecnologias [...] É isso que precisamos neste novo século, novas formas de responder à sociedade. (D'ÁVILA NETO; MACIEL, 2012, p. 188).

Assim, a existência de um inegável crescimento no envelhecimento populacional, conduz à necessidade de compreender como propiciar boas condições para a vivência de uma longevidade saudável.

Em relação ao público longo, o Município do Rio de Janeiro, em relação às outras cidades brasileiras, caminha bem, pois tem uma Secretaria de Qualidade de Vida e Envelhecimento Saudável (SESQV), sendo a primeira localidade brasileira a ter um Centro Internacional da Longevidade (CIL). Este Centro está atualmente vinculado ao Instituto Vital Brasil, e desde sua criação tem realizado eventos para informar, promover e debater sobre aspectos relacionados ao envelhecimento. Em novembro de 2013, no Rio de Janeiro, sua equipe coordenou o VIII Fórum Internacional da World Demographic Association (WDA), que reuniu gerontólogo representantes de 54 países, e que produziu a Declaração do Rio, convocando para a construção conjunta de uma “Cultura do Cuidado”, para gerar mudança nos paradigmas atuais sobre envelhecimento. Esta foi a oitava edição do evento, e suas sete edições anteriores foram realizadas na Suíça. Estas estratégias parecem viabilizar formas harmoniosas de convívio comunitário, e como enfatizam D'Ávila Neto e Maciel (1992, p. 186):

É essencial a integração da cultura como dimensão e finalidade do desenvolvimento, porque é nela que o desenvolvimento encontra seu impulso fundador, nas necessidades e nas aspirações dos indivíduos como coletividades, nos fins a que eles se propõem e nos projetos que os concretizam.

Reforçando esta proposição, em abordagem similar temos em D'Ávila Neto e Maciel (1992, p. 186):

[...] que o meio ambiente não pode ser encarado como um dado isolado, mas sim como cuidado da cultura de uma comunidade, isto é, um processo de interação entre o sociocultural, gerado pelo homem e a natureza. Não são possíveis ações ditas de desenvolvimento, seja de preservação ou modificações sobre o meio ambiente, dissociadas do homem, que a habita e, por conseguinte, de sua dinâmica cultural.

O entrelaçamento destes múltiplos fatores, para favorecer, proteger e cuidar da população idosa demanda então uma boa e efetiva governança e quem sabe. **Também uma afetiva governança.**

3.1 A CONSTRUÇÃO DE UMA GOVERNANÇA DO ENVELHECIMENTO: MICRO E MACROCOSMO

Uma cidade amiga do idoso é também uma cidade amigável para todas as idades.
(Kalache)

Considerando a renovação do conceito de governança, será possível¹² aplicá-lo a contextos cada vez mais diversos. Pallotino (2007) aponta que nesta transformação do discurso da governança, em síntese deve-se buscar nos níveis locais uma situação de cumplicidade e harmonia, que pode gerar o consenso para implantar as ações necessárias. Para tanto se torna importante a aproximação desta abordagem de governança renovada, a um aspecto vital para as comunidades em geral, seja no nível local, nacional, ou global: o envelhecimento humano. E a partir daí refletir sobre a questão: como integrar de forma harmônica, contingentes cada vez maiores de população longeva nas regiões em que residem? O que pode trazer-lhes mais bem estar e, portanto reduzir seus processos de adoecimento?

Retornando ao Guia Global das Cidades Amigas das Pessoas idosas (OMS, 2007), observa-se que este documento integra a ideia de envelhecimento global com aspectos da urbanização, buscando responder à questão: **como enfrentar o desafio do sucesso da humanidade?**. O guia mostrou-se bem sucedido, pois considerou que é importante atuar nas sociedades que estão envelhecendo, não para organizar pesquisas para conhecer os fatores que indicam quem vai morrer mais cedo ou mais tarde, mas sim de modo a oferecer segurança aos longevos, assegurando-lhes que estarão devidamente amparados, quando mais necessitarem de auxílio.

Esta proposta de estudo articulou estratégias de Governança Local e Global, configurando uma efetiva abordagem transdisciplinar em comunidades, através da articulação de diferentes atores, como associações, grupos de adesão e grupos de administração local. Tal como preconiza Palottino (2007), quando defende a ampla integração de um largo espectro de atores, para a criação e gestão dos bens e serviços de interesse comum, como aconteceu efetivamente no caso em estudo, propiciando a atenção adequada do meio urbano ao indivíduo longo. Assim, o *modus operandi* do referido estudo, caracteriza-se por uma ação estratégica compartilhada, consenso entre atores e apoio de mecanismos de regulação

¹² ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE - OMS. **Guia Global das Cidades Amigas das Pessoas Idosas**. Lisboa: OMS, 2007. Disponível em: <http://whqlibdoc.who.int/publications/2007/9789899556867_por.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2015.

governamentais. O aperfeiçoamento de políticas públicas beneficia-se da combinação entre participação democrática em conformidade com as expectativas dos cidadãos, e proporciona a eficácia dos serviços fornecidos.

O pesquisador Kalache (apud OMS, 2007) que coordenou este processo, estabeleceu um eixo teórico e operacional, cujo objetivo comum a ser alcançado era pesquisar o que facilitava o envelhecimento ativo, que conforme este programa da OMS, era conceituado como: “[...] processo de otimização de condições de saúde, participação e segurança, de modo a melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas envelhecem” (KALACHE apud OMS, 2007, p. 5).

Este tipo de estratégia encontra-se referendada por Pallotino (2007), quando defendem que a efetiva governança necessita da criação de consenso, identificação e compreensão das necessidades locais. Neste caso, construir a abertura para os novos atores, os longevos, organizando a construção de novas redes para sua inserção e possibilitando, desta forma, a tessitura social e comunitária compatível com a gestão de uma “cidade amiga do idoso”. Com a entrada efetiva dos longevos nas redes de discussão ampliou-se a dialética entre os diversos atores, favorecendo a construção conjunta de uma concepção renovada de interação social no envelhecimento, controle de qualidade dos serviços e cumplicidade dos longevos.

Na marcha inexorável para a finitude cabe investigar, atentamente, junto ao indivíduo idoso como sente e o que deseja, pois, se goza de lucidez deve comunicar de que forma quer viver, e trilhar seu caminho rumo a esta inexorável finitude. Assim, na dimensão de microcosmo, o longo vivo necessita informar como quer ser visto e tratado, já que cada indivíduo envelhece com suas memórias particulares, seus afetos, sonhos, tristezas e frustrações, precisando ser aceito e reconhecido em sua subjetividade e, também, em seus aches e limitações físicas decorrentes de sua senescência. Portanto, no caso específico do envelhecimento ativo, ao lado de técnicos, funcionários e cuidadores, ninguém melhor que o longo vivo para falar de suas próprias necessidades e das implicações do seu envelhecimento.

De modo geral, no Brasil, estigmatiza-se o idoso, que é pressionado a restringir-se às vivências **de gueto** tais como: O baile da Terceira Idade, o Clube da Terceira Idade, o Turismo para a Terceira idade. Havendo nestas estratégias uma indução para que permaneçam no confinamento dos territórios a eles destinados, inclusive no âmbito das políticas públicas. Este preconceito parece ter características universais, pois já adverte Beauvoir: “Queremos que os velhos se conformem à imagem que a sociedade faz deles. Impomos-lhes regras com relação ao vestuário, uma decência de maneiras, e um respeito às aparências” (BEAUVOIR, 1990, p. 268).

Nesta construção social de tessitura perversa, expressões como a Melhor Idade ou a Idade de Ouro, representam apenas eufemismos para encobrir, de forma sorridente, a exclusão do idoso. E outras, como quarta idade, utilizada para longevos com mais de 80 anos, apenas indicam que o campo que pretendem designar é muito vasto para o estreitamento que, na prática, estas categorias oferecem. Assim, sobram anos, longevos e subjetividades, que não cabem nestas representações genéricas, e que dificultam que indivíduos reais tenham vez e voz, evitando que se desperdicem verbas, esforços e intenções transformadoras, voltadas para os genuínos interesses do público longo vivo.

Aos gestores de políticas públicas cabe avaliar cuidadosamente se para o indivíduo idoso é melhor manter-se em seu próprio *habitat*, cercado por seus objetos, com seus costumes preservados ou a pretexto de oferecer-lhe maior conforto, asilá-lo e exilá-lo, em uma ILPI. Se a primeira hipótese for considerada melhor, refletir-se sobre o que mudar nas comunidades para que os longevos, mesmo com suas limitações, possam permanecer entre todos até sua partida... Em relação a este tema, para além da questão das comunidades locais interpretarem, atualizarem e implantarem políticas governamentais, há que providenciar-se e cuidar-se dos necessários recursos, não só nestes níveis, mas também em âmbito nacional para propiciar condições básicas de bem estar, cuidados de preservação da saúde, ou cuidados paliativos para que indivíduos longevos possam ficar em seu próprio *habitat*, confortáveis em seu processo de envelhecimento.

Observando estas questões universais referentes ao envelhecimento, em um eixo vertical de regras formais, encontra-se a política nacional do idoso desdobrada no Estatuto do Idoso. E como consequência prática, o fato que pouco ou nada do que lá está escrito vem sendo cumprido, pois é complexo assegurar-se que o que lá está proposto será propiciado, de forma abrangente, para um contingente de público tão grande e tão diverso.

3.2 O DESAFIO DA TEORIA DO RECONHECIMENTO: FORMAS IDEOLÓGICAS E FORMAS ÉTICAS DE RECONHECIMENTO SOCIAL DO IDOSO

O nexó existente entre a experiência de reconhecimento e a relação consigo próprio, resulta da estrutura intersubjetiva da identidade pessoal, os indivíduos se constituem como pessoas unicamente porque, da perspectiva dos outros que assentem ou encorajam, aprendem a se referir a si mesmos como seres, a que cabem determinadas propriedades e capacidades.
(Axel Honneth)

O preconceito ao idoso, presumindo incapacidades antes que estas se manifestem, se é que em algum momento vão se apresentar na forma presumida, limita horizontes existenciais e possibilidades de convívio comunitário e intergeracional. Convém não perder de vista que a forma como o envelhecimento é considerado, deriva fundamentalmente, de representações sociais com desdobramentos nas dimensões: subjetiva, coletiva, política e, sobretudo imaginativa. Que imagens sobre o envelhecimento, circulam na própria mente daquele que envelhece, na de seus familiares, que lhe assegurarão (ou não) a qualidade de suas relações intergeracionais, e na coletividade que o acolherá (ou não) com as suas peculiaridades de seu envelhecimento?

No publicação do Ministério da Saúde sob o título ‘Envelhecimento e Saúde da Pessoa Idosa’ (BRASIL, 2006, p. 17), há uma significativa orientação no quadro I, que aborda: “Como aprimorar a comunicação com a pessoa idosa: Evite infantilizá-lo, utilizando termos inapropriados como ‘vovô’, ‘querido’, ou ainda, utilizando termos diminutivos desnecessários (‘bonitinho’, ‘lindinho’, etc.)”. E pensar que se trata de um alerta para profissionais que recebem o idoso para um primeiro contato e acolhimento, e que a partir de 60 anos de idade, qualquer cidadão considerado velho por lei, está sujeito, pelo preconceito e pela representação indevida, a ser recebido desta forma para cuidados essenciais.

Honneth (2009) aborda questões similares, informando que a degradação valorativa de determinados padrões de autorrealização tem para seus portadores a consequência deles não se referirem à condução de sua vida, como caberia num significado positivo, no interior de uma coletividade. Por isso, informa este autor, o indivíduo vai de par com esta experiência de uma valorização social, de maneira típica, a uma perda de autoestima pessoal, ou seja, a possibilidade de se entender a si próprio como um ser estimado por suas propriedades e capacidades características. Algumas representações sobre o envelhecimento e sobre o idoso, ainda na atualidade, contribuem e reforçam sombrias perspectivas, associando a longevidade à decrepitude.

Os princípios básicos da Teoria do Reconhecimento de Honnet, foram construídos a partir de seus próprios estudos de Winnicott (apud SOBOTTIKA; SAAVEDRA, 2008). Assim, a partir destes fundamentos teóricos, este autor concluiu que da mesma forma que uma criança pode estabelecer com sua mãe uma relação positiva, e destas primeiras interações originar-se a autoconfiança, esta criará também a base para a “autoconfiança” nas relações sociais entre adultos. Esta conexão caracteriza então o primeiro nível de reconhecimento, baseado no amor, e que se desdobrará em “autorrespeito”, fator que para Honnet complementará a base necessária para a participação na vida pública (SOBOTTIKA; SAAVEDRA, 2008).

A segunda esfera do Reconhecimento para Honnet, já abrange um tipo de autorrelação que caracteriza a forma de “Reconhecimento de Direito”, configurando as estratégias que levam indivíduos a construção da consciência que são “sujeitos de direito”. Neste contexto, pré julgar ou pressupor que indivíduos que envelheceram, necessariamente terão problemas cognitivos, precisarão ser tutelados, ou não terão autonomia e adequação suficiente para ocupar o tempo livre é negar-lhes *a priori* a condição de “sujeito de direito”.

O reconhecimento na maioria das vezes está ancorado na concepção de *status*. Assim, para Honnet, haveria a condicionante, para obtenção de reconhecimento jurídico, da condição de “membros ativos” da comunidade, e “apenas” em função da posição que ocupam nesta sociedade. Deste modo um idoso, que se aposenta, ao perder renda, autoridade, pode também perder reconhecimento. Indivíduos estão sempre vinculados a uma complexa rede de relações intersubjetivas e, conseqüentemente, são dependentes estruturalmente do reconhecimento dos outros indivíduos, e a experiência social de desrespeito pode levar à “paralisia” do indivíduo ou de um grupo social (SOBOTTIKA; SAAVEDRA, 2008).

Ao considerar as concepções de Loureiro (1998), entende-se que a velhice não deve ser considerada apenas como uma categoria cronológica, nem como um percurso de degenerescência física e mental, mas de forma natural, apenas como um período da vida. E neste mesmo entendimento Castoriadis (1999) defende a ideia que cada um de nós possui seu espaço e tempo próprios, e uma rede de sentidos que ultrapassam o que é meramente biológico do fenômeno do envelhecimento. Complementando estas ideias Stano (2001) lembra que, sendo o tempo uma dimensão essencial ao ser humano, esse processo de controle e regulação sobre ele, resulta num impedimento de construção de sentidos próprios, particulares de cada sujeito. Ou seja, impede o sujeito de construir sua própria história, destituindo o ser histórico do estar no mundo. Neste contexto as categorias de

envelhecimento, que classificam por cronologias, reduzem a códigos, o que é singular e pessoal.

Reunir longevos, sob o rótulo único de “terceira idade”, independente de suas histórias, travessias, dos sonhos e esperanças que fortalecem seus dias, e de sua subjetividade, consiste em restringi-los numa representação que lhes retira visibilidade, e o poder de exercitar a liberdade de novos aprendizados e novas maneiras de ser. Esta percepção é ampliada por Stano (2001) ao falar da velhice escamoteada, retirada das vistas dos que não suportam a paisagem das rugas e das degenerescências físicas, que vem a ser o caso dos idosos banidos para as ILPI. Ressalta as peculiaridades do tempo do envelhecimento, quando este é inserido no espaço da economia e da sociedade industrial. Pois, segundo esta autora, neste lugar, desdobra-se a percepção de velhice coisificada, congelada e imobilizada, para caber nos ditames de uma sociedade industrializada, automatizada, atomizada, e robotizada. E neste tempo peculiar, nascem as legiões da Terceira Idade, coisificadas neste rótulo, a serem mansamente conduzidas às casas de convivência, aos bailes da terceira idade, ao turismo da terceira idade, em ostensivo *apartheid*¹³ cronológico, em que perdem o direito de experimentar, transformar e viver com liberdade sua velhice.

Moscovici (1976) ensinava que representações sociais podem explicar a natureza das transformações do senso comum e dos diversos processos de comunicação e comportamentos coletivos. Neste contexto, representação social designa ao mesmo tempo um produto e um processo. E neste âmbito das representações, na forma proposta por Moscovici, igualmente, refere-se Stano, considerando que a velhice vem sendo inventada como problema, o que pode ser agravante em prol de dificuldades na seguridade social, no mercado de trabalho, em dispositivos de lazer, no atendimento médico hospitalar e outros serviços, que já se mostram ineficientes para atender o contingente atual de pessoas acima de 60 anos no Brasil. E prossegue a autora, convidando a ressignificarmos o envelhecimento, não só por suas determinantes biológicas, mas sobretudo por sua composição múltipla de elementos sócio culturais que, muitas vezes, independem da idade cronológica.

Neste território inovador de conceber a velhice nos auxilia Morin (1998, p. 35) ao afirmar que “[...] a capacidade de receber o sentido, de fazer algo com ele e de produzir um sentido novo dependerá da construção da realidade com o outro.” Segundo este autor, trata-se da possibilidade, de um trabalho lúcido de si. Já que o “ser sujeito” é sempre um projeto, em parte já realizado e, em outra parte, com possibilidade de realização.

¹³ *Apartheid Cronológico* – Tal qual a política de segregação racial que deu origem a esta expressão uma “política” de segregação etária, que aparta os cidadãos idosos do convívio intergeracional.

Honneth (2009) em sua teoria sobre o reconhecimento correlaciona autorrealização, autoestima, autorrespeito com as possibilidades de cada indivíduo ver-se como um sujeito com acesso ao devido reconhecimento jurídico. Ressalta que o reconhecimento positivo fortalece simultaneamente todos os elos desta relação.

O desenvolvimento da autonomia é fundamental para que “sujeitos de direito” possam decidir de forma consequente, mas para que isto aconteça é necessário que historicamente surja uma forma de proteção jurídica contra a invasão da esfera da liberdade, garantindo a chance de participação pública, e assegurando um mínimo de bens materiais para a sobrevivência. Assim para Honneth (2009) a terceira forma de reconhecimento está na comunidade de valores e na solidariedade. É quando uma pessoa pode sentir-se valorizada, porque suas capacidades individuais são reconhecidas, e ela não é mais avaliada de forma “coletivista”. Para que atores sociais possam desenvolver um auto relacionamento positivo e saudável, precisam ter a possibilidade de viver bem, sem sofrerem experiências de desrespeito. A este respeito a gerontóloga Laura Machado (2010) faz um significativo levantamento em relação ao reconhecimento global da importância da população idosa, e aponta suas necessidades descuidadas, relatando que:

Na ONU já existem convenções dos direitos civis e políticos, dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial, convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres, Convenção sobre o Direito das Crianças e, mais recentemente, a convenção sobre os direitos das pessoas portadoras de Deficiência. Falta uma convenção para os Direitos das Pessoas Idosas, para que todos os países membros da ONU, sobretudo os países em Desenvolvimento onde estarão vivendo neste século três quartos da população idosa, se comprometam formalmente com a proteção dos direitos dos idosos. (MACHADO, 2010, p. 169).

Nesta reflexão sobre representação e reconhecimento em relação ao indivíduo longo, Dubar (1997) comenta que envelhecer, mais que um processo biográfico, é um processo relacional que, pelo reconhecimento, num dado momento e num determinado espaço de legitimação, permite a reconstrução de identidades. O que neste contexto, considera também o fluxo em “dupla via”, pois o próprio longo também terá suas responsabilidades e tarefas, para promover e fortalecer o reconhecimento que o qualifica, informando sobre suas potencialidades e sobre os valores da sua cronologia.

Durante o evento “Por Uma Cultura de Cuidado”, da WDA¹⁴, algumas vezes utilizou-se a expressão, “auto-abandono”, como um alerta do que se evitar no envelhecimento, e como contra partida foram também abordadas estratégias para maximizar os benefícios do envelhecimento ativo. Neste contexto, ressaltava-se que se o longo tempo está lúcido, deambula sem auxílio de terceiros, o pior adversário do seu envelhecimento poderá ser ele mesmo, através de atitudes omissas, não tomando as providências cotidianas necessárias, seja da dieta, da fisioterapia, da regularidade nas medicações, seja no conjunto de providências mais gerais para gerir seus próprios interesses.

Neste sentido o Conselho Municipal do Idoso do Rio de Janeiro¹⁵ é enfático ao publicar e difundir uma cartilha com itens básicos a serem considerados para o idoso não perder-se de si, neste referido “auto-abandono”. O documento alerta que para cuidar-se bem o idoso deve:

- a) conhecer seus direitos;
- b) manter sua liberdade e autodeterminação;
- c) não deixar que sua família decida por ele/ela;
- d) manter o controle dos seus bens;
- e) decidir se quer ajudar economicamente um familiar;
- f) elaborar um projeto e colocar-se novos desafios;
- g) participar ativamente na sociedade;
- h) manter-se informado sobre a oferta de recursos sociais e sanitários;
- i) decidir quem pode ajuda-los/as e de que forma;
- j) pedir ajuda quando sentir-se maltratado e se utilizar dos recursos legais nos casos necessários;
- k) cuidar-se, prevenir doenças e manter hábitos saudáveis.

E termina lembrando que “uma pessoa informada dificilmente terá seus direitos violados”.

Neste sentido uma visão realista dos próprios limites, e dos próprios potenciais, pode gerar para o longo tempo uma equação existencial a ser revista e equilibrada todos os dias. Sobre estes aspectos Zimmerman (2000) comenta sobre a necessidade de administrar e compreender as transformações que ocorrem em diversos âmbitos, incluindo aspectos fisiológico,

¹⁴ Evento organizado pela WDA em conjunto com a Bradesco Seguros e UniverSeg, em associação com o Centro de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (CEPE), parceiros da academia, Governo, organizações da sociedade civil e as Nações Unidas (Vide ANEXO B).

¹⁵ Cartilha do Idoso-Conselho Municipal do Idoso do Rio de Janeiro.

emocional e social na longevidade. Esta providência configura-se em uma estratégia de resiliência. Complementa ainda que o envelhecimento social é construído por normas e eventos, que tomam por critério a idade, dando o exemplo da exclusão compulsória do contexto laboral, aos 70 anos. E que estes fatos, apesar de serem exemplos radicais e dolorosos para o idoso que não pretendia parar de trabalhar, não devem interferir negativamente na sua identidade, pois identificar-se com eles, é acrescentar-lhes ainda mais poder de dano. Compartilhando estas ideias, a questão proposta por Mattos (2011, p. 31) de como dar o devido reconhecimento ao longo, lembra que:

O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-se-lhe, por lei ou outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

No entanto, apesar das frequentes representações que dão relevo às incapacidades e perdas da velhice, que ainda prevalecem, é possível inovar, e sobre estes novos temas comenta Oliveira (2012, online), em seu artigo:

Ninguém quer parecer idoso, já que ser idoso está associado a uma sequência de perdas que começam com a beleza e a saúde. Verdadeira até então, essa depreciação vai sendo desmentida por uma saudável evolução das mentalidades: a velhice não é mais o que era antes. Nem é mais quando era antes. Os dois ritos de passagem que a anunciavam, o fim do trabalho e da libido, estão, ambos perdendo autoridade. Uma verdadeira mudança de era nos leva de roldão, oferecendo-nos ao mesmo tempo, o privilégio e o susto dela participar.

No sentido de promover um atendimento digno e adequado e uma governança efetiva e intersetorial, para a premente questão de políticas públicas que possam beneficiar o envelhecimento ativo, o primeiro município no Brasil a ter um CIL foi o Rio de Janeiro, no bairro da Gávea. Esta Instituição foi inaugurada em 21 de março de 2013, integrando uma aliança global (International Longevity Center), formada por centros congêneres que se encontram, atualmente, sediados nas seguintes cidades: Nova York, Londres, Paris, Tóquio, Cidade do Cabo, Buenos Aires, Beijing, Cingapura e Amsterdam. O objetivo destas instituições é pesquisar sobre o envelhecimento, propor consultoria, fazendo a difusão de informações em governança conjunta, integrando instituições acadêmicas, governamentais e da sociedade civil.

3.3 SENESCÊNCIA: VIDA QUE PASSA

Todos os corpos são traidores. Essa traição incontornável, que não é segredo para ninguém, não justifica transformar nossos dias em sala de espera, espectadores conformados e passivos da degradação das células e dos projetos de futuro, aguardando o dia da traição...
(Rosiska Darci de Oliveira)

A senescência constitui-se em processo natural e progressivo de degeneração de processos metabólicos do ser humano, com perda de funcionalidades corporais. É configurada pelo envelhecimento biológico e gradual a nível celular, tecidual e orgânico de todo ser vivo, e naturalmente está inscrita no percurso da longevidade. Mas, apesar disto, atualmente percebe-se como relativamente comum, que indivíduos com 80, 90, ou até 100 anos mantenham capacidades vitais preservadas e autonomia existencial. A este fenômeno, teóricos como Kalache (apud OMS, 2007) e outros gerontólogos¹⁶ vinculados a outros centros internacionais desta mesma rede dos CIL, chamam “revolução da longevidade”, apesar de amplos setores da sociedade ainda confundirem senescência com senilidade.

Assim, cabe registrar e demarcar as diferenças: Na senescência, o longo pode aprender a adequar-se, gradualmente, às limitações físicas decorrentes do envelhecimento. Na senilidade as limitações são amplamente incapacitantes, e podem ocorrer abruptamente, impedindo a autonomia existencial e operacional para as atividades de vida diária. Como esta marcha limitante, que ocorre na senilidade, onera os cofres públicos e os planos de saúde privados, há um movimento significativo de pesquisas em relação a identificar com “quantas variáveis” se faz um longo saudável. Aqui no Brasil encontra-se em andamento uma relevante pesquisa da geneticista da USP Mayana Zatz, para formar o Banco de Dados dos 80+. Trata-se do sequenciamento genético do DNA de mil (1000) indivíduos saudáveis, com mais de oitenta anos, acompanhado de exames de ressonância magnética e entrevistas sobre seu estilo de vida (CENTRO DE PESQUISA SOBRE O GENOMA HUMANO E CÉLULAS-TRONCO, [2013]. No grupo pesquisado há longos famosos e anônimos, e a pesquisa tem, além da verificação das questões fisiológicas, como objetivo complementar, mapear detalhadamente, e difundir o estilo de vida de vinte destes participantes, com o propósito de franquear ao grande público, exemplos ilustrados de como na prática, há formas bem sucedidas de alcançar e manter uma longevidade saudável.

¹⁶ Gerontólogo: Rodrigues, M. L. (Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia - SBGG); Hokins (WDA – EUA); Grösmann, D. (Fio Cruz – Brasil); Eldemire, D. (Jamaica); Meza, E. R. C. (Costa Rica).

Aqui no Rio de Janeiro, o CIL como organização parceira do Centro de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (CEPE), e também do Instituto Vital Brasil, organiza ações que dialogam com os pressupostos contidos no documento sobre envelhecimento, denominado Carta de São José (ONU, 2012), sobre o direito das pessoas idosas na América Latina e no Caribe, que foi construído na Terceira Conferência Regional Intergovernamental sobre Envelhecimento na América Latina e Central.

No âmbito deste estudo, vale remarcar que o envelhecimento acontece, simultaneamente, em corpos e paisagens, e que ambos são ao mesmo tempo territórios, continentes e referências. Com a passagem do tempo, corpos e paisagens perdem suas formas, funções e potências originais. Os corpos, apesar dos acelerados progressos e conquistas, promovidos pela MAE, sofrem as graduais e implacáveis restrições do tempo, e no âmbito das paisagens, apesar dos esforços das políticas preservacionistas, grande parte vai sendo degradada e perdida.

A longevidade impõe ao corpo graduais limites, decorrentes da perda e redução de funções metabólicas enquanto, simultaneamente, aceleradas mudanças ambientais impõem ao longo, a percepção de que seus lugares de viver sofrem transformações inexoráveis, que anulam referências ambientais e afetivas de uma vida. Estas mudanças, que muitas vezes pautam-se pela perda, constituem-se em eventos que, em muitas situações, são vividos de forma dolorosa e ressentida, e dentre eles pode-se relatar mudanças arquitetônicas causadas por demolições, e a degradação na paisagem, pelo corte de árvores centenárias, pela poluição visual e sonora, pelo aumento no fluxo no trânsito, gerando dificuldades no deslocamento, pelo lixo descartado a céu aberto, fatores diversos que reunidos ou isolados, comprometem a qualidade de vida.

No entanto o estatuto do Idoso prevê em seu artigo terceiro que:

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do poder público, assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do seu direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito, e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 2003, online).

Mas, ao observar-se o teor de políticas públicas vigentes, considerações pelas peculiaridades de longevos e suas histórias, não parece ser a pauta mais relevante das preocupações a serem contempladas nestas ações. Para ilustrar, apresentam-se justificativas do Ministério do Turismo relativas as implementações do Projeto de Turismo para a Terceira Idade:

Em vários países, já há programas turísticos para atender às necessidades das gerações mais velhas. Fora do processo produtivo e vivendo da aposentadoria, elas representam um novo segmento para o turismo. Nos Estados Unidos este público responde por 80 por cento do total de viagens domésticas do país. Na Europa, de cada seis turistas, um já passou de 60 anos. No Brasil, a participação é de aproximadamente vinte por cento, o que significa 9 milhões de idosos viajando todo ano [...] **é uma forma de contornar os efeitos negativos da sazonalidade (baixa temporada)** (SEBRAE, [s.d.], online, grifo nosso).

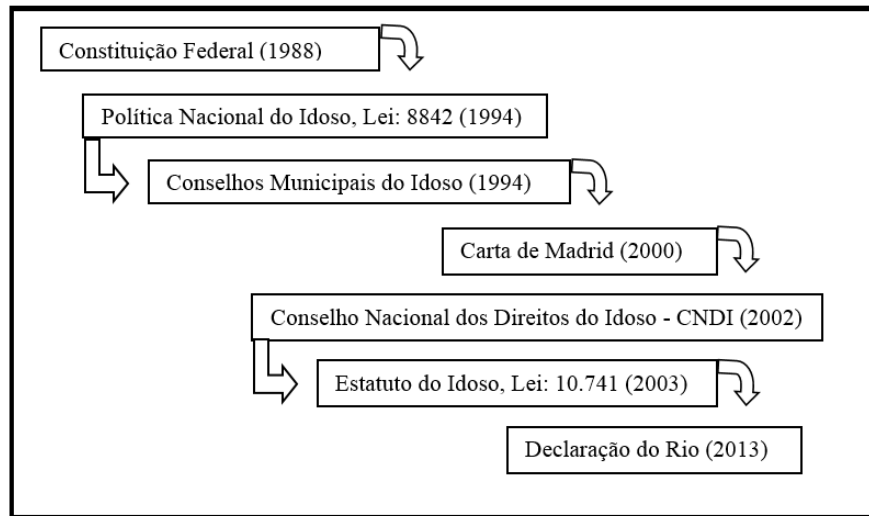
E caso ainda restem dúvidas sobre o que move o programa e qual seu principal objetivo ressalta-se que: “Quando orientados e planejados de maneira adequada os programas de Turismo para a Terceira Idade são **uma opção de melhorar a rentabilidade e estabilidade dos empregos.**” (SEBRAE, [s.d.], online, grifo nosso).

Na pesquisa coordenada por Alexandre Kalache na OMS, buscando identificar fatores de sustentabilidade para o envelhecimento saudável, inicialmente, 35 cidades do mundo foram escolhidas por seus atributos e consideradas amigas dos idosos, e no Brasil, a princípio, a cidade escolhida foi o Rio de Janeiro. Atualmente, a cidade de São Paulo, também está incluída nesta nova rede de atores sociais, que em esforços conjuntos e intersetoriais buscam fortalecer uma transformação coletiva, com o objetivo de oferecer um ambiente urbano amigável para o idoso.

Para que uma cidade receba esse título deve ser avaliada em oito quesitos: moradia, transporte, participação cívica, acesso à informação, acesso a serviços médicos, acesso a serviços sociais, engajamento na vida pública, comunicação e adaptação na vida da comunidade para o longo prazo. Esta rede, cuja difusão começou em 2007, vem recebendo significativos reforços, e em 2013 foi criada a Rede Ibero Americana de Cidades Amigas dos Idosos (RICA), o que configura, claramente, a expansão e fortalecimento desta forma de Governança Intersetorial do Envelhecimento.

Neste contexto, para propiciar o reconhecimento efetivo da cidadania do longo prazo, urge que sejam se engendrem construções simbólicas e representações do envelhecimento inovadoras, reduzindo a discriminação, reforçando o protagonismo social dos idosos, e para tanto, um aliado importante consiste no exercício da solidariedade intergeracional. Assim um conhecimento pertinente é aquele capaz de contextualizar, isto é religar, globalizar (MORIN, 1998). Segue reforçando esta ideia, ao dizer que o sentimento de uma comunidade de destino profundo, liga-se às ideias de **solidariedade e fraternidade**.

Neste âmbito de intenções, a governança do envelhecimento, dos níveis locais ao nível global, já tem as trilhas traçadas, resta seguir o caminho, realizando as complexas tarefas necessárias.

Figura 1 - Governança do envelhecimento: uma linha de tempo

Fonte: elaboração da autora.

O documento mais recente, a Declaração do Rio, que consta na íntegra no Anexo B, ilustra algumas significativas conquistas na governança intersetorial do Envelhecimento e construção de novos e mais fraternos olhares sobre a velhice. Como ensina Latour (2012, p. 207): “[...] tudo depende do tipo de ação que flua de um para outro”.

O que temos de enfatizar é o trabalho, o movimento, o fluxo e as mudanças (LATOUR 2012). Agora que algumas das controvérsias relacionadas, aos atores longevos já foram apresentadas, é hora de continuar o deslocamento, desta vez em direção aos actantes não humanos, que concedem aos atores humanos o benefício de sua presença, sua beleza, sua proteção. O Fio de Ariadne agora chega à Paisagem. É hora de observar cenários, avaliar sobre sua estabilidade e preservação, pois é bem provável que atores longevos precisem de algumas “demarcações estáveis”, para movimentarem-se com mais segurança.

4 PAISAGEM

*As cidades feias que me desculpem, mas beleza é direito fundamental.
(Marchezini)*

A paisagem tem uma significativa possibilidade de gerar bem estar, por isto será tratada, a princípio, à luz dos conceitos de salvaguarda e patrimônio, ampliadas pelas concepções de Yu-Fu Tuan (1974), que entrelaça lugares e vivências afetivas, e ressalta também o valor da paisagem como um patrimônio cultural. E complementada pelas concepções de Pierre Nora (1984) sobre os “Lugares da Memória”, para contemplar as questões referentes à ação do tempo na paisagem, suas transformações, degradação ou desaparecimento, que no caso deste estudo, representará o que resta delas, intacto na memória de cada longo.

Na Conferência Mundial Sobre Políticas Culturais, no México, em 1982, ficou estabelecido que a paisagem seja considerada em seus múltiplos significados, abrangendo entre estes, o seu aspecto cultural: ou seja, como determinado território pode ser percebido por um indivíduo ou por uma comunidade. Deste modo, a paisagem oferece o testemunho do passado ao presente, registrando o relacionamento existente entre indivíduos e seu meio ambiente, ajudando a especificar culturas locais, sensibilidades, práticas, crenças e tradições (IPHAN, 1985).

Vários autores tratam das representações imaginárias sobre espaços urbanos guardados nas lembranças individuais e coletivas de seus residentes. A opção por dar relevância, neste estudo, às abordagens de Yu-Fu Tuan (1974) e Pierre Nora (1984) considerou que seus pressupostos teóricos reforçam o valor emocional do lugar em que se vive, ou dos lugares, nos quais por alguma razão, há que se interagir. Posteriormente no capítulo 7, será feita a comparação destas questões com a teoria de Latour sobre o Ator-Rede¹⁷, através de trechos das narrativas dos longevos entrevistados, compartilhando suas interações percepções em relação à paisagem.

Tuan (1974) desenvolveu uma teoria a que denominou topofilia, que investiga os elos afetivos entre pessoas, lugares e ambientes físicos. Considera preponderante a função dos sentidos como traços comuns compartilhados coletivamente (visão, audição, olfato, tato), e ressalta a possibilidade de uma percepção sensorial global, como fator importante para

¹⁷ Atribui as mesmas causas sociais para os acertos e os erros, relativizando os fatos e propondo um novo modo de ver a ciência. Para Latour, os fatos científicos são construções coletivas fixadas através de alianças entre atores (humanos e não humanos) formando uma complexa rede (LATOUR, 2012).

estabelecer relações afetivas com um lugar. Fundamenta esta concepção na psicologia das cores, no simbolismo das mesmas e suas relações com as fases cronológicas da vida humana.

Destaca também, a importância das relações entre percepção e cultura, apontando como podem ser divergentes as percepções de um residente e de um visitante. Defende a ideia da íntima relação entre meio ambiente e visão de mundo, e de como a acuidade perceptiva poderá ser prejudicada por aquilo que chama “meio ambiente severo” ou as “paisagens do medo”, locais onde predominam caos e violência (TUAN, 2005).

O seu conceito de topofilia do autor citado pauta-se pela ideia de que o meio ambiente pode propiciar contextos para a apreciação estética, e que este tipo de contato físico gera saúde. Categoriza em seus estudos a importância das paisagens simbólicas e das paisagens sagradas, propondo refletir sobre elementos facilitadores para o que chama de uma “cidade ideal”, sendo que nesta, a seu ver, deverão estar presentes o que nomeia de símbolos de transcendência.

Cabe registrar que seu estudo busca compreender diálogos possíveis entre ambiente físico, e estilos de vida urbana, e nestas relações, dá ênfase na investigação das experiências vividas e na satisfação com o local em que se vive. Deste modo, os principais tópicos presentes na construção teórica de Yu-Fu Tuan (2005), oferecem sustentação a um recorte privilegiado neste estudo exploratório: os diálogos afetivos entre longevos (de Copacabana) e sua paisagem cotidiana mediados pelos costumes, e pela cultura local.

O benefício da contemplação e da percepção estética, tal como a descreve Tuan (2005), é de tal importância, que órgãos governamentais de âmbito internacional como a United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), e nacionais como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAM), definem regras para preservar a possibilidade de contemplação e usufruto de determinadas imagens, inseridas em paisagens, tradições e saberes. Apresentam um regramento jurídico específico, propiciando que estas imagens sejam preservadas das consequências e contextos de uso destrutivo e das agressões do tempo. No caso das paisagens, sejam naturais ou criadas por mão humana, podem, ao serem vistas, proporcionar sensações tão significativas de bem estar, que nesta função podem contribuir para proporcionar melhor qualidade de vida. Por isso, tem o potencial de serem preservadas e consideradas patrimônio da humanidade.

4.1 PAISAGEM CULTURAL

*A paisagem pode ser uma realidade interpretada pelos habitantes e subjetivamente dotada de sentido por eles, na medida em que forma um mundo coerente para as ações cotidianas.
(Amorim Maciel)*

A relação entre residentes e seu entorno origina o conceito de paisagem cultural e em algumas situações, também o chamado patrimônio imaterial da humanidade, onde se considera que a relação entre indivíduo e paisagem se apresenta tão íntima, visual e afetiva, um elo tão forte do convívio cotidiano e comunitário, que como tal merece ser protegida e conservada. Esta compreensão encontra-se, também, profundamente arraigada em temas básicos dos estudos de Ecologia.

Em 21 de julho de 2003, foi criada na cidade do Rio de Janeiro, a Instituição do Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, que constituem o Patrimônio Cultural Carioca, com a finalidade de preservar sua memória coletiva e intangível, referente a modos de fazer e viver, das criações artísticas, científicas e tecnológicas; das atividades e celebrações; dos lugares e das formas de expressão. Sendo que no desenvolvimento deste estudo exploratório, será atribuído igual valor às vivências e interações com as paisagens concretas, tanto quanto com as paisagens imateriais e imaginadas, conservadas através de memórias e de vivências afetivas.

Em 1º de julho de 2012, a cidade do Rio de Janeiro recebeu o título inédito de Patrimônio Cultural da Humanidade. Segundo essa categorização da UNESCO, diferentes atores sociais, encabeçados pela prefeitura, passaram a ter a responsabilidade de manter íntegras as possibilidades de contemplação de determinadas paisagens agradáveis e, simultaneamente, construir, preservar e manter, dentro do espaço urbano a ser preservado, a possibilidade de criação contínua de eventos pertinentes, no sentido de promoverem a boa qualidade da convivência e lazer cultural. Já que complementarmente ao conceito e categorização de patrimônio imaterial, abrangendo a conexão e preservação de determinados usos e costumes, são referenciadas relações profundamente subjetivas e afetivas em relação às tradições, memórias, saberes, aromas, formas, cores, sons e espaços, que também merecem ser preservados, pela sua importância cultural em determinados territórios.

Para ampliar a compreensão deste contexto, vale lembrar que o IPHAN divulgou que em 1992, no âmbito das paisagens e através da UNESCO, houve uma ampliação do conceito, passando a incluir também a paisagem cultural, pois até aquela data, o conceito abrangia

apenas áreas rurais, jardins históricos e locais de cunho simbólico, afetivo e religioso. Dentro desta nova ótica, no Rio de Janeiro, com a finalidade de preservação, em 06 de julho de 2012 foi criado o Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH), sendo, simultaneamente, criadas quatro novas Áreas de Proteção de Ambiência Cultural (APAC). Uma delas abrange a orla de Copacabana, e estas novas APACs contam com a fiscalização da Guarda Municipal, através de cinco Unidades do Patrimônio da Humanidade (UPHS), com seus respectivos destacamentos para monitorá-las. O título gerou a responsabilidade de reconhecer e intensificar a conservação de dois exemplos significativos de paisagem cultural: **Praia de Copacabana e Forte de Copacabana**.

O Rio de Janeiro, ao colocar-se como primeira cidade no mundo a candidatar-se, e conseguir ser identificada como patrimônio mundial, por sua paisagem cultural urbana, passou a ter novas e contínuas tarefas de preservação. Esta ação inovadora da cidade, através dos diversos atores sociais envolvidos, ampliou e fortaleceu a possibilidade de uma nova visão, e uma abordagem mais abrangente sobre bens culturais que podem ser inscritos na lista do Patrimônio Mundial.

**Figura 2 - Forte de Copacabana:
Patrimônio Cultural da Humanidade**



Fonte: Portal Transparência, [2012].

**Figura 3 - Orla da Praia de Copacabana:
Patrimônio Cultural da Humanidade**



Fonte: Portal do Leblon, [2012].

Naturalmente, bens culturais podem traduzir-se em bens imateriais, também chamados de intangíveis, ou seja, aqueles que podem ser definidos como expressões culturais e tradições transmitidas, recriadas de geração em geração, despertando sentimentos de identidade, solidariedade, e continuidade de um grupo ou comunidade (KOK, 2011, p. 203).

Na cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Copacabana, a propósito do conceito de paisagem cultural urbana, a Sociedade de Amigos de Copacabana¹⁸ em uma de suas ações em benefício do bairro, solicitou à prefeitura que a iluminação da orla fosse restaurada e mantida íntegra, uma vez que os moradores do bairro, representados por ela, consideravam a visão daquela sequência de lâmpadas acesas, como um colar de pérolas. E, para além das questões de segurança, asseguradas por uma boa iluminação, sentiam que esta visão fornecia também uma bela imagem, e como tal, esta beleza na paisagem deveria ser preservada. O que ilustra que a paisagem como patrimônio, enquanto conceito jurídico propõe, ao ser preservada para o bem comum, um prolongamento, sustentação, e fortalecimento do fio de memória que alimenta a subjetividade no legado coletivo.

Segundo Kok (2011), a partir da constituição de 1988 houve uma mudança da concepção do significado de patrimônio, que deixou de ter o conceito de um acervo congelado no passado e restrito a uma elite, passando a ser o resultado da prática social e cultural de vários agentes, que tinham a memória como suporte, e o direito à cidadania cultural como horizonte. Essa perspectiva inovadora procurou envolver toda a sociedade na responsabilidade de proteção, preservação e gestão, e passou a definir o patrimônio a partir de suas múltiplas formas de expressão: de seus modos de criar, fazer e viver; das criações científicas, artísticas e tecnológicas; das obras, objetos, documentos, edificações e conjuntos de obras criativas das coletividades.

Os pressupostos de Tuan (1974) dialogam, naturalmente, com estas questões relacionadas à subjetividade, percepção e com o eixo teórico da concepção de Pierre Nora (1984), o historiador que criou em 1984 o conceito de “Lugares de Memória”. Através da abrangência do termo, vai incluir do objeto mais material e concreto, ao mais abstrato, simbólico e funcional, permeados pelos afetos de quem se recorda. Uma vez que para este autor, os lugares de memória são o que resta e que se perpetua de outro tempo, e por isto podem transmitir ritos para uma sociedade desritualizada. Assim para Nora (1984), o lugar de memória é o registro, e aquilo que o transcende: o sentido simbólico inscrito no próprio registro.

¹⁸ Sociedade de Amigos de Copacabana - Disponível em: <<http://www.amigosdecopa.com.br/>>.

4.2 PAISAGEM E MEMÓRIA

O espaço volta a assumir as traições do tempo, os lugares mudam.
(Beauvoir, 1990)

Nora (1984) defende o respeito ao passado, **seja ele real ou imaginário**, e o sentimento de pertencimento a um dado grupo, considerando a consciência coletiva e também a preocupação com a individualidade, ressaltando os elos entre memória e identidade. Ao diferenciar três tipos de lugares de memória a obra de Nora aproxima-se das concepções de Tuan (1974), pois considera que: o lugar de memória é um lugar material onde a memória social se ancora, e pode ser apreendida pelos sentidos. O lugar de memória é funcional, porque tem ou adquiriu a função de alicerçar memórias coletivas, e nos lugares simbólicos a memória coletiva se expressa e se revela.

Na Constituição Federal do Brasil (1988), no artigo 216, são mencionados os meios de salvaguarda, proteção e incentivo à preservação e manutenção dos bens de natureza material e imaterial, que são da alçada do Poder Público, com a colaboração da comunidade, e que dentre estes meios estão os inventários e os registros, como forma de acautelamento e preservação. Similaridades às proposições de Tuan (2005) e Nora (1984) podem se encontradas em Canclini (1994) quando afirma que, tudo o que uma sociedade considera como cultura própria pode ser compreendido como patrimônio cultural, já que sustenta sua identidade, diferenciando-a de outras sociedades. E segue afirmando este autor, que não são apenas monumentos históricos, desenho urbanístico, e outros bens físicos, mas que, além disso, há a experiência vivida que se condensa em linguagens, conhecimentos, tradições imateriais, comportamentos e modos de usar os bens e os espaços físicos.

Para o geógrafo Tuan (1974) o lugar é um centro de significados construído pela experiência e assim, um lugar para seus antigos residentes, que se encontra pleno de vivências, lembranças e histórias. Sobre este mesmo tema, Rolnik (1989) define que as paisagens psicossociais, também são cartografáveis. E registra que a cartografia neste caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo, que o desmanchamento de certos mundos, a sua perda de sentido e a formação de outros mundos, que se criam para expressar afetos, sentimentos, relações e comportamentos, os quais para os universos vigentes tornam-se obsoletos. E esta experiência, descrita pela autora, é rotineiramente vivida pelos longevos, que se veem ao longo do tempo, às voltas com o “desmanchamento” de mundos, através da destruição da paisagem, e das marcas da senescência no próprio corpo.

4.3 PAISAGENS, PATRIMÔNIO IMATERIAL E MEMÓRIAS AFETIVAS

Uma cidade não é um ambiente de negócios, um simples mercado onde até a sua paisagem é objeto de interesses econômicos e lucrativos; Mas é, sobretudo, um ambiente de vida humana, no qual se projetam valores espirituais perenes, que revelam às gerações porvindouras a sua memória.
(Minami)

Como Nora (1984), Andrade (2008) também ensina que a apropriação simbólica do espaço é acumulada de sentimentos e pertinência, situações que o particularizam e o transformam em lugar. Assim, para esta autora o lugar passa a ser o redimensionamento do espaço, dotado de sensações, afeição e referências da experiência vivida. E, neste contexto, as memórias são importantes registros vividos, que partem das lembranças, e eternizam lugares como referências e como cenários para uma constante visita ao passado, trazendo em si os mais diversos sentimentos documentados e aflorados em narrativas, sonhos e percepções. Neste contexto **os lugares de memória** são verdadeiros patrimônios culturais, projetados simbolicamente, e que podem estar atrelados a um passado vivo, **que ainda marca presença**, e reforça os traços identitários com este lugar.

A partir do fio condutor proposto por Nora (1984), reforça-se um caminho de compreensão da importância da paisagem no âmbito deste estudo, como lugar de memória afetiva, que pode proporcionar senso de pertencimento e consequente bem-estar. Pois naturalmente, o indivíduo longo vivo vai acumulando em sua memória, trechos significativos de sua biografia, e estes aconteceram em determinados lugares, que ao serem revistos, podem reacender esta vivência afetiva, registrada como “lugares da memória”.

Já a paisagem real, concreta, inscrita na materialidade da vida cotidiana, no contexto deste estudo exploratório será considerada conforme a ótica da jurista Flávia de Souza Marchezini (2012) que a descreve como campo transdisciplinar. Destacando que à paisagem impõe-se um tratamento integrado, não se admitindo nela uma tutela setorializada ou fragmentada. Sendo que nesta ótica, para a autora, a paisagem urbana é um bem, um valor ambiental. Para esta autora a proteção da paisagem decorre da necessidade humana de conviver com elementos sensoriais que lhes proporcionem bem-estar físico e psíquico, intimamente relacionados à proteção e à qualidade de vida. Assim, descreve Marchezini (2012), quando se refere à paisagem da cidade, que é um bem ambiental de extrema importância, e que já conta com diversos regramentos jurídicos, no plano internacional, nacional e local, mas, como ressalta, “a questão paisagem”, também padece com pré conceitos

relacionados à concepção de beleza como algo supérfluo, e por causa destes, padecendo da ausência de ações mais efetivas de prevenção e reparação.

Esta autora afirma que é interesse de toda a população morar numa cidade ornamentada, plasticamente agradável e porque não dizer bela. E complementa: vivemos no Rio de Janeiro, “uma cidade maravilhosa”, amplamente conhecida e reconhecida pela qualidade de suas paisagens naturais. Copacabana integra, em nosso estado, este conjunto paisagístico agradável de ver, pois, afinal, como afirma, parodiando o poeta Vinicius de Moraes: “As cidades feias que me desculpem, mas beleza é fundamental...”

Silva (2008 apud SANTOS, 2013) igualmente informa sobre a função estética da paisagem urbana, ressaltando que esta se sobressai em variadas formas, no traçado urbano e nos contrastes das construções com elementos naturais. Tem uma função psicológica, produto dos efeitos da harmonia ou desarmonia entre os componentes da paisagem, sobre o equilíbrio psíquico de seus habitantes, visitantes e transeuntes.

Marchezini (2012), desenvolvendo um pouco mais os significados e sentidos da paisagem, lembra que esta, tem a potencialidade de estabelecer conexões intra e intergeracionais, através das identificações entre os diversos membros de uma coletividade, com os diversos lugares por onde transitam e habitam, permitindo diálogos entre as gerações pretéritas e presentes, e a construção de um berçário para as futuras gerações.

4.4 PAISAGEM E SUA LEGISLAÇÃO ESPECÍFICA

A valorização dos bens materiais e imateriais não é um capricho de elites, mas a tentativa consciente de sublinhar identidades, desde grupos mais restritos até a nação mesmo, em vários casos, o mundo todo.
(Gilberto Velho)

Em 29 outubro de 2000, na cidade de Florença - Itália, foi elaborada a Convenção Europeia da Paisagem¹⁹ e está passou a ter vigência internacionalmente, em 01 de março de 2004, tornando-se a partir desta data, a principal referência internacional em proteção paisagística. O artigo 1º (a) define paisagem como “uma parte do território, tal como é apreendida pelas populações, cujo caráter resulta da ação e da interação de fatores naturais e ou humanos.” E, neste mesmo artigo (d) sobre a proteção da paisagem, estão designadas as ações de conservação ou manutenção dos traços significativos ou característicos de uma

¹⁹ Convenção Europeia da Paisagem - Disponível em: < <http://www.gddc.pt/siii/docs/dec4-2005.pdf>>.

paisagem, justificados pelo seu valor patrimonial resultante da sua configuração natural e/ou da intervenção humana.

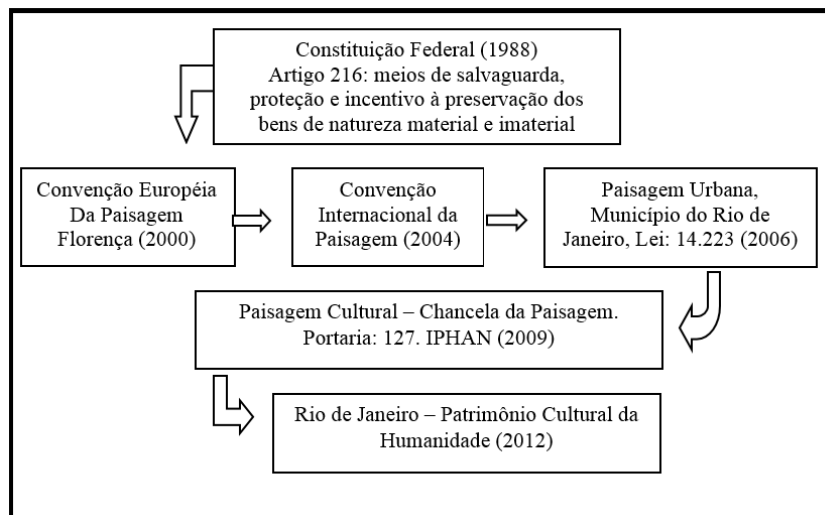
A Convenção Europeia da paisagem em seu Art. 6º (A) dispõe também sobre a necessidade de incrementar a sensibilização da sociedade civil, das organizações privadas e das autoridades públicas para o valor da paisagem, o seu papel e suas transformações.

O referido documento abrange o sentido polissêmico, que caracteriza o conceito de paisagem, contemplando suas importantes funções de interesse público nos campos cultural, ecológico, ambiental e social.

Para Marchezini (2012, p. 10) a paisagem urbana deve ser essencial e sadia, para favorecer à qualidade de vida de seus habitantes, pressuposto que pode ser inserido na noção unitária e sistêmica de meio ambiente (macro bem). A autora lembra o vasto ordenamento jurídico, a respeito de paisagem e da necessidade de sua proteção, composto por legislações federais, estaduais e municipais, todas discorrendo sobre a necessidade de sua proteção. Neste contexto, a Lei nº 10257/1001, conhecida como “Estatuto da Cidade”, no seu Art. 2 dispõe sobre a “proteção, preservação e recuperação do meio ambiente natural e construído, do patrimônio cultural, histórico, artístico, paisagístico e arqueológico”.

Já no Município do Rio de Janeiro temos a Lei 14223/2006 regulamentando os elementos que compõem a paisagem urbana. Marchezini (2012) enfatiza que em relação à paisagem, estamos diante de um direito fundamental de terceira geração, que pode ser considerado pelo viés coletivo, como um direito difuso à estética urbana, e pelo viés individual correspondendo ao direito do cidadão à função da paisagem urbana. Sem qualquer interferência ou mensagem, que não às relativas à orientação e do bem comum.

Figura 4 - Paisagem Salvaguarda



Fonte: elaboração da autora.

A necessidade de preservação da paisagem encontra apoio também no fato, que ao fazê-lo, evita-se a poluição visual, que é uma ofensa à integridade psíquica das pessoas que residem, circulam ou transitam numa cidade, ou simplesmente a visitam, posto que afeta o seu direito à qualidade de vida. Para Marchezini (2012), a paisagem proporciona o estabelecimento de uma relação sensorial do homem, com a natureza, com a história, com a cultura, com a arte". E ampliando sua definição, delimita outro conceito sobre paisagem urbana, que poderá também ser vista como um micro bem ambiente, essencial para a qualidade de vida e, como tal, a beleza das cidades deve ser considerada como um direito fundamental, corolário do direito à vida, sendo que a função social da cidade, prevista no artigo 182 do todo constitucional, está estritamente vinculada à harmonia dos cenários urbanos.

As traumáticas e radicais destruições de paisagens podem gerar vivências de dolorosa inconformidade e não pertencimento, já que nestas situações, os ancoramentos visuais das memórias afetivas são abruptamente retirados. Conforme defende Corrêa (2009) facilitar a expressão da memória, permite o fortalecimento de pertença a uma história, ou à própria sociedade, sentimento este que muitas vezes é arrancado daqueles que viveram e construíram a sociedade, cada qual a sua maneira.

Ilustrando estes eventos, referidos por Corrêa (2009) em sua proposição teórica sobre a paisagem, segue abaixo o depoimento, amplamente divulgado nos jornais da época de sua realização (2012), expressando o desabafo de uma moradora do Condomínio Santa Leocádia, em Copacabana, que teve os 5 prédios que o integravam, vendidos, para serem demolidos e dar lugar às novas construções, previstas para serem mais luxuosas e modernas que as originais, e os moradores receberam um prazo mínimo (30 dias) para desocupá-los:

Moro no Condomínio Santa Leocádia desde 1983.

Pensei que minha morada em Santa Leocádia seria eterna, mas com grande tristeza, fui surpreendida pelos últimos acontecimentos e me dou conta de que tenho de começar a me despedir deste lugar que amo tanto.

Me despeço do bondinho que nos transporta para este espaço mágico e encantado – casulo verdejante, longe do asfalto de Copacabana.

Me despeço do cheiro desta floresta, dos pássaros, das borboletas azuis, dos macaquinhos que nos visitam todos os dias, das dezenas de gatos que criei, do silêncio, e da paz deste lugar, onde posso hibernar do mundo.

Me despeço de todas as lembranças pitorescas que vivi "neste lugar fora do mundo".

Me despeço deste lugar mágico que me acolheu nos melhores e piores momentos de minha vida.

Me despeço deste lugar e de minha casa, como quem se despede de uma pessoa muito querida!

De repente, não mais que de repente eu e mais 29 pessoas recebemos uma carta - Santa Leocádia foi vendida [...] terão 30 dias para deixarem seus imóveis.... Expulsos do paraíso! (KAZ, 2012, online).

Figura 5 - Vista Parcial do Condomínio Santa Leocádia - Copacabana



Fonte: Condomínio Santa Leocádia, [s.d.]

O depoimento acima (KAZ, 2012) foi escrito por uma psicanalista, moradora há 29 anos no local, que na ocasião estava com 63 anos de idade, e ilustra com clareza, o quanto a paisagem gera os “seus lugares de memória” feitos, refeitos e fortalecidos por interações afetivas e sensoriais. Deste modo, as formas espaciais da paisagem, constituem importantes elementos no processo de criação e manutenção da identidade e subjetividade. Podem assim consistir em representações materiais ou não, relativas às diversas esferas da vida, que estão espacialmente localizadas, ou perfazem itinerários definidos (RELPH, 1976).

Considerando a paisagem como mais um dos atores (Actantes) presentes no diálogo para a construção de uma longevidade saudável, vale lembrar que o “ator” na expressão hifenizada ator-rede, não é a fonte de um ato e sim o alvo móvel de um amplo conjunto de entidades que enxameiam em sua direção (LATOUR, 2012). Nada mais típico e adequado para descrever as interações entre humanos e paisagem, onde crescem as controvérsias dos que a querem preservada e protegida, e daqueles que a querem mercadoria, fonte de lucros, a ser expropriada até à exaustão, ou extinção. Prosseguindo na jornada, agora o Fio de Ariadne de Latour conduz ao tempo do descanso, do prazer, da contemplação, ou para alguns atores ao tempo da atividade contínua, quando aproveitam o tempo livre para preenchê-lo. Tempo de acumular Lazer ou desfrutar do Lazer? Lazer para desenvolver ou para entorpecer?

5 TEMPO E PRAZER: PRÁTICAS DO LAZER

Consciente que a busca da felicidade é um objetivo humano fundamental e reconhecendo que o produto interno bruto não reflete adequadamente a felicidade e o bem estar do povo aprova-se a resolução 65/304 em 19-07-2011. (ONU).

Em julho de 2011, o Butão, pequeno país budista, surpreendeu delegados representantes de inúmeros países presentes na ONU para a sua 66ª Assembleia, propondo o conceito de Felicidade Interna Bruta (FIB), como um indicador mais significativo que o Produto Interno Bruto (PIB). Através de seu primeiro ministro Lhatu Wang Chuk, defendeu a ideia de um novo paradigma mundial econômico, baseado em sustentabilidade para a felicidade humana, e bem estar de todas as formas de vida, que viesse a substituir o sistema que consideravam defeituoso, uma vez que era baseado na premissa insustentável de **crescimento ilimitado** em um **planeta finito**.

Na ocasião, o representante do Butão convocou os estados membros da ONU, a promover políticas públicas em seus respectivos países, que incluíssem a importância da felicidade e do bem estar em sua aposta pelo desenvolvimento, considerando que o desejo de uma vida satisfatória, significativa e feliz, é um objetivo fundamental para todas as pessoas, e é de fato o que nos torna humanos. Como o Butão já vinha desde 1971 trabalhando com esta métrica, tinha informações relevantes a compartilhar. O método para identificar o FIB, usava questionários em sete áreas: bem estar psicológico, padrão de vida, governança, saúde, educação, vitalidade da comunidade, diversidade cultural, uso do tempo e diversidade ecológica.

Mas além do Butão, atores no ocidente propõem igualmente questionamentos em relação às métricas convencionais do PIB, e 70 países já participam da pesquisa World Values Survey (WVS), que inclui nas estratégias de mensuração, perguntas relacionadas ao nível de satisfação das pessoas. Assim, em abordagem pertinente a estes novos olhares, o geógrafo belga Eric Lambin (2009) em *Une Ecologie du Bonheur*, defende a tese de que países mais felizes costumam ser aqueles, em que uma boa porcentagem da população cultiva valores e interesses culturais e espirituais, e tem menos interesses por valores materiais. Compartilha em sua obra a importância da sustentabilidade para minimizar os impactos ambientais na saúde humana. Correlaciona a possibilidade de desfrutar de uma condição de felicidade, a partir de uma relação amena com a natureza. E aponta que a degradação ambiental é incompatível com o bem estar, e portanto deste modo não há como ser feliz.

A este respeito também pronuncia-se o sociólogo francês Dumazedier (2008) quando afirma que o lazer representa um conjunto de aspirações do homem à procura de uma nova felicidade, relacionada com um novo dever, uma nova moral, uma nova política, uma nova cultura.

Igualmente, correlacionando lazer e felicidade, Berquó e Lima (2014, p. 8) defendem o benefício dessa prática para todos:

Entregar-se a um momento de descontração. Sentir-se alegre, descansar, realizar os próprios desejos, estar feliz. Ter direito a um tempo para o lazer, palavra derivada do latim, *licere*, significando “ser lícito”, “ser permitido”, é condição *sine quoniam* de todo e qualquer ser humano.

Assim, a partir destas premissas inovadoras, que se transformaram em 2011 na resolução 65/304 da ONU, consoante com os objetivos desta organização para o milênio, pode-se interrogar se o lazer tem realmente papel preponderante no bem estar do indivíduo, tal como o preconizava Dumazedier, um de seus mais reconhecidos teóricos e defensores, há cerca de trinta anos passados. No intervalo de três décadas, entre as proposições iniciais de Jofre Dumazedier²⁰, e os pressupostos defendidos pelos atuais teóricos do lazer, e observando-se aquilo que as políticas públicas propõem, o que realmente acontece no campo do lazer, com viabilidade para o público longo? Considerando-se questões de acessibilidade e reconhecendo-se as limitações decorrentes da senescência, verificam-se muitas lacunas a serem transformadas, para que se possa efetivamente oferecer um ambiente de lazer mais favorável para o idoso. A este respeito Marcelino (2012, p. 50), comenta que:

Há muito a ser feito para que a Terceira idade se constitua em faixa etária privilegiada para a vivência do lazer. Trata-se de uma situação de justiça social. Para tanto, é necessário que os próprios idosos se organizem e reivindiquem seus direitos, que incluem remuneração digna, assistência média adequada, acesso facilitado aos equipamentos, e uma política de lazer em que, juntamente com outras faixas etárias, a terceira idade seja considerada. O lazer de idosos não pode ficar na dependência de programas assistenciais. É preciso que a Terceira Idade se integre as demais ‘idades’. Talvez um bom início, no que diz respeito ao plano cultural, esteja em começar a encarar a vida de modo, integrado, e não como sendo composta de ‘tempos’ ou de ‘idades’ que as pessoas tenham que se enquadrar.

É interessante observar que o Lazer oferecido nas políticas públicas, costuma priorizar a atividade física, o que nem sempre é possível para o longo, mas que é o mais enfatizado

²⁰ A passagem deste autor, na década de setenta, pelo SESC, como consultor para o tema Lazer agregou um importante valor a estas práticas: a inserção da cultura popular nestas atividades. Esta benéfica influência no âmbito desta instituição permanece até hoje, e de Norte a Sul do país.

pelas ações vigentes, seja nas Academias de Ginástica para a Terceira Idade (ATI) ou nos Bailes de Terceira idade. As referidas estratégias parecem ignorar que nem todos os idosos terão condições físicas para beneficiar-se delas. E igualmente, o turismo com preços mais acessíveis para idosos, pressupõe um longo tempo de ótima saúde, capaz de deambular por aeroportos, ou deslocar-se em ônibus de excursão de cidade em cidade.

Para construir uma compreensão mais abrangente do envelhecimento, já que envelhecer pode ser compreendido como uma transição existencial movida pela complexidade, indivíduos nesta travessia devem ser ouvidos em suas reais necessidades de apoio, incentivo e receber os estímulos adequados para ativarem e conservarem seus núcleos de saúde. Como já citado na convocação às coletividades para a convivência fraterna (MORIN, 1998). Esta solidariedade preconizada por Morin encontra-se, igualmente, registrada na Declaração de Madrid como a solidariedade intergeracional, em que o referido documento enfatiza que o melhor treinamento para os cuidadores de idosos, deve auxiliá-los a estabelecerem alternativas para um lazer mais adequado, e que possa guardar em seu âmago também possibilidades de transformação (BRASIL, 2003). Deste modo, seja como utopia ou como rota, podem ser construídos caminhos objetivos e subjetivos, governamentais e comunitários, para que surjam novos espaços potenciais, em que as trajetórias existenciais na longevidade possam ser percorridas, alargadas e fortalecidas. Pois como nos lembra Giordani (1996, p. 2):

A existência não é um estado, mas um ato; é pois dinâmico, e se cria a si mesmo continuamente, luta por si, e dá a si sua própria forma. Neste contexto destaca-se a necessidade de bem organizar as atividades da vida diária do longo tempo, e dentre elas destacam-se as atividades de lazer.

O expressivo legado de Dumazedier que já data de três décadas, e o período temporal que nos separa destas origens, trouxe muitas transformações, entre elas os ônus decorrentes da efemeridade, a modernidade líquida de que nos fala Bauman (2001).²¹ Tais mudanças convidam a pesquisar também em outros teóricos que possam dialogar com os pressupostos pioneiros de Dumazedier, e contrastar outros aportes, que ao longo destes trinta anos tenham contribuído para ampliar a abrangência da fenomenologia do lazer. Destes, é possível destacar as proposições de Marcelino (2007, p. 31), que convida para “[...] afastar o lazer da mera ideia

²¹ Para este autor a efemeridade impera nas interações entre pessoas, instituições e relações de modo geral estabelecidas na contemporaneidade. Estas relações fugazes que chama de conexões, são frágeis e transformam humanos em mercadorias que podem ser consumidas e excluídas a qualquer momento.

de jogo, técnica de corpo, espetáculo e mercadoria, incluindo-o como possibilidade de todos para se construir uma sociedade fundada na solidariedade e com menos injustiças sociais”.

As atividades do lazer físico, recreativo e aquisitivo acabam por tornar-se uma imposição, que ao em vez de bem estar pressionam com o “dever de ocupar-se”, mostrar que se está ativo, como se pensar sobre si, ler, ver arte, ouvir música, meditar, ou simplesmente contemplar, não fossem, também, formas diversas de “ser ativo” e de escolher a partir da própria singularidade o que é prazeroso e conveniente fazer. Marcelino (2012, p. 22) complementa: “Um espectador ativo teria como característica, a seletividade, a sensibilidade, a compreensão, a apreciação e a explicação. Assim, é preciso reunir todas as suas possibilidades racionais e da sensibilidade, para interpretar e recriar o objeto do ‘consumo’”.

Sobre a abrangência do conceito “ativo” em lazer, Dumazedier (2008, p. 257) é claro em sua explicação: “A atitude ativa implica, ao menos periodicamente, em participação voluntária na vida social e cultural”. Opinião similar tem a gerontóloga Laura Machado (2010, p. 5) quando formula o conceito de ativo: “[...] se refere à participação contínua nas questões sociais econômicas, culturais, espirituais e civis, **e não apenas à capacidade de se manter fisicamente ativo, ou contribuir com a força de trabalho**” (grifo nosso).

Atividades para longevos, como as proporcionadas pelas Academias de Terceira Idade oferecem uma visibilidade pública, bastante conveniente para a propaganda governamental de serviços oferecidos à população, mas além de não atenderem às reais necessidades de muitos idosos, em vários horários de seu funcionamento não contam com nenhum monitor para orientar sobre o uso correto dos aparelhos, que ao serem usados de forma indevida em vez de benefícios, poderão trazer lesões, que dentro dos quadros decorrentes da senescência, tem a probabilidade de uma recuperação mais lenta.

Vários teóricos do Lazer alertam para o fato da pressão para que o lazer vire consumo, entre os quais, destaca-se Mascarenhas (2005, p. 7) que adverte sobre a estreita vinculação entre lazer e consumo:

O lazer tornou-se um produto da Sociedade Industrial, sendo ao mesmo tempo, um tempo disponível e um objeto de consumo. Ele se vende e se compra. Entrou no sistema de consumo que contribui para desenvolver, na medida em que o tempo disponível para o consumo tende a aumentar.

No entanto, nota-se que uma parcela significativa de longevos aposentados com suas minguadas aposentadorias, fazem malabarismos para equilibrar o orçamento até o final de cada mês, e esta pressão para que consumam lazer como produto, com custos crescentes,

torna-se bastante inadequada para suas necessidades a curto, médio e, sobretudo, em longo prazo, quando as limitações do envelhecimento tenderão a se agravar.

A ampla abrangência das conceituações sobre lazer conduz a um território semântico, essencialmente polissêmico, o que pode gerar interpretações antagônicas entre diferentes atores relacionados à promoção de atividades de lazer, como descreve Bacheladenski (2010) criticando a abordagem funcionalista.²² Este autor propõe alternativas para uma teoria do “lazer emancipatório”, cujas premissas abrangem os mesmos pressupostos²³ já referidos por Mascarenhas (2005, p. 155-182) e que vem de encontro ao que se propõe verificar neste estudo:

Proporcionar meios e condições aos sujeitos, que de seu exercício tomam parte, que possam refletir sobre suas condições de vida e sobre a sociedade mais ampla na qual estão inseridos, possibilitando-lhes não só o acesso, mas o entendimento do lazer como manifestação de uma cultura e como possível instrumento de ligação com sua realidade. Deste modo tem seus propósitos fincados sobre a noção de sujeito social, afastando-se da passividade, que cerca a atual condição de consumidor comum. E assim afastar-se da experiência do Mercolazer, onde as atividades de lazer mesclam-se com uma fonte inesgotável de produtos, objetos e serviços a serem consumidos.

Existem possibilidades da prática do lazer menos onerosas, algumas totalmente gratuitas, mas pouco exploradas em relação às formas citadas anteriormente. E dentre estas atividades sem custos encontra-se a contemplação da paisagem, desde que esta possa oferecer benefícios e bem estar, ao ser contemplada. Marcelino (2012, p. 28) comenta que “[...] a bela cidade constitui o equipamento mais apropriado para que o lazer possa se desenvolver. É aí, onde se localizam os grandes contingentes da população, que a produção cultural pode ser devidamente estimulada e veiculada, atingindo um público significativo”.

Neste contexto pode-se incluir também a participação em atividades culturais, que podem ser inseridas na ótica do lazer emancipatório, ou nas premissas da Educação Continuada (DELORS, 1996).²⁴ Dumazedier (2008, p. 143) ensina que todas as atividades da vida cotidiana, reais ou fictícias, podem constituir a base da vida cultural e ainda ser o suporte do desenvolvimento cultural. Porém, entre elas as atividades de lazer físico – cada vez em maior número, sedutoras e prestigiosas – exercem um tipo todo especial de pressão.

²² Abordagem do lazer meramente ocupacional, sem ater-se ao desenvolvimento do indivíduo em sua percepção de mundo e compreensão sobre si.

²³ Estes aspectos são igualmente compartilhados por Mascarenhas que também defende a necessidade de através do Lazer obter transformação e participação cidadã.

²⁴ Educação Continuada – termo criado por Jacques Delors e que deu origem ao documento: Educação: Um tesouro a descobrir. Relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI.

Para um longo tempo, cujo corpo já não responde também a movimentação física ativa, a atividade cultural como fonte de lazer pode ser benéfica alternativa, e a Declaração dos Direitos Humanos, em seu artigo 22, assegura que:

Toda a pessoa como membro da sociedade, tem direito à segurança social, e pode legitimamente **exigir a satisfação dos direitos** econômicos, sociais e **culturais indispensáveis**, graças ao esforço nacional, e à cooperação internacional, de harmonia com a organização e os recursos de cada país. E prossegue no artigo 27 ressaltando que:

1 - Toda a pessoa tem o direito de **tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes** (grifo nosso) e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam. (ONU, 1948).

Respaldo idêntico encontra-se na Declaração Universal sobre a importância da cultura e da diversidade Cultural afirmou que:

A cultura é uma recarga, como ponto de distinção espiritual, material, intelectual e emocional da sociedade ou grupo social. A concepção de cultura então reflete ambas, economia e dimensão de identidade. Neste caminho, a herança refere-se não somente a museus ou monumentos, mas também à herança científica, marítima, industrial, natural, artística e assim, também a uma **incrível e intangível herança** (UNESCO, 2002, online, grifo nosso).

Na realidade cotidiana, no entanto, a preocupação de proporcionar o lazer cultural não se apresenta significativamente presente, como política pública voltada aos indivíduos longevos. Dumazedier (2008, p. 143) ressalta a importância da cultura que considera como o modo, como uma sociedade ou um indivíduo se comportam, e no estudo desse processo que se poderá reencontrar os modelos, a representação e os valores, que formam as camadas do campo cultural. Sobre o tema, Dumazedier escreveu uma obra clássica, internacionalmente estudada e debatida: A Sociologia Empírica do Lazer. Para este autor, o lazer apresenta-se como criação histórica, oriunda das mudanças de controle internacionais, e das exigências individuais, sendo condicionado pelo consumo de massa e pela estrutura de classe.

Parece consensual que praticar lazer oferece benefícios, particularmente, para o idoso, que tem tempo para praticá-lo e que poderá, nesta prática, fortalecer sua autonomia, autoestima e criatividade. Mas, para isto, o lazer precisa ser bem escolhido adequando-se às singularidades de cada um. O tema lazer configura um intrincado e polissêmico território, a ser observado e compreendido, se não há informação adequada, desfrutar de seus benefícios torna-se tarefa bastante improvável. Por tais características, torna-se difícil para o longo tempo, escolher o que será mais produtivo para si. Pois, meramente ocupar-se, impedirá seu desenvolvimento pessoal através destas práticas, não havendo o alcance do benefício de seu

aspecto emancipatório. Neste contexto, para Berquó e Lima (2014, p. 10), a barreira mais relevante a ser transposta é a atitudinal. Quando se pensa no outro como igual, com direito e obrigações inerentes a qualquer ser humano, meio caminho será percorrido. O restante se dará com recursos e serviços adequados para contemplar a todos, advento decorrente de representações positivas sobre o envelhecimento.

Domenico de Masi apud Pelusi (2012) da Universidade Sapienza de Roma, em sua participação no VIII Congresso Mundial de Administradores, na Cidade do Rio de Janeiro, cujo tema central era: Perspectivas para 2020, apontou dez tendências globais para 2020, abrangendo questões que deverão ser cuidadas com atenção, visando o equilíbrio e bem estar coletivos. Entre estes dez temas, Domenico de Masi apud Pelusi (2012) destaca em ordem de importância estratégica: Longevidade, Lazer, Cultura e Estética.

No contexto das múltiplas opções de lazer, seus possíveis benefícios ou sua realização apenas como mero ocupação do tempo, como fará o idoso para não ser capturado pela indústria do mercolazer, e pela hegemonia do lazer funcionalista?²⁵ Já que, este último ao associar, literalmente, promoção de saúde à ocupação ativa do corpo, neste tempo do “não-trabalho”, apresenta o risco de cooptar o longo vivo para práticas vazias de significado, onde lazer físico encontra-se acoplado, a maior parte do tempo, à estratégias indutoras do consumo esportivo. Como evitar a compra de um conjunto esportivo desta ou daquela marca, a garrafa de plástico mais colorida para levar água ou isotônico, o marcador de batimentos cardíacos para prender no tórax, usar uma viseira/boné de grife, um bloqueador solar importado, mais eficiente e caro, que a propaganda tenta vender, como prova de saúde e de “não envelhecimento” e um sem fim de outras ofertas do gênero para auxiliar na manutenção da saúde?

Reitera-se aqui, que não se está negando o valor da atividade física, o que aliás, poderá ser feito com qualquer roupa, desde que seja funcional para a atividade. Mas sim, questiona-se a necessidade de inclusão de outros longevos, para os quais a atividade física mais intensa não é mais possível ou desejada. Estes, com menos disposição, ou limitações físicas, em contrapartida podem correr o risco de ficarem “imobilizados”, seja por uma televisão de até 60 polegadas, acompanhando seguidos enredos de novela, sessões da tarde, vivendo “vidas de ficção”, enquanto torcem pelo desfecho relativo a seus personagens favoritos. Em cada intervalo (comercial) recebendo um sem fim de mensagens para comprar inutilidades, sedutoramente apresentadas e oferecidas com amplas facilidades de pagamento e,

²⁵ Lazer funcionalista, termo utilizado por Bacheladanski para conceituar o lazer que ocupa o tempo, porém não oferece a contrapartida de ampliação do universo cultural e psíquico.

consequente, endividamento. Ou simplesmente poderão passar horas a fio de vida sedentária, isolada, passiva e vazia de estímulos saudáveis.

5.1 MODALIDADES DO LAZER

Neste ponto, abrem-se novas questões pertinentes às interações entre envelhecimento e lazer. Segundo Bachelardski (2010), o lazer tem sido reconhecido como um fenômeno de grande relevância para a emancipação humana e para o exercício da cidadania, figurando fortemente, como efetiva estratégia de promoção de saúde. Nesta ótica, o exercício do lazer pode ser, também, um convite à aquisição de consciência política individual e comunitária, para fortalecer a luta em favor da conquista de melhores condições de vida, deixando o lugar de meros consumidores de atividades propostas por terceiros, para buscarem o protagonismo como atores sociais.

Assim, de acordo com suas proposições, além da mera noção de atividade física como lazer, que se refere ao simples exercício de movimentos repetitivos, torna-se possível considerar e integrar outras alternativas, incluindo pelo menos quatro outras áreas temáticas de lazer. Dentre estas, destacando-se aquela que engloba as atividades manuais, caracterizadas por manipulação de objetos e produtos, que podem se constituir tanto num *hobby* como num trabalho não profissional. Esta modalidade de lazer poderá ser praticada em grupos, em espaços públicos e privados, oficinas, cooperativas e ateliês, mas na maior parte das vezes poderá ser feita individualmente, em espaço doméstico, reduzindo, na maioria das vezes, o consumo e gastos envolvidos para quem o pratica, o que caracteriza um movimento de contra fluxo às práticas do mercado. Uma outra vantagem destas práticas artesanais, trata da possibilidade de fruição estética, e a descoberta de que, com as próprias mãos cria-se beleza, e/ou objetos utilitários, que podem auxiliar a vida prática de quem os fez, amenizando a ciranda perversa de consumir e consumir, principalmente quando a fonte de recursos está reduzida.

Uma outra significativa possibilidade, refere-se ao lazer cultural, que pode ser realizado através da fruição de atividades artísticas, caracterizadas pelo momentâneo afastamento do universo cotidiano, em favor da interação com manifestações expressivas diversas, da ativação do processo imaginativo e criativo, entre as quais destacam-se cinema, teatro, museus e similares. Ou em outra alternativa, na classificação deste autor, encontram-se também as atividades consideradas como intelectuais, que podem ser realizadas através do

contato com jornais, revistas e outras leituras diversas de livre escolha. Berquó e Lima (2014) compartilham este olhar sobre o lazer e lembram que:

Dispor e cultivar o que se compreende como o complexo de itens culturais que existem para usufruto dos grupos sociais, é um direito e uma necessidade primordial para o desenvolvimento do ser humano. Em razão de não haver como citar toda riqueza das diversas manifestações culturais, elencam-se apenas uns poucos elementos à guisa de uma pequena imagem da contribuição para o cultivo intelectual da humanidade: a leitura do livro que instiga a reflexão, um filme estimulante e divertido, a emoção que aflora em uma peça de teatro, a sensação trazida pela arte de uma escultura, a magia visual e gráfica das histórias em quadrinhos e o momento prazeroso que faz pensar nas coisas nas quais está imersa a humanidade ao se visitar um museu. A questão que se impõe é: estas produções e outras, são acessíveis a todas as pessoas? (BERQUÓ; LIMA, 2014, p. 7).

Dumazedier (2008) reconhece o lazer cultural como de importância fundamental, caracterizando-o como Lazer de Desenvolvimento, e sobre estas atividades comenta que, uma atitude ativa exige sempre um progresso pessoal, libertador pela busca da utilização do tempo disponível, um equilíbrio, na medida do possível pessoal, entre repouso, distração e desenvolvimento contínuo e harmonioso da personalidade. Assim, a atitude ativa consiste em um conjunto de disposições físicas e mentais, suscetíveis de assegurar o desabrochar o *optimum* da personalidade, dentro de uma participação *ótima* da vida cultural e social. Com esta abordagem concorda Marcelino (2012, p. 19) quando afirma que “[...] o campo de domínio dos interesses artísticos é o imaginário – as imagens, emoções e sentimentos; seu conteúdo é estético e configura a busca da beleza e do encantamento. Abrangem todas as manifestações artísticas”.

Outros autores como Requiza (1974), descrevem, de formas diversas, as temáticas do lazer, ressaltando que para ser identificado como tal, deve apresentar: a função do descanso, divertimento e desenvolvimento da personalidade, podendo seguir algumas características consideradas básicas tais como: espontaneidade e liberdade, em atividades realizadas em sociedade, e sujeitas às relações interpessoais, serem capazes de livrar os indivíduos das obrigações primárias junto à família, escola, etc. e, principalmente não ter fim lucrativo, ser hedonista, uma vez que o objetivo consiste em promover a satisfação pessoal e sua recompensa psicológica, seja de caráter pessoal, respondendo às necessidades básicas do indivíduo, e diante de suas obrigações sociais, deve poder libertar da fadiga, tédio e da automatização. Poderá ser desenvolvido de forma privada (na própria casa) ou de forma pública (parques, quadras de esportes, espaços de entretenimento, etc.). Sobre os locais onde o lazer pode ser desenvolvido, Marcelino (2012) estabelece o conceito de equipamentos específicos para o lazer:

Um teatro, um cinema são exemplos de micro equipamento especializados de lazer, denominação que advém das suas dimensões quase sempre reduzidas, e pelo fato de atenderem de forma prioritária a um dos conteúdos culturais do lazer. Já um centro comunitário, ou cultural, ou esportivo, como são chamados alguns equipamentos, pelos mesmo critérios de tamanho único ou diversificado aos interesses do lazer, recebem a denominação de equipamento médio. (MARCELINO, 2012, p. 35).

Baseando-se na classificação de Sá e Cabral (2010), outras descrições podem ser consideradas a partir de cinco categorias gerais para abranger formas de lazer mais frequentes na vida urbana. Estas autoras iniciam sua classificação pelo **Lazer Contemplativo**, que descrevem como atividades em que predominam a contemplação da beleza plástica, ou seja, tudo aquilo considerado esteticamente atraente ou agradável de ser visto, seja em ambientes naturais ou construídos. Gerando agradáveis sensações de repouso mental, de bem estar e de relaxamento.

Como segunda categoria apresentam o **Lazer Recreativo**, descrito como o tipo de lazer motivado pela natural necessidade humana de ludicidade. Poderá ser representado pelos playgrounds, pelos bancos fixos e mesas nas praças para jogos de cartas, dominó, xadrez, pelos espaços de convívio em clubes, Associações, etc.

Como terceira categoria referem-se ao **Lazer Cultural**, caracterizado como o lazer que envolve alguma forma de acesso à cultura, seja ela na forma de entretenimento ou de transmissão de conhecimento. São formas de lazer que, além de satisfazerem o desejo de diversão e prazer, simultaneamente, contribuem para a produção de conhecimentos. Este tipo de lazer beneficia-se de espaços bem projetados e adequados para a realização de manifestações culturais específicas, como boa acústica, segurança e acessibilidade. Mas poderá ser realizado também em espaços à céu aberto, como parques, jardins e praias.

Na quarta categoria incluem o **Lazer Esportivo**, representado pelas atividades que no campo do lazer propõem benefícios à saúde física e mental dos frequentadores. Este tipo de lazer necessita também de espaços específicos como campo de futebol, quadras poliesportivas, pista de *cooper*, áreas adaptadas para a prática da ginástica, piscinas, ciclovias, etc.

Como última categoria incluem o **Lazer Aquisitivo**, com atividades de lazer que ocorrem em espaços e/ou edificações destinadas às compras como *shoppings*, feiras de artesanato ou produtos, hipermercados, restaurantes, lanchonetes e quiosques.

No entanto, o que se vê na vida cotidiana é que o lazer oferecido com mais frequência ao indivíduo idoso, a partir de políticas públicas em nível Municipal, Estadual e Federal, na maioria das vezes, constitui-se meramente em atividade ocupacional, física, recreativa, e às

vezes até mesmo infantilizante para o idoso. Como se as limitações físicas do envelhecimento tivessem que vir, necessariamente, acompanhadas de limitações cognitivas. Como se a cronologia avançada significasse a inevitável perda de lucidez, perda da consciência crítica e da autonomia, para optar por aquilo que é mais conveniente para a singularidade de cada um.

Além do mais, percebe-se uma nítida distorção em se tomar o conceito “envelhecimento ativo” de forma literal, e ao pensar desta forma propor, predominantemente, programas de atividades físicas, como ATIs, “Bailes da Terceira Idade”, em visão mecanicista da mera atividade física como propiciadora de bem estar. Apesar de que, as atividades citadas podem contribuir à inserção do idoso em atividades de convívio social, não atendem às suas múltiplas necessidades, sobretudo às emocionais, dos indivíduos que envelhecem. Tão pouco contemplam a abrangência e complexidade das funções do lazer.

Dumazedier (2008) refere-se à função de desenvolvimento do lazer como uma possibilidade de participação social maior e mais livre, a prática de uma cultura desinteressada do corpo, da sensibilidade e da razão, que além da formação prática e técnica, oferece novas possibilidades de integração voluntária à vida de agrupamentos recreativos, culturais e sociais, possibilitando o desenvolvimento livre de atitudes adquiridas ainda na escola, sempre ultrapassadas pela contínua e complexa evolução da sociedade e incita a adotar atividades ativas na utilização de fontes diversas de informação, tradicionais ou modernas como imprensa, filme, rádio e televisão. Para Marcelino (2012, p. 20):

[...] tendo em vista os conteúdos do lazer, o ideal seria que cada pessoa praticasse atividades que abrangessem os vários grupos de interesses, procurando, dessa forma, exercitar, no tempo disponível, o corpo, a imaginação, o raciocínio, a habilidade manual, o contato com outros costumes e o relacionamento, onde, com quem e maneira que quisesse.

5.2 LAZER CONTEMPLATIVO E CULTURAL NO ENVELHECIMENTO

Talvez, uma tentativa mais produtiva no campo do Lazer Emancipatório ou de Desenvolvimento, refere-se às Universidades Aberta da Terceira Idade (UNATIs), criadas em primeira versão na França em 1962. Posteriormente, na década de setenta, passaram por uma reformulação de objetivos, e na década de noventa tiveram, uma nova transformação. A princípio, tinham o propósito de oferecer lazer e turismo, e gradualmente foram aproximando-se do universo acadêmico com propostas e projetos de pesquisa e ensino. No Rio de Janeiro, em 1993, foi criada a Unati – UERJ que tem, atualmente, uma ampla programação e um

grande afluxo de público longo vivo. Interessante observar o intervalo de três décadas, das primeiras iniciativas francesas, à implantação destas estratégias para longevos brasileiros.

Defendendo a ideia de um Lazer de Desenvolvimento, Dumazedier (2008) argumenta que o tempo de lazer apresenta-se como o sustentáculo de uma atitude que não será considerada marginal, mas sim como mediadora entre a Cultura de uma sociedade ou de um grupo, e as reações de um indivíduo às situações da vida cotidiana. E prossegue afirmando que o tempo de lazer, enquanto um tempo de fruição, torna-se também um tempo de aprendizagem, aquisição e integração, diverso dos sentimentos, conhecimentos, modelos e valores da cultura, no conjunto das atividades nas quais o indivíduo está enquadrado.

Cabe então ao âmbito deste estudo, buscar responder às seguintes questões: há relações entre práticas de lazer e o deslocamento autônomo de longevos para Copacabana? Neste território há algo de especial em Lazer, sendo oferecido, que é do interesse deste grupo etário? Por que, muitos indivíduos idosos, que tem condições, querem e podem exercer seu protagonismo como atores sociais, ao decidir o que consideram melhor para suas vidas, optam por permanecer ou mudar para este bairro? Que possibilidades gerais de lazer o bairro oferece? Como no âmbito deste estudo, está proposta a investigação das interações as variáveis: Longevidade, Lazer e Paisagem, no capítulo anterior sobre Paisagem, interroga-se também sobre a influência de alguns elementos paisagísticos sobre o Lazer, sobretudo em Copacabana, que reconhecidamente tem uma paisagem privilegiada.

Cabe ressaltar que no amplo universo das categorias de lazer, as atividades contemplativas, podem ser amplamente exploradas em lugares considerados turísticos, como no caso do bairro estudado, considerado por decreto municipal “Capital Turística da Terceira Idade”²⁶. E no exercício dessa forma de lazer contemplativo, pode-se simplesmente interagir visualmente com a paisagem do local, de modo que as limitações físicas decorrentes do envelhecimento não serão impedimento para sua prática.

Sobre o tema da fruição da paisagem o IPHAN lembra que “[...] a paisagem local é um bem de extrema importância, e há necessidade de sua preservação com amparo e regramento jurídico no plano internacional, nacional e local” (IPHAN, [2013], online). Deste modo uma bela paisagem se oferece à contemplação de quem a vê, gerando sensações de bem estar. Quando se fala em paisagem urbana, a referência não é somente aos conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, arqueológico, já protegidos pelo art. 216 da Constituição Federal, como patrimônio cultural brasileiro, mas se quer abranger, também qualquer porção

²⁶ Título concedido pelo decreto municipal N.35000 em 23 de dezembro de 2011.

da cidade, por mais comum e simples que seja, a qual compõe o meio ambiente artificial ou construído, como normalmente encontra-se referido o meio ambiente urbano. Já que a paisagem urbana consiste na roupagem que as cidades apresentam a seus habitantes e visitantes. E dentre as suas funções está a de equilibrar a carga neurótica que a vida urbana despeja sobre as pessoas que nela vivem, convivem e sobrevivem (CASTANHEIRO, 2009).

Neste ponto torna-se possível lembrar a proposição encaminhada pelo Butão, pois existem outros atores que também consideram felicidade um indicador relevante, com função preponderante, atribuindo à qualidade da relação com o entorno, e a qualidade da interação com o meio ambiente, um papel essencial função preponderante. Entre estes, destaca-se a ONG britânica *News Economics Foundation*, que em 2006 criou o índice Planeta Feliz (*Happy Planet Index*)²⁷ e no cálculo desta métrica, vem desde esta época, multiplicando satisfação por expectativa de vida, e dividindo o produto por uma medida ecológica de impacto, deixando, deste modo, bem caracterizada a importância da qualidade do ambiente onde se vive, de como esse lugar é, e de como pode proporcionar felicidade, bem estar, e melhor qualidade de vida para seus moradores. Dumazedier (2008) ressalta, igualmente, que a busca de bem estar através do lazer consiste em uma resposta a um meio conformista e deprimente. E argumenta que a civilização urbana e industrial é uma civilização que busca o ar livre e uma volta à natureza.

Posteriormente ao se analisar os dados coletados no campo da pesquisa, serão mapeadas algumas possibilidades de lazer em Copacabana, abrangendo, prioritariamente, práticas de contemplação e culturais.

5.3 LAZER NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Ao examinar documentos sobre Atenção Básica ao Idoso e suas redes, sobretudo provenientes do Ministério da Saúde, não há referências expressivas ao lazer, à sua importância na geração, conservação e fortalecimento da saúde, ou sequer menções ao fato que, do ponto de vista metabólico, determinadas práticas do lazer, além da atividade física, geram correspondentes fisiológicos que podem vir a colaborar com o envelhecimento ativo do idoso. Levando em conta que o conceito de atenção básica é, segundo o Ministério da Saúde:

²⁷ Happy Planet Index (Índice Planeta Feliz) = Experienced well-being (Bem estar experimentado) x Life expectancy (Expectativa de vida) = Ecological Footprint (Pegada Ecológica)

Contato preferencial dos usuários com o sistema de saúde, que orienta-se pelos princípios da universalidade, da acessibilidade e da coordenação do cuidado, do vínculo e da continuidade, a integralidade, da responsabilização, da humanização, da equidade e da participação social. (BRASIL, 2012, online).

Certamente o lazer, pelo que já foi exposto até aqui, através de suas múltiplas possibilidades, tem efetivamente a contribuir nos quesitos humanização e participação social.

No entanto, curiosamente, em publicação do Ministério da Saúde: Envelhecimento e Saúde da Pessoa Idosa (BRASIL, 2006), há apenas uma inserção da palavra lazer em um total de 191 páginas. Mais significativo ainda é que esta inserção refere-se apenas a uma citação indireta relativa a texto da OMS sobre políticas públicas que promovem “estilos de vida saudáveis” para propiciar o envelhecimento ativo.

Cavalcanti (1996) chama atenção para as potencialidades do Lazer como estratégia e indicação de uma vida saudável e plena na longevidade, e na construção e manutenção do envelhecimento ativo. Neste sentido, comenta que o tempo livre é o suporte social, no qual o indivíduo, liberado de todas as suas obrigações institucionais e pessoais, poderá defender-se das ideologias mercantilistas e patológicas do ser, conquistando assim, um lazer, com um espaço/tempo, no qual é possível o seu real desenvolvimento, através da produção, gestão ou usufruto de bens culturais em plena harmonia com a natureza, os outros e consigo mesmo.

As variáveis psicossociais prevalecem sobre as variáveis biológicas na construção de uma longevidade saudável. E entre as primeiras, destaca-se o estilo de vida, sobretudo aquele que reduz fontes de estresse, já que estas comprovadamente são elementos que encurtam expectativas de vida. E como fatores estressores a interferir nesta expectativa de vida e, conseqüentemente, na longevidade destaca: estar satisfeito com o papel que se desempenha na sociedade, amar e ser amado, buscar continuamente um estilo de vida auto realizado e auto transcendente, integrado à natureza e com interações amenas e adequadas consigo mesmo, com os outros e com a coletividade em que se vive (CAVALCANTI, 1996).

A inflação do ego que se recusa a aceitar o inexorável, pode buscar no refúgio que a mídia quer vender, Lazer ativo e consumo, Mas, no envelhecimento real e possível, o corpo cansa, fenece e em algum momento finda. A realidade aponta que o custo da longevidade, mesmo que seja razoavelmente saudável, se expressa na senescência, com seus limites e disfunções. O envelhecimento ativo não implica, necessariamente, no lazer ativo em sua compreensão literal. As modalidades de lazer cultural e Lazer Contemplativo são bem vindas nesta fase da vida. E podem ser ativas, a sua maneira, pois aprender, desfrutar esteticamente, conviver intergeracionalmente em locais públicos, constituem atividades que podem ser muito

benéficas e estimulantes para o desenvolvimento pessoal do longo. Mas, para que estas possibilidades se materializem, Marcelino (2012) diz:

[...] a participação comunitária é fundamental para o conhecimento do valor do ambiente e da cultura, e para o incentivo a um comportamento destinado à preservação, valorização e revitalização urbana, os espaços preservados e revitalizados contribuem de maneira significativa para uma vivência mais rica da cidade. (MARCELINO, 2012, p. 31).

As proposições defendidas por Marcellino encontram respaldo na Carta Internacional de Educação para o Lazer, produzida no Seminário de Educação para o Lazer, promovido pela World Leisure and Recreation Association (WLRA) 1993 em Israel, que preconiza uma educação para o Lazer como processo de aprendizado contínuo, que incorpora o desenvolvimento de atitudes, valores, conhecimentos, aptidões e recursos para o lazer. Incluindo entre as metas a serem atingidas: Acessibilidade como fruto do trabalho com os grupos comunitários existentes para minimizar as barreiras e otimizar o acesso a serviços de lazer, Aprendizado, para a vida toda, e Preservação para intensificar uma conscientização de preservação e conservação naturais e culturais (ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 2002).

Resgatando o Fio de Ariadne de Latour (1994), aproxima-se o destino final. Um coletivo híbrido em que, desde “os princípios” foi nomeado de muitas formas, tantas quantas suas múltiplas formas de apresentar-se. Chega-se então à Copacabana, o *Locus de Vivencias*, e lá estão os “porta-vozes” (residentes longevos), que conforme conta Latour (1994) falam a favor do grupo, o delineiam. Para Latour (1994) todos os grupos necessitam de pessoas que definam o que são, o que deveriam ser, e o que foram. Junto aos “porta vozes” também estão todos os outros, de todas as idades, e os Actantes “não humanos”, o mar, a orla, a colônia de pescadores, em fluxos, refluxos, redes, deslocamentos e agenciamentos diversos.

6 COPACABANA: MÚLTIPLAS FACES DE UM TERRITÓRIO

6.1 NO PRINCÍPIO: UMA PAISAGEM E VÁRIAS HISTÓRIAS

Existem praias tão lindas cheias de luz... Nenhuma tem o encanto que possuiis.

*João Braga – Braguinha.
Copacabana, 1947.*

Figura 6 - Reveillon - 2014 em Copacabana²⁸



Fonte: Maladeaventuras.com (2014).

A mais famosa praia do Rio de Janeiro, conhecida internacionalmente pelo seu *réveillon*, um destino turístico privilegiado, Copacabana é o bairro de maior concentração de idosos do Rio de Janeiro. Este é o campo de estudos, *Locus de Vivências*, para buscar compreender algumas interações possíveis entre longevidade, lazer e paisagem, e apresenta-se como um caleidoscópio de possibilidades.

Este bairro situado na zona sul do Rio de Janeiro, inicia na Av. Princesa Isabel, faz divisa com os bairros da Lagoa, Ipanema, Botafogo e Leme, sendo também chamado de “*Princesinha do Mar*”. Por ser um bairro internacionalmente conhecido por sua paisagem, optou-se por ilustrar com dados visuais alguns aspectos mais relevantes da sua morfologia,

²⁸ A figura 4 ilustra o aspecto mais difundido do bairro, seu *réveillon*, “vendido” como o “maior do mundo”.

incluindo iconografias dos bens tombados, e ilustrando alguns aspectos de sua diversidade de paisagem urbana e natural.

Há controvérsias em relação à origem do nome Copacabana.²⁹ Uma versão informa que este termo seria originário do idioma *quíchua* falado no antigo império Inca, e significaria “lugar luminoso”, “praia azul” ou “mirante azul”. Uma segunda versão situa a origem, na língua *aimará*, dialeto indígena falado na Bolívia, significando “vista do lago” (*Kota Kaltuana*). Uma terceira versão localiza a origem em uma pequena cidade, às margens do Lago Titicaca, sendo esta localidade em tempos antigos dedicada a uma divindade protetora do casamento e da fertilidade das mulheres, que era chamada de “*Kopa Kawana*”. E uma quarta versão, relaciona que o local foi nomeado de Copacabana, no século XVII por comerciantes de prata bolivianos e peruanos, que trouxeram uma réplica da imagem de Nossa Senhora que teria “aparecido” para Francisco Titot Yupanki. O local até aquela data chamava-se *Sacopenapá*, que no idioma tupi significava “Caminho de Socós”. Para esta imagem de Nossa Senhora, construiu-se uma capela, que passou a ser referência e deu nome à região, tendo sido demolida em 1914, e neste local foi construído o Forte de Copacabana.

É interessante observar que nas quatro versões apresentadas, a paisagem natural ou a paisagem cultural e afetiva, determinou a forma como o local foi nomeado. Assim, predominam referências de elementos da paisagem natural, tais como: Lugar dos Socós, Lugar Luminoso, Praia Azul, Mirante Azul. Havendo também elementos representados da paisagem cultural e afetiva, pois se pode considerar as indicações da divindade Kopa Kawana e de Nossa Senhora de Copacabana, como possíveis influências para designar o local.

Mas afinal quantas e quais “Copacabanas” habitam o imaginário de seus residentes? E de seus visitantes? Parece que a vitalidade cultural é desde “os princípios” uma característica da região. Considerada um dos indicadores da *rede qualidade de vida* da WVS,³⁰ a “vitalidade cultural” parece estar amplamente presente neste bairro, haja visto a quantidade, e a diversidade de produções culturais que inspirou e continua inspirando. A escrita das cidades se revela tanto na produção de textos que as tem como sujeito ou cenário, quanto na leitura de seus habitantes, ao traçar em percursos imaginários ou reais uma geografia imaginária da cidade e do bairro (KAZ, 2014).

Sobre este tema, de locais inspiradores, Augustine Berque (2008), representante da Geografia Cultural Francesa, afirma que a natureza é apropriada pelo sujeito reflexivo, que

²⁹ As versões apresentadas encontram-se disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Copacabana>>.

³⁰ Word Values Survey (WVS) – ONG que pesquisa indicadores de bem estar e qualidade de vida como métrica alternativa aos cálculos do PIB (Produto Interno Bruto).

reformula sua condição de vivência, mesclando o subjetivo com o objetivo, o físico com o fenomenológico, o ecológico com o simbólico. Pela quantidade de produções culturais que já inspirou, há evidências significativas de que Copacabana tem esta vitalidade paisagística e comunitária, em intensidade suficiente para ser matriz criativa de múltiplos produtos culturais.

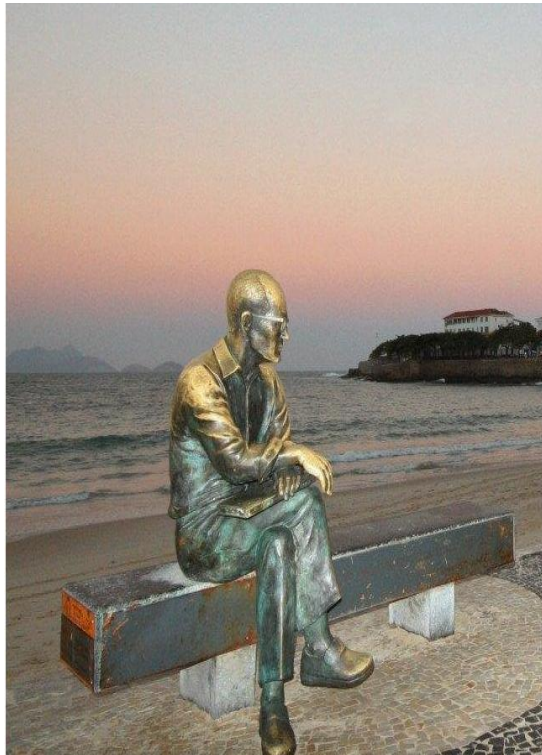
Neste mesmo sentido, o antropólogo Gilberto Velho, já em 1960, escrevia sobre “Os Mundos de Copacabana”, descrevendo um bairro cosmopolita, com ampla diversidade religiosa e sexual, identificado com um estilo de vida sofisticado e moderno para os padrões da época, e com amplos recursos urbanos, compartilhando suas percepções viscerais sobre a região, já que nesta década mudou-se para lá. E segundo seu próprio relato, esta vivência foi tão intensa que se transformou em um livro, *Copacabana: uma Utopia Urbana* (VELHO, 1999).

6.2 PAISAGENS CULTURAIS, AFETIVAS E IMATERIAIS DE COPACABANA

Penetrar nas representações, é compreender o espaço tanto através dos processos visíveis, quanto por meios míticos dos lugares, e a paisagem pode ser fundamental nesta conexão obrigatória entre pensamento e imagem.
(Amorim Maciel)

Copacabana apresenta um aspecto cosmopolita amplamente reconhecido, o que facilitou que o bairro abrigasse e desse nome a diversos movimentos culturais, virando letra e título de música, enredo de filmes e oferecendo uma ampla e variada iconografia, para turistas nacionais e internacionais através de sua orla, das quais destaca-se entre outros exemplos, a imagem do calçadão reproduzindo as ondas do mar, o Forte de Copacabana, o Hotel Copacabana Palace, as portarias dos prédios que integram o quarteirão *Art Deco* ao redor da praça do Lido. Moradores longevos e famosos que foram representados em escultura na orla como Carlos Drumond de Andrade e Dorival Caymmi contribuem com a “imortalidade” de suas presenças esculpidas, para a imagem de um “bairro especial”. Fatos que são ratificados pela teoria do Ator-Rede de Latour (2012), quando este afirma que atores em seus movimentos e interações, deixam traços. Assim, aqui temos concreta e simbolicamente, os “traços” que o poeta Drumond e o músico Caymmi deixaram, estando “para sempre” presentes, interagindo com o protagonismo da paisagem.

Figura 7 - Escultura de Carlos Drumond de Andrade



Fonte: Saharovsky ([2013]).

Figura 8 - Escultura de Dorival Caymmi na Colônia de Pescadores - Z13



Fonte: Imagens & Visions (2008).

Em Copacabana, desde o final da década de cinquenta, havia uma intensa movimentação cultural. Neste período tomou forma o movimento da bossa nova, com reuniões entre músicos no edifício *Palácio Champs-Élysées*, na Avenida Atlântica, aonde vivia a cantora Nara Leão, e aonde iam tocar e compor, os músicos Ronaldo Bôscoli, Roberto Menescal e Tom Jobim.

A paisagem induzia também à criação de letras, que falavam de barquinhos e amores a beira mar, e como conta o cronista Joaquim Ferreira dos Santos, no prefácio do Livro Copacabana “[...] **fazia sol naquelas letras...**” (SANTOS, 2011, p. 2, grifo nosso). Este autor descreve, que de lá, esta música (a Bossa Nova) espalhou-se pelas boates do Beco das Garrafas, que seguiram cantando a felicidade de viver de frente para o mar, de ser carioca e de se deitar com o corpo “*banhado pela luz do sol*”. O Beco das garrafas é o espaço situado entre os números 21 e 37 da Rua Duvivier, que agora está inscrito no Livro de Registro dos Lugares do Município do Rio de Janeiro – através do decreto Nº. 25918 de 26 de outubro de 2006, ficando assim preservado o local, considerado o berço deste gênero musical.

Figura 9 - Beco das Garrafas – Bem Tombado



Fonte: Copacabana.com ([2013]).

O bairro como matriz criativa de produção cultural diversa, encontra significativas referências desde 1946, com João Braga, conhecido por Braguinha, que a pedido do cineasta americano Wallace Downey fez uma música, a qual deu o nome de Copacabana. Apesar de ser uma música de encomenda, para fazer uma trilha sonora para um *Night Club* de Nova York, que chamava-se Copacabana, mesmo assim acabou transformando-se numa das principais referências do bairro através da expressão “Princesinha do Mar”. Braguinha também foi imortalizado com uma escultura em Copacabana, no início da Avenida Princesa Isabel.

Figura 10 - Escultura Homenageando Braguinha – Av. Princesa Isabel



Fonte: Lima (2013).

Oito anos depois Jackson do Pandeiro (1954) gravou o Xote de Copacabana abordando o impacto dos inovadores e libertários costumes litorâneos daquele bairro:

Ainda me lembro que eu fui à Copacabana
E passei mais de uma semana
Sem poder me controlar
Com ar de doido
Que parecia estar vendo aquelas moças
Correndo de maiô a beira mar (JACKSON DO PANDEIRO, 1954)

Dorival Caymmi (1955) fez “Sábado em Copacabana” aludindo à intensa movimentação social dos bares, e do lazer diversificado dos finais de semana no bairro, como um prêmio para quem havia trabalhado toda a semana. Em tempos bem mais recentes, em 1993, Gilberto Gil compôs Mar de Copacabana, em que ‘presenteia’ partes da natureza do bairro à pessoa amada, e sua relação com a paisagem fica explicitamente declarada na letra da composição:

Já mandei lhe entregar o mar
Que você viu
Que você pediu pra eu dar
Outro dia em Copacabana
Talvez leve uma semana pra chegar
Talvez entreguem amanhã de manhã
Manhã bem seda tecida de sol (CAYMMI, 1955, grifo nosso).

Na maioria das referidas produções, a paisagem é protagonista, sendo um dos propósitos deste estudo, ilustrar algumas das características desta paisagem, considerada tão impactante, através de ilustrações de suas iconografias, ressaltando aquelas que pela importância para a coletividade, foram consideradas patrimônio a ser preservado através do tombamento. Copacabana, também é representativa do chamado “espírito carioca”, pois dos 14 bares declarados como patrimônio cultural carioca, quatro estão em Copacabana (Adega, Pérola, Bar Bip Bip, Bar e Restaurante Cervantes, Café e Bar Pavão Azul) e receberam este título por serem considerados como **“loais de convivência democrática que traduzem o espírito carioca de comemorar, reunir e festejar”** (GUIA DO RIO, [2013], online, grifo nosso).

6.3 DA PAISAGEM ORIGINAL AOS DIAS DE HOJE: ICONOGRAFIAS DE UMA LINHA DE TEMPO

*A definição subjacente de paisagem, é a de um conjunto de signos produzidos pelo funcionamento ecológico, os quais seriam percebidos e carregados de significações pelo observador, e interpretados por tradutores de quadros sócio culturais: a lógica ecológica e a lógica do significado, se encontram na paisagem: um **lugar semiótico**.
(Amorim Maciel)*

A ocupação de Copacabana começou a configurar-se mais intensamente em 1858, através da abertura da Ladeira do Barroso, atual Ladeira dos Tabajaras, e da Rua do Barroso, atual Siqueira Campos. Com este acesso, vieram as casas de repouso, e a mais conhecida era a do médico e conde, Dr. Figueiredo de Magalhães, aberta em 1882. Em decorrência de sua fundação, houve um afluxo de novos moradores que vinham buscar um ambiente considerado saudável para convalescentes, e já neste período ‘a paisagem’ fazia diferença.

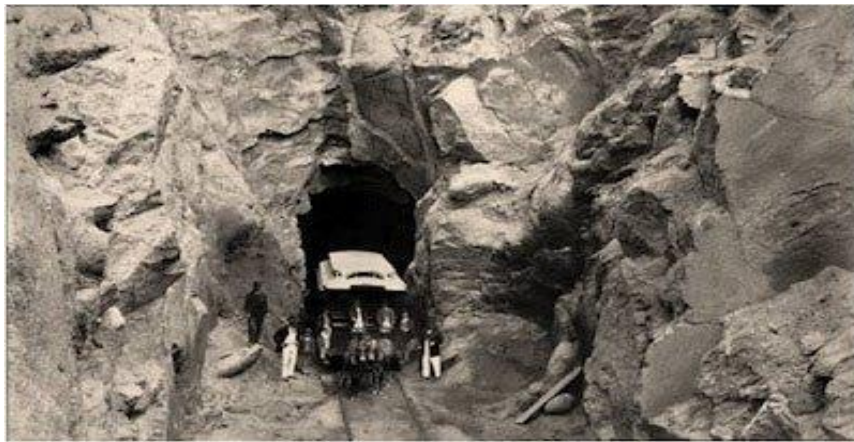
Figura 11 - Desenho em Postal da Casa de Saúde do Dr. Figueiredo de Magalhães



Fonte: Copacabana.com ([2014]).

Em 1874, O Barão de Mauá inaugurou o telégrafo por cabo submarino na Fazenda Copacabana, atual posto seis, com o propósito de “ligar o Brasil à Europa”. Mas só 18 anos depois, em julho de 1892, o bairro de Copacabana começou a integrar-se de forma mais efetiva ao restante da cidade, e a ter visibilidade. Nesta época a Companhia Ferro Carril do Jardim Botânico (atual *Light*) inaugurou um túnel no Morro Vila Rica, o chamado Túnel Velho, reunindo as regiões de Copacabana e Botafogo, o que facilitou a comunicação com outras localidades.

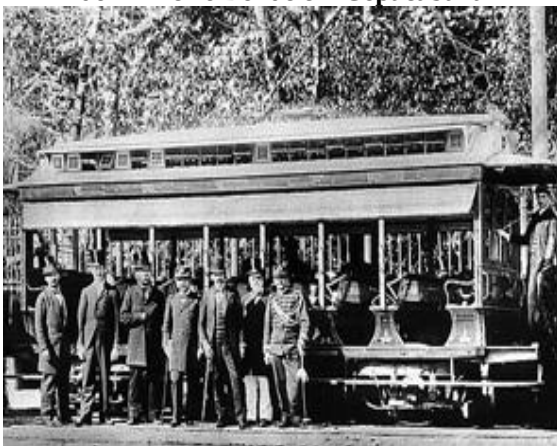
Figura 12 - Abertura do Túnel Velho em 1892



Fonte: Copacabana em Foco ([2014]).

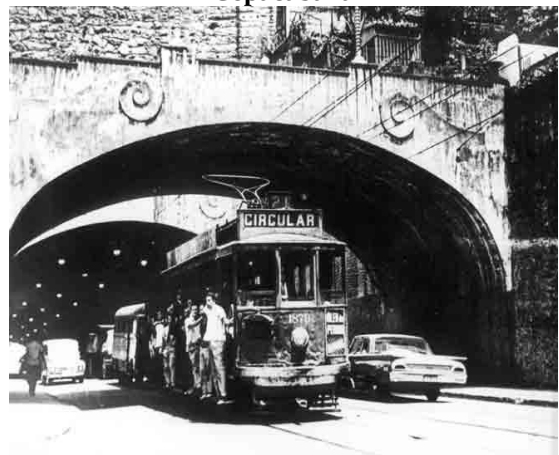
Em 1901, já havia bondes movidos à eletricidade que atravessavam o Túnel Velho, e sua primeira estação (Malvino Reis) estava situada no local, atualmente conhecido como Praça Serzedelo Correia. E os jornais da época ironicamente anunciaram: “*Aquilo era uma loucura! Bonde para apanhar caju e areia em Copacabana*”.

Figura 13 - 1892 – Autoridades na Inauguração do Primeiro Bonde em Copacabana



Fonte: Memorial da Eletricidade ([2013]).

Figura 14 - 1964 – Última Viagem do Bonde de Copacabana



Fonte: Museu Virtual do Transporte Urbano. ([2013]).

Desde esta época o bairro é descrito como um local influenciado e configurado por interesses comerciais de pequenos grupos, com um projeto de urbanização defendido pela alegação dos benefícios dos seus banhos de mar e pelos seus ares saudáveis, como igualmente defendia-se em cidades balneárias na Europa. Assim, uma vez mais a paisagem apresenta-se como item importante na valorização da região.

Ampliando a observação da vocação cultural de Copacabana, vale destacar que em 1909 foi construído, o primeiro cinema do bairro, com o nome de cinema Americano que, depois foi reinaugurado, na década de 50, como Cinema Copacabana, com uma ampliação para 980 lugares. Sobre esta, e sobre o que significava a frequência aos cinemas escreve Kaz (2014, p. 57): “O luxo, os ares do futuro e as linhas arrojadadas, geométricas, repletas de alusões à eficácia tecnológica do *Art Dècor* tornaram os cinemas, os principais templos em que se cultuava a modernidade, em uma atmosfera de sonho e magia”.

O Cinema Copacabana funcionou até 2002, quando foi demolido para dar lugar a uma academia de ginástica, ilustrando de forma radical as transformações arquitetônicas vividas pelo bairro.

Figura 15 - Cinema Americano – 1909



Fonte: Mendes ([2013]).

Reinauguração do Cine Americano com o Nome de Copacabana – 1950



Fonte: Foi Um Rio Que Passou ([2013]).

Figura 16 - Demolição do Cine Copacabana – 2012 Para Construção de Academia de Ginástica



Fonte: Os Cinemas e Suas Memórias (2012).

Em 1910, Copacabana ainda era considerada como um excelente campo de pouso, porque, por ser deserta, oferecia boas condições de visibilidade. Vinte anos depois, em 1930, surgiram os primeiros prédios, devido à valorização dos terrenos da região. E o primeiro deles foi o Edifício Lellis. Para Zanforlin (2009) estas mudanças parecem indicar que Copacabana prosperou a partir da expansão da cidade do Rio de Janeiro como capital brasileira. Esta autora destaca, que a partir da década de 20, começa a dar-se, verdadeiramente, a urbanização do bairro. Obras públicas de ampliação dos meios de transporte favoreceram assim sua ocupação populacional, tanto residencial como comercial. Deste modo a construção dos chamados “edifícios de apartamentos” no final dos anos 30, modificou definitivamente o cenário, e a paisagem do bairro. Mudando sua configuração, e fazendo desaparecer de forma gradual e irreversíveis casas, vilas de pescadores e chácaras.

Figura 17 - Edifício Lellis - O Primeiro Prédio Construído na Avenida Atlântica



Fonte: 1,2,3 I ([2014]).

Prosseguindo no fortalecimento de sua vocação cultural, em 1949, foi inaugurado no bairro o Teatro Copacabana. Sendo nesta mesma época criados também o Cabaré *Mere Louise* e um “Lugar de Encontros” dirigido por *Madame Ume Chabás*. A transformação da paisagem fica evidente em notícia publicada em 1957, no Jornal Correio da Manhã, através do seguinte relato: *“Arranha-céus foram surgindo e continuam aparecendo; pequenas ruas foram crescendo, os habitantes do Rio parecem correr em massa para morar em Copacabana, muitas vezes deixando casas grandes e jardins em outros bairros”* (LOPES, 2014, online).

Em 1962 o escritor Rubem Braga faz uma crítica de costumes na obra: “Ai de ti, Copacabana”, onde descrevia interações consideradas ousadas para os padrões tradicionais da época, sobretudo no tocante ao exercício da sexualidade (VESTIBULAR1, [2013]). Nesta década um local já espelhava estes relatos, o condomínio do edifício Richard, na Rua Barata Ribeiro, 200, conhecido por “Duzentão” onde cotidianamente vivia-se o que Braga descrevia. A vitalidade do local, inspirou uma peça “Um edifício Chamado 200”, cujo roteiro foi transformado em filme. Na vida real, condôminos optaram pela mudança da numeração (de 200 para 194) na tentativa de ocultar um passado, com presença constante em ocorrências de páginas policiais. Mas a tentativa, face ao teor das manchetes atuais não funcionou. Outro edifício, de funcionamento similar, porém um pouco menor, o Edifício Master, inspirou o cineasta Eduardo Coutinho a fazer um filme relatando biografias e sonhos de seus residentes (VICTOR, 2014).

Figura 18 - Edifício Richard – O Mais Populoso Prédio de Copacabana



Fonte: Ao Anoitecer de Copacabana (2012).

Como um dos ícones da filmografia brasileira, sobre o bairro, nos anos 60 apresenta-se o filme *Copacabana me engana*, cuja protagonista era a atriz Odete Lara, em um roteiro que narrava o sonho da classe média da época, de residir no bairro. Sonho este, que naquela época gerava na região, uma continua e acentuada expansão imobiliária, incluindo o surgimento de construções com espaços reduzidíssimos, os conjugados. O filme evidenciava também aspectos da contradição e decadência do bairro, revisitando os mesmos temas abordados por Rubem Braga, e o filme ao ser lançado, propunha em sua propaganda, uma *pergunta tema*: **“Que tipo de gente mora em Copacabana”?**.

Neste período, a este respeito, Gilberto Velho escreveu sobre patologias sociais decorrentes da pressão imobiliária, e do crescente desenvolvimento populacional, comentando que tal crescimento: “implica, também o desenvolvimento e mesmo aparecimento de atividades semi legais como os vários tipos de prostituição e jogos, acompanhadas de transgressões à moral e às convenções associadas às sociedades tradicionais, chegando inclusive à criminalidade” (VELHO, 1999, p. 16).

Em 1975, dando notícias do universo *gay* de Copacabana, o cantor Agnaldo Timóteo compôs a música “Galeria do Amor” dando visibilidade à Galeria Alaska, na época considerada uma referência nacional para este público. A paisagem de Copacabana também gerou, além das produções culturais já citadas, outros movimentos comunitários de expressão

e repercussão para a cidade, motivados pela apropriação para usos diversos de sua orla e do seu calçadão. Entre estes, movimentos encontra-se a origem das ciclovias, no município do Rio de Janeiro. Posteriormente, o sistema ciclovitário foi considerado prioritário para a transformação do trânsito da cidade, e foi criado o programa Ciclovias Cariocas, e duas ciclovias foram construídas no bairro de Copacabana: a Ciclovia Mané Garrincha, em direção ao Centro, e a ciclovia João Saldanha, em direção ao bairro de Ipanema.

Detalhando um pouco mais a influência na produção cultural, no âmbito televisivo, em 1992, Dias Gomes e Ferreira Gullar, ambientam no bairro de Copacabana, uma minissérie de muito sucesso, *Noivas de Copacabana*, cuja sequência de episódios, ilustra uma pluralidade de personagens e situações, representativas do modo de viver na região, e de sua diversificada paisagem humana.

Na virada do milênio, a prevalência de moradores idosos, começou também a refletir-se na produção cultural, e nos roteiros da filmografia inspirada no bairro. Em 2001, também com o nome: Copacabana, Carla Camurati dirige um filme que apresenta questionamentos existenciais de um morador, no dia do seu aniversário de 90 anos. Posteriormente, em 2008, o filme **Do outro Lado da Rua**, com roteiro baseado em *Uma janela indiscreta* do cineasta britânico Hitchcock, foi protagonizado pela atriz Fernanda Montenegro, apresentando o personagem de uma idosa, que colabora com a polícia, aproveitando suas horas disponíveis, para a observação do movimento da rua e da vizinhança, através da janela de seu apartamento. E assim o bairro de Copacabana, segue ao longo do tempo inspirando criadores e produtores culturais de várias áreas. Para Kaz (2014, p. 15) o capital simbólico do bairro é amplo:

Copacabana significa o Brasil em representações sonoras, táteis, visuais e gráficas. Entre as representações visuais de Copacabana encontram-se a barreira compacta de prédios, as barracas de gomos coloridos, as moças de maiô, a paisagem dos morros e sobretudo o desenho de ondas das calçadas da Avenida Atlântica, que margeia a praia. Suas representações sonoras se consubstanciam em amplo repertório musical. Suas representações textuais compõem vasto acervo de contos, crônicas, romances, citações, elogios, matérias de imprensa, impressões de viagem.

Na ebulição deste caldeirão de produção cultural, seguem surgindo novas músicas sobre o local. A história do bairro de Copacabana, além de mesclar-se com a história da Bossa Nova, ao longo do tempo, deu alento e inspiração também a vários compositores de outros gêneros musicais. Mas esta vitalidade cultural começou a ser também apropriada de forma indevida, incluindo a utilização de sua paisagem natural, e das areias de suas praias, para mega eventos promovidos pela prefeitura, gerando um fluxo de público além de sua capacidade para absorvê-lo. Destes destacam-se em 2006, o histórico show dos Rolling

Stones e também outras grandes apresentações, como a do cantor Roberto Carlos inaugurando a era dos mega eventos na orla, com seus bônus e ônus para a população residente. Além de outros eventos que trouxeram multidões à região, como a Jornada Mundial da Juventude realizada em julho de 2013, uma decisão de última hora, em que os residentes não puderam opinar, com a agravante de ter sido realizado com pequeno intervalo de tempo em relação ao *réveillon*.

Figura 19 - Ocupação da Orla no Show dos Rolling Stones - 2006



Fonte: It's only rock'n roll (2006).

Ressaltando o aspecto da paisagem natural ou cultural, presente como fonte de inspiração para vários segmentos de produção criativa, o cronista Joaquim Ferreira dos Santos, em prefácio para um livro de fotografias sobre Copacabana (2011, p. 5) afirma que: “Vive-se feliz ou triste, mas de frente para o mar, num barraco do Pavão-pavãozinho ou na cobertura do Edifício Chopim”. E deste modo aborda uma questão que será ressaltada de forma unânime pelos residentes longevos entrevistados: um local bonito, de democrática convivência nos seus espaços de paisagem natural, como a orla, o calçadão, e a colônia de pescadores.

6.4 COPACABANA: UMA PAISAGEM MÍTICA TRADUZIDA EM NÚMEROS

Copacabana é considerada o bairro com maior densidade populacional, do município do Rio de Janeiro, com 3,4 habitantes por metro quadrado. Para Castanheiro (2009, p. 64) o

meio ambiente equilibrado é um direito assegurado a todos pela Constituição Federal (artigo 225) e um bem fundamental das gerações atuais e futuras. Os habitantes e visitantes das cidades, são os titulares do direito difuso a um meio ambiente ecologicamente equilibrado, com harmonia na paisagem urbana. Assim, o que o bairro de Copacabana oferece, além desta grande densidade habitacional, e de seu significativo capital simbólico, está ilustrado por alguns dados quantitativos citados a seguir.

Figura 20 - Mapa de Copacabana



Fonte: Google Maps

O espaço físico de Copacabana divide-se em 100 quarteirões, 78 ruas, 5 avenidas, 6 travessas, 3 ladeiras abrangendo uma área de 7,84 Km². Possui, conforme o censo de 2010, 146392 habitantes, dos quais 43431 estão acima dos 61 anos, o que equivale a um percentual de 3,3 idosos em cada dez habitantes (COPACABANA.COM, [2014]). Segundo o Armazém de Dados da Prefeitura do Município do Rio de Janeiro seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,956 que lhe coloca em 11º lugar no *ranking* dos 126 bairros do município do Rio de Janeiro. Curiosamente Copacabana tem uma prevalência de residentes nascidos fora do Rio 56,2%, contra 43,8% oriundos do Rio de Janeiro. O gênero Feminino é maioria: 56,2% de mulheres contra 45,5% de homens (RIO DE JANEIRO, [2014]).

Copacabana tem 92.156 edificações, incluindo edifícios, escritórios, espaços comerciais e casas, sendo que o bairro representa 9% do total do Imposto Predial e Urbano (IPTU) do município do Rio de Janeiro. Tem um excelente aparelhamento cultural, contando 6 teatros, 9 centros culturais, 2 cinemas, sendo que um, o Cinema Roxy é um bem tombado, e um exemplo arquitetura com acessibilidade. O bairro possui também espaços culturais

multifuncionais, onde acontecem de forma simultânea, várias atividades culturais, e inúmeras galerias de arte. Possui equipamentos específicos de lazer de pequeno, médio e grande porte. Há ampla oferta de estabelecimentos educacionais abrangendo: 14 escolas municipais, 11 escolas estaduais e 25 escolas particulares.

Há um predomínio de pequenas habitações, com média de 84,3 (oitenta e quatro) m², e apenas 7% (sete por cento) das habitações tem mais de 220 (duzentos e vinte) m². Como já foi referido anteriormente o edifício Richard, localizado na Rua Barata Ribeiro 194 (antigo 200) é o mais populoso, com mais de 500 moradores, com o maior número de apartamentos (45 apartamentos por andar), sendo a maioria de conjugados. E outro exemplo de grande edifício com muitas pequenas habitações, é o famoso Edifício Máster, situado a um quarteirão da praia. O prédio tem 12 andares e 23 apartamentos por andar, ou seja, ao todo são 276 apartamentos conjugados, onde também moram cerca de 500 pessoas. Este prédio foi tema de um documentário do cineasta Eduardo Coutinho, cujo título é o próprio nome do condomínio e nele participaram moradores contando sobre seus sonhos e projetos de vida. Existem 8297 (oito mil e duzentos e noventa e sete) imóveis comerciais, entre eles o edifício mais alto de Copacabana, o Hotel Windsor Leme (antigo *Meridien*) com 38 andares. Tamanha concentração de moradores produz muito lixo, e para atender ao bairro são necessários 1250 garis que recolhem cerca de seis toneladas de lixo diariamente.

A estrutura urbana para manter tudo isto funcionando, inclui no quesito Luz e Energia: 4.028 (quatro mil e vinte oito) postes de iluminação pública, sendo que há 91.670 usuários que consomem 43.500.000 (quarenta e três milhões e quinhentos mil) KW/hora. O serviço de telefonia foi instalado em 1942, com a central telefônica de prefixo 237, atualmente há 92.000 telefones fixos e 180.000 telefones celulares.

O oferecimento de serviços, relacionado ao setor de alimentos compreende ampla variedade, viabilizada por supermercados, armazéns e quitandas, além de três feiras livres, nas Ruas Gustavo Sampaio, na Praça Edmundo Bittencourt e na Rua Ronald de Carvalho. E os longevos entrevistados sobre este tema destacaram, prazerosamente, a possibilidade de comprar peixe fresco diariamente, logo que são pescados, através da oferta dos pescadores da Colônia Z3, situada no bairro. O bairro também tem 139 restaurantes e 240 bares e a mais variada rede de hotéis da Cidade do Rio de Janeiro.

O acesso ao bairro é facilitado por ampla rede de transportes, sendo o bairro com o maior número de estações de metrô (três) Estações Cardeal Arcoverde, Siqueira Campos e Cantagalo. Há também uma grande frota de taxis, vans e linhas de ônibus, que ligam Copacabana às Zonas Sul, Norte e Oeste da cidade. Mensalmente são transportados por

ônibus 7.500.000 (sete milhões e quinhentos mil passageiros) (COPACABANA.COM, [2014]), o que evidencia um intenso fluxo urbano transitando pelo bairro. Estes deslocamentos são complementados pelo fato de haver em Copacabana 0,61 automóveis por domicílio (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, [2011]).

Quanto ao estado civil de seus moradores, Copacabana abriga um grande percentual de viúvos (10,8%) quando a média geral do Rio de Janeiro é 6,7% e de divorciados 6%, quando a média do Rio é 3%. Há um significativo número de moradores que vivem só, experiência comum na longevidade, destacando-se a presença de animais domésticos em muitos domicílios (COPACABANA.COM, [2014]). A renda per capita distribui-se da seguinte forma:

Quadro 5 - Distribuição da Renda Per Capita de Copacabana

Salário Mínimo	Porcentagem da população do bairro
Até 1 salário	12,3%
Entre 1 e 5 salários	66,5%
Entre 5 e 10 salários	12,9%
Entre 10 e 20 salários	12,9%
Mais de 20 salários	2,4%

Fonte: elaboração da autora com base em UPP SOCIAL ([2011]).

Copacabana apresenta indicadores de uma intensa prática cidadã, representada pelo significativo número de 19 atuantes e reivindicadoras Associações de moradores (ANEXO A), das quais se destaca a Sociedade de Amigos de Copacabana com o maior número de proposições à Prefeitura de ações de melhoria para o bairro. Seus indicadores de Desenvolvimento social revelam que o percentual de renda proveniente do trabalho é de 51,50, e que o percentual de renda decorrente de transferências governamentais é de 26,03. Seu morador tem também uma ampla variedade de templos religiosos disponíveis: seis igrejas católicas, duas igrejas messiânicas, três sinagogas e quatro igrejas evangélicas.

Os serviços de saúde são preocupação prioritária para seus residentes longevos, e o bairro conta com o suporte de dois hospitais, São Lucas e Copa d'Or, um posto de Saúde Municipal, complementado por um número significativo de profissionais liberais prestadores

destes serviços, conforme percepção e relato dos entrevistados. A prevalência de Idosos na região justifica também a presença de alguns serviços específicos, assim, Copacabana é o único bairro do Município do Rio de Janeiro que conta com uma Delegacia Especial de Atendimento à Pessoa Idosa (DEAPTI) que registra mensalmente uma média de 100 atendimentos aos idosos vítimas de violência no bairro (GANDRA, 2013).

Em maio de 2013, a delegada titular deste local, Catarina Noble, lançou a primeira campanha de Conscientização da não Violência à Pessoa Idosa, com o objetivo de orientar a população para a redução da violência familiar. O objetivo da referida campanha era de esclarecer, para evitar punir, considerando que muitas famílias não estão preparadas para acolher seus idosos, e considerando também que este tipo de violência ocorre mais dentro da própria família, e não no ambiente externo. Nesta campanha de informação deu-se ênfase à necessidade de implementar o artigo 22 do estatuto do idoso, que determina a inclusão nos currículos do ensino formal, de conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e a valorização do idoso, de forma a amenizar o preconceito.

6.5 MARCAS DO TEMPO NA PAISAGEM NATURAL DE COPACABANA

As formas simbólicas tornam-se formas simbólicas espaciais quando constituídas de fixos e fluxos, isto é por localizações e itinerários, apresentando, portanto os atributos primeiros da espacialidade.
(Lobato Corrêa)

Como mencionado anteriormente, as primeiras motivações para que houvesse uma movimentação de novos residentes no bairro, originaram-se das indicações do médico Figueiredo Magalhães, que recomendava o local como terapêutica para pessoas convalescentes. Ou seja, desde esta época, havia o reconhecimento de uma contribuição relevante da paisagem natural, gerando o fluxo de moradores em direção à região. Destes tempos passados, aos mais de 120 anos de existência atuais, Copacabana já sofreu inúmeras alterações da sua paisagem natural, devido às fundações de novas edificações, desmatamentos, ocupação de morros e interferências na orla (COPACABANA.COM, [2014]).

Das mais significativas interferências na morfologia da paisagem pode-se destacar que em 1906, o prefeito Pereira Passos, mandou importar de Portugal, uma grande quantidade das chamadas “pedras portuguesas” (Calcita Branca e Basalto Negro). Com esta providência configurou-se um ícone da paisagem cultural do bairro de Copacabana: a pavimentação do

seu calçadão, cujo traçado original foi modificado em 1970 por Roberto Burle Max, que nesta ocasião reproduziu a paisagem natural, pela representação das ondas do mar no traçado sinuoso do calçamento. Esta imagem enraíza-se no imaginário e na memória afetiva dos cariocas de um modo geral, e naturalmente para os moradores do bairro, funciona como poderoso geossímbolo, uma referência da paisagem natural entranhada intensamente na vida urbana. Como atesta Czeko (2012, p. 42) quando ressalta que:

As pedras portuguesas são parte do imaginário carioca. Formas moldadas pelo tempo, cada vez mais entranhadas no chão da cidade, seus padrões constituem um tanto da alma das ruas do Rio [...] As pedras portuguesas são parte da pele da cidade. Como registro, vestígio, são uma escritura comum, pública, ao alcance de todos.

Sobre este mesmo tema, Kaz (2014, p. 183) relembra que estilos que se originam em Copacabana influenciam regiões diversas do país:

A vitalidade de Copacabana como eterno mito, que se renova a cada verão, trouxe em 2008 o padrão das calçadas estampadas em tecido a metro, possibilitando a confecção da moda praia: biquínis, sungas, cangas, bermudas. Viam-se pelas ruas, não apenas da cidade do Rio de Janeiro, mas de outras cidades praianas também, trajes de verão estampados com as “ondas” de Copacabana. No ano 2009, com a seleção do Rio de Janeiro para sediar as Olimpíadas de 2016, uma nova onda de utilizações do padrão gráfico *Copacabana* se espalhou pela cidade, desta vez com a função de representá-la institucionalmente.

Figura 21 - Calçadão de Copacabana

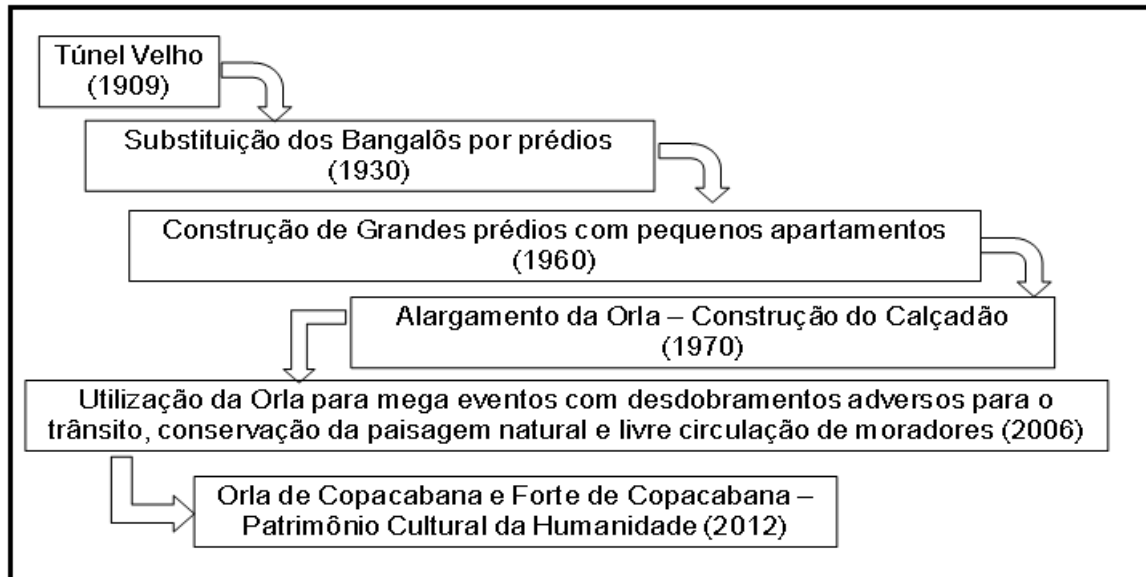


Fonte: Copacabana.com ([2014]).

Outra significativa interferência na paisagem natural de Copacabana, ocorreu quando foi feito um alargamento da praia, na extensão da orla, de cerca de 70 metros. Aumentou-se a área de areia da praia, visando evitar que ressacas chegassem às garagens dos prédios da Avenida Atlântica e na Avenida Nossa Senhora de Copacabana. O objetivo desta obra,

coordenada pela Superintendência de Urbanização e Saneamento, também visava a passagem do interceptor oceânico, para levar esgoto da zona sul até o emissário de Ipanema.

Figura 22 - Grandes transformações da paisagem em Copacabana



Fonte: elaboração da autora.

Atualmente, Copacabana é reconhecida como um espaço democrático: frequentada por gente de todas as idades, de várias partes do Rio de Janeiro, de outros estados brasileiros, e também de vários outros países. O bairro oferece gastronomia variada, regional, nacional, internacional, com diversificados preços, que vão desde os mais populares, até aqueles de custos mais elevados, em padrão compatível com serviços de alta gastronomia. Os moradores longevos entrevistados elogiam a quantidade de restaurantes *self service*, com preços acessíveis, o que lhes facilita muito a questão da alimentação diária.

Por todas as facilidades já referidas, a orla transformou-se em um centro de eventos a céu aberto, gerando em igual medida, entretenimento popular gratuito e problemas ambientais. Abordando esta questão da utilização comercial e publicitária da orla de Copacabana, Zanforlin (2009) afirma que esta se configura nos dias de hoje como um “centro de convenções” e eventos inigualáveis, já que ao espaço amplo do calçadão e da faixa de areia, soma-se simbolismo, memória, bela paisagem e o poder de atração de um público consumidor diversificado, tanto no aspecto de classe, poder de consumo, como de estilo de vida. E com estas reflexões também concorda Arruda (2007) ao afirmar que Copacabana vem passando por uma série de intervenções que buscam modificar suas formas. Para esta autora, desse modo recria-se um determinado espaço urbano, uma nova lógica de uso, não deixando

que a própria sociedade crie outra dinâmica para este espaço, onde o proveito é a mercantilização do espaço e da paisagem natural urbana, que passam a fazer parte de um espetáculo midiático. Igualmente Kaz (2014, p. 182) relembra que “[...] Copacabana também é, em si, um produto de consumo. Faz jus a uma identidade visual com alto valor simbólico e que pode ser democraticamente usado por todos”. Representantes do poder público fazem críticas similares, como Ricardo Macieira (Ex-Secretário Municipal das Culturas do Município do Rio de Janeiro, ao comentar que:

As ruas outrora bucólicas de Copacabana, propõem um tema para reflexões: a importância dos registros tanto materiais e imateriais para a construção da memória de uma cidade fundamental para o Brasil, como para o Rio de Janeiro. A destruição de muitos lugares de vida e de memória inestimáveis como valor histórico, arquitetônico e afetivo, poderia ter sido evitada, se houvesse uma legislação urbana adequada e, também, a participação mais ativa da própria sociedade. (MACIEIRA, 2001, p. 5).

Corroborando esta percepção, a última casa construída na Av. Atlântica, e ainda em uso, como espaço da Embaixada da Áustria e conhecida como “Casa Rosa” que foi demolida em outubro de 2013 para dar lugar a construção de um hotel de padrão 5 estrelas.

Figura 23 - Última Casa da Avenida Atlântica



Fonte: Angel ([2014]).

Figura 24 - Última Casa da Rua Santa Clara



Fonte: Emerson Júnior (2013).

Figura 25 - Casa de Pedra Demolida em Outubro de 2013



Fonte: Ribas (2013).

Neste mesmo ano a “Casa de Pedra” também foi demolida, desaparecendo assim, duas casas remanescentes de outras épocas, e que ainda resistiam inteiras no bairro. A este respeito, Corrêa (2009) relata ser comum, em conversa de idosos, os relatos de histórias que utilizam referências antigas da cidade. Assim ao narrar acontecimentos, muitas vezes eles se reportam às ruas e casarões que não existem mais, e cujas imagens, no entanto, conservam-se na retina de sua memória. Mas não são apenas residentes longevos que se ressentem das agressões à paisagem. Em 03 de março de 2013, moradores de variadas cronologias, na Rua Pompeu Loureiro, em Copacabana, envolveram-se em protestos, e em uma luta judicial, para embargar o procedimento de poda radical de uma árvore centenária, que inclusive era tombada. Conseguiram deter o procedimento, através de liminar, antes que a árvore fosse integralmente cortada. A campanha de mobilização de moradores conseguiu salvar a árvore (Hura Crepitans), popularmente conhecida por Assacu.

Figura 26 - Corte Radical de Árvore Centenária



Fonte: Alencar (2013).

Figura 27 - Campanha de Mobilização Pela Árvore



Fonte: Camargo ([2013]).

Estes acontecimentos e a mobilização popular, parecem indicar o quanto à paisagem cotidiana preservada é importante para o bem estar dos seus residentes, sejam longevos ou não. O que se corrobora com (FIORILLO, 2010) quando informa que o meio ambiente, pelo seu próprio conceito desenvolvido na Lei n 6938/81, integrado ao artigo 225 da Constituição Federal, tem uma conotação multifacetária, incluindo o aspecto do patrimônio cultural como meio de alcançar uma sadia qualidade de vida.

Neste sentido a praia de Copacabana sempre foi uma referência, por ser um lugar de grandes polifonias. É o lugar das turmas, de todas as idades, de todas as procedências, nacionais ou estrangeiras, dia e noite encontram-se pessoas nas ruas. Como Arruda (2007) ressalta, uma das questões que define uma paisagem urbana, e que não se deve considerar só sua arquitetura, suas vitrines, mas também o movimento das pessoas que ocupam esses espaços, com suas roupas, seus penteados, suas conversas de padaria, de botequim e de calçadas. Ressalta ainda que a qualidade de um espaço, é o que determina os tipos de relacionamento entre as pessoas, assim, é a conformação urbana um dos fatores que caracterizam a forma e o tipo de uso que o espaço adquire. O tipo de uso ou não uso, será determinado pelos valores da população que o utiliza (ARRUDA, 2007). Justificando-se a importância do *Modus Vivendi* de Copacabana, reverberando para muitos outros locais, bem distantes geograficamente do bairro encontra-se a afirmação de Kaz (2014).

O estilo de vida que se desenvolveu em Copacabana se internacionalizou, se consagrou e permanece vivo por meio de estereótipos, engendrando toda uma produção cultural e mercantil que, até hoje, passado mais de meio século de seu apogeu ainda constitui, em parte, a feição pela qual o Rio de Janeiro é conhecido no mundo. (KAZ, online, 2014).

A superexposição da praia de Copacabana tem seus aspectos de bônus e ônus. Como bônus pode-se considerar que a praia propicia o contato com a natureza, o espaço de lazer, a academia, o ponto de encontro entre amigos. É a festa, é o show, é o futebol, o vôlei, a bicicleta, o velocípede das crianças, os patins e os patinetes, o *skate*, o chope, a água de coco, o sorvete. É o *surf*, é o banho de mar, é a caminhada é a corrida. É pegar jacaré nas ondas. É a paisagem. Mas por tantos benefícios e prazeres, colhe o ônus da poluição, do uso indevido, da superlotação, do lixo descartado de qualquer maneira.

Figura 28 - Praia de Copacabana - 1906



Fonte: O Rio de Janeiro de Antigamente ([2014]).

Figura 29 - Praia de Copacabana - Janeiro de 2014



Fonte: Vieira (2013).

A maciça propaganda sobre Copacabana, e a quantidade de eventos programada para sua orla, faz pensar que o bairro é alvo de um intenso *city branding*³¹, só que no projeto estratégico desta atividade de transformação e venda da imagem do bairro como marca, e na série de ações para viabilizá-lo, reuniram-se “apenas” poder público, empresas e corporações,

³¹ *City Branding* - Conjunto de ações publicitárias para “vender” como marca, um bairro ou cidade.

já os residentes, ficaram de fora. O projeto de *branding* de um bairro ou cidade pode ampliar a percepção e o entusiasmo de seus moradores a partir da criação de áreas de lazer, convívio, novos equipamentos culturais, pela potencialização dos recursos já existentes, alicerçados na difusão de uma forte identidade visual. Mas para funcionar bem, demanda um pacto, em que todos participem e opinem, e não a apresentação de um fato consumado ao qual será necessário adaptar-se, “do jeito que der” como tem sido frequente em Copacabana. Já que como ressalta Kaz (2014) o bairro é “explorado e comercializado internamente à exaustão por meio de anos de matérias na imprensa, da indução ao consumo de suas imagens e cada palmo de *Copacabana* é também veiculado em todo sistema de objetos ligados por representações gráficas à sua força mítica”.

Para amenizar estes, e outros usos indevidos da paisagem, as APACS, como instrumentos de preservação criados na década de 1980. Depois que a cidade do Rio de Janeiro recebeu o título de Patrimônio Mundial de Cultura Urbana, entre as paisagens tombadas estão a Orla de Copacabana e o Forte de Copacabana, o número de APACS foi ampliado, o que deve fortalecer e facilitar estas ações de preservações.

Figura 30 - Forte de Copacabana (Bem Tombado) Vista do seu Interior



Fonte: Affonso ([2014]).

6.6 UTILIZAÇÃO DA PAISAGEM COTIDIANA PARA O LAZER

*Estilhaços sobre Copacabana
O mundo em Copacabana
Tudo em Copacabana Copacabana
O mundo explode longe, muito longe
O sol responde
O tempo esconde, o vento espalha, e as migalhas
Caem todas sobre Copacabana.
(Caetano Veloso)*

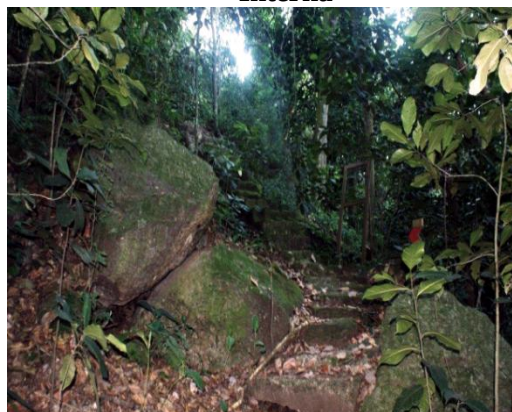
O espaço social de Copacabana é um “conjunto/cenário”, ao mesmo tempo em que é também o “cenário/contexto”, resultante da imaginação histórica sobre o lugar, oferecendo no cotidiano muitas possibilidades, entre elas espaços para práticas diversas do lazer. Pois, além da Orla e do calçadão, Copacabana tem uma área verde de 13,3 hectares, preservada e ainda dentro do seu perímetro urbano, que corresponde ao Parque Estadual da Chacrinha, pedaço de natureza íntegra, cercado por uma selva de pedra de prédios. Segundo a OMS, recomenda-se 12 m² de área verde por habitante, para criar uma condição ambiental propícia a uma boa qualidade de vida, e este parque oferece “um respiradouro” para os moradores do bairro (PROGRAMA CIDADES SUSTENTÁVEIS, [2015]).

Figura 31 - Parque da Chacrinha – Entrada



Fonte: Rio de Janeiro ([2013]).

Figura 32 - Parque da Chacrinha – Trilha Interna



Fonte: Trilha Virtual ([2012]).

Entre suas praças uma delas também oferece um contato agradável com aspectos de natureza preservada, através da contemplação de suas árvores centenárias, que são bens tombados do Município do Rio de Janeiro, situadas na Praça Edmundo Bittencourt, localizada

no trecho conhecido como Bairro Peixoto, que também integra o perímetro urbano de Copacabana.

Figura 33 - Árvores Centenárias da Praça Edmundo Bitencourt



Fonte: Bastos (2013).

Como o lazer tem representações do espaço social e dos espaços de ação, como produto do espaço vivido, pode ser compreendido transversalmente como objeto de estudo tanto da geografia cultural, como da antropologia cultural e da sociologia do cotidiano. Esta transversalidade auxilia na compreensão de como a paisagem vai interferir profundamente na conformação e preservação da qualidade de vida e nas oportunidades de lazer, que resultam de processos dinâmicos da relação com seus residentes. Estes movimentos, fluxos e redes entre atores, decorrentes da interação contínua ao longo do tempo, agem na paisagem pelo uso e ocupação, tanto ordenada como desordenada. Assim, estes dois temas, paisagem e lazer, encontram-se vinculados de forma intensa no Bairro de Copacabana, traduzindo-se em inúmeras construções imaginárias sobre este lugar, gerando seu sucesso midiático, sua superexposição e seus prejuízos ambientais.

Nessa rede de sentidos, representações e significados, na trama tecida pelas vivências afetivas, pelos 'lugares da memória' e pelo que resta da paisagem natural, Copacabana parece ainda oferecer um 'lugar de pertença', um espaço identitário fortalecido cotidianamente pelas possibilidades de contemplação estética, participação cultural, acesso às facilidades urbanas, e convivência democrática nos espaços públicos. Esta percepção está configurada através das

falas, percepções e opiniões dos residentes longevos, “os porta-vozes”, ouvidos sobre como é viver neste bairro, e qual seu sentimento como moradores em relação à paisagem circundante, como será visto no Capítulo 7, Análise de Resultados.

6.7 PAISAGENS DO PASSADO: BENS TOMBADOS

*Vou voltar, sei que ainda vou voltar
Foi lá, é ainda lá, que eu hei de ouvir cantar uma sabiá
Vou voltar, sei que ainda vou voltar
Vou deitar à sombra de uma palmeira, que já não há
Colher a flor que já não dá.
(Sabiá - Chico Buarque)*

A memória ambiental de Copacabana não é só a praia, passa também pelo espaço construído e pelo apreço aos artefatos que representam tempos passados. Assim, através da arquitetura, ou de pequenos objetos, tíquetes de cinema, teatro, fotos, postais e livros, garante-se que a vida cotidiana não caia no esquecimento. Alguns destes registros do passado estão concentrados no Shopping dos Antiquários (Shopping Cidade de Copacabana) que proporciona uma oportunidade prazerosa de apreciação estética e volta a tempos passados, através de suas 44 lojas especializadas em antiguidades diversas, móveis e objetos de *design*, *vintage*, galerias de arte e brechós. Um local que encanta turistas nacionais e estrangeiros, e reconforta residentes idosos do bairro, através do contato com a diversidade de objetos antigos, que podem representar boas lembranças dos tempos passados, a serem renovadas neste contato, em um território **informal e efetivo de preservação da memória**.

Figura 34 - Memorabilia – Shopping dos Antiquários



Fonte: Riodejaneiroaqui.com

Outro aspecto peculiar no dia a dia do bairro é a presença ainda de pessoas desempenhando ofícios considerados muito antigos, em que predomina a prestação de serviços ancorada na manualidade e saberes ancestrais, como bordadeiras, ourives, alfaiates, e sapateiros que produzem calçados sobre medida. A este respeito, a própria Constituição Federal de 1988 em seu artigo 216 determina que estes saberes e manualidades tradicionais sejam preservados por que:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tombados individualmente ou em conjunto, portadores de referências à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Nos quais se incluem:

- I. As formas de expressão.
- II. Os modos de criar, fazer e viver.
- III. As criações científicas, artísticas e tecnológicas.

Figura 35 - Copacabana Palace (Bem tombado em seu conjunto de edificações)



Fonte: Antunes (2013).

A importância da memória afetiva, do seu resgate e preservação é assinalada por Bosi (1994) em sua clássica obra sobre memória e envelhecimento, quando ressalta que na maior parte das vezes “[...] **lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho**” (BOSI, 1994, p. 17, grifo nosso). E nesta tarefa os longevos entrevistados contribuíram com maestria, para que fosse propiciado este entendimento sobre o bairro.

Figura 36 - Portaria Art Deco do Edifício Itahy (Bem Tombado)



Fonte: Kopschitz (2011).

Os residentes longevos contaram sobre tempos e paisagens passadas, e sobre alguns belos imóveis do Bairro de Copacabana, como eram antes que se desvanecessem no furor demolidor do mercado imobiliário, e de outros que sobreviveram preservados por iniciativas

de diversos atores, como o caso do conjunto de prédios na região do quarteirão remanescente representativo da *Art Deco* (detalhe acima) por iniciativa privada, e da Casa Villiot (detalhe abaixo) transformada na Biblioteca Popular de Copacabana Carlos Drumond de Andrade, por iniciativa governamental.

Figura 37 - Casa Villiot - Atual Biblioteca Popular - Fachada



Fonte: Copacabana em Foco ([2014]).

Figura 38 - Casa Villiot - Atual Biblioteca Popular - Detalhe Interno



Fonte: Copacabana em Foco ([2014]).

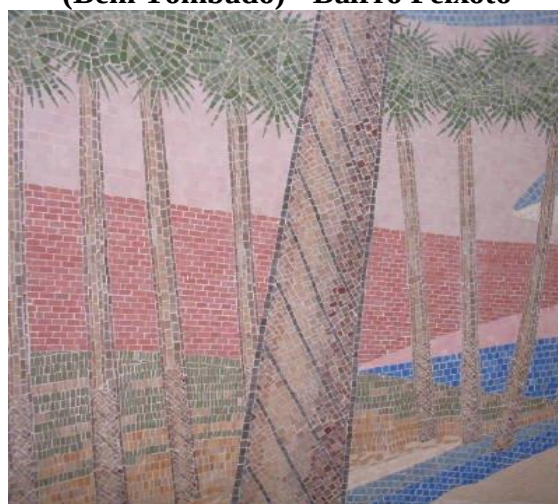
Outra iniciativa importante, governamental, foi o tombamento dos painéis de mosaico executados pelo artista Paulo Werneck em algumas fachadas de prédios do bairro.

Figura 39 - Mosaico de Paulo Werneck (Bem Tombado) - Fachada de Prédio



Fonte: Copacabana em Foco ([2014]).

Figura 40 - Mosaico de Paulo Werneck (Bem Tombado) - Bairro Peixoto



Fonte: Copacabana em Foco ([2014]).

Em meio a estes bens tombados, Copacabana ainda apresenta o diferencial de seus artífices em ação, com suas práticas artesanais, preciosas raridades, que em “tempos tão apressados”, apresentam um oásis de atividades criativas, minuciosas, lentas e delicadas.

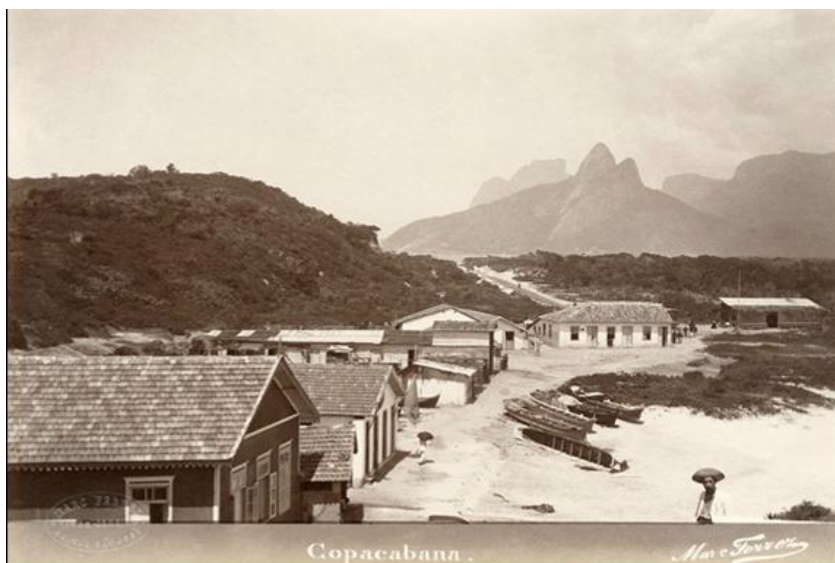
6.8 O CAPITAL SIMBÓLICO DE COPACABANA

[...] os grupos humanos participam de um duplo sistema de distancias: as do espaço físico, que as técnicas permitem controlar mais ou menos bem; e a dos espaços psicológicos, que cavam fossos entre os sistemas culturais, ou os preenchem, independente das distancias físicas.
(Claval)

As manifestações da cultura no espaço envolvem complexos, sobreposição de imagens, multiplicação de territorialidades, já que a paisagem é também uma maneira de ver. Um recurso para avaliar o impacto de uma paisagem natural de um determinado local em seus moradores, é perceber como a passagem do tempo e a ação humana, em sua ocupação, agem sobre ela. E como complemento a esta investigação, cabe perguntar aos residentes, como se sentem em relação a estas transformações que vão percebendo, o que foi feito nas entrevistas realizadas neste estudo.

Atualmente a orla do bairro, é objeto de um *marketing* intenso da prefeitura, haja vista o *slogan*, bastante difundido, de que lá acontece o maior e melhor *réveillon* do mundo. Mas para além deste tipo de ocupação, há outros desdobramentos desta orla, bastante interessantes como fatores que podem ser avaliados em sua contribuição para uma melhor qualidade de vida. Neste contexto está a Z-13, colônia de pescadores do Posto seis, que abrigada pela Pedra do Arpoador e pela sombra das amendoeiras, estende suas redes, movimenta seus barcos e ofereceu seu peixe fresco todas as manhãs. A colônia existe oficialmente, desde 1923, mas há registros fotográficos de seus pescadores em ação, desde 1895, em foto feita por Max Ferrez. A combinação dos elementos citados cria um ponto de encontro na região da colônia, onde joga-se cartas, conversa-se muito sobre o tempo, sobre o movimento das marés, e turistas param para contemplar a inusitada presença de uma colônia de pesca em área urbana. Há ali uma efetiva e democrática convivência intergeracional, onde interagem surfistas, ginastas, banhistas, visitantes, aficionados em pesca submarina, compradores de peixe e naturalmente muitos idosos.

Figura 41 - Colônia de Pescadores - 1895 Foto de Marc Ferrez



Fonte: Copacabana em Foco ([2014]).

Figura 42 - Colônia de Pescadores Z13 - Posto 6



Fonte: Copacabana em Foco ([2014]).

Como poderoso geossimbolo para atrair a todos, temos mais uma vez o mar, o “poderoso ator”, e sua orla, que também acolhe em seu espaço, praticantes de religiões de matriz africana para suas práticas sagradas, coexistindo estes ritos, com os mega eventos esportivos e musicais gratuitos, e também com o já referido *réveillon*. Nas proximidades da orla, na Avenida Atlântica ocorre também, de segunda a sábado a “Feira Noturna de Copacabana” com cerca de 150 barracas de expositores diversos, incluindo pinturas, esculturas e desenhos, além de, objetos de decoração e artesanato, acessórios e bijuterias.

Uma feira que existe desde a década de 80 atraindo grande fluxo de turistas e residentes. Esta diversidade possibilita ao bairro ser o lugar descrito por Kaz (2014, p. 185) “Copacabana transformou-se um signo adequado a denominar produtos, uma vez que, como objeto de memória, detém ampla capacidade de agregação em torno de si, é capaz de representar o pertencimento a um grupo, e é um signo visual facilmente identificável”.

A seguir, com a palavra os atores, residentes longevos, como legítimos “porta-vozes” deste *Locus de Vivências* compartilhando suas percepções, memórias e sentimentos sobre a vida, a passagem do tempo, e o envelhecimento deles e do próprio bairro, através das mudanças de sua paisagem. Nesta etapa abre-se a caixa cinza, e sob o olhar da “lente Latouriana” saem controvérsias, incertezas, traduções, agenciamentos. Mas para alívio de atores e pesquisadora, permanece, como em “tempos de Pandora”, a esperança, de que novas, efetivas, e mais amplas redes podem ser construídas e cartografadas.

7 DA CAIXA CINZA À CARTOGRAFIA AFETIVA DE UM BAIRRO: ANÁLISE DOS RESULTADOS

*Uma rede é o traço deixado por um agente em movimento.
(Latour)*

O envelhecimento é uma cartografia que vai sendo registrada no corpo, marcada na pele, diminuindo a vivacidade e a agilidade. Em uma cidade, este percurso do tempo também vai sendo cartografado e impresso, na erosão e destruição da paisagem, na demolição de construções, na degradação de fachadas, fazendo desaparecer marcos afetivos, promovendo cortes de árvores centenárias, fazendo rarear as áreas verdes. A cartografia é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem (ROLNIK, 1989).

Conforme ensina Nora (1984) os “lugares da memória” capturam e mantêm os registros afetivos destas antigas paisagens, e se estas estiveram concretamente preservadas, em cada dia haverá uma nova possibilidade de nutrir-se e reconfortar-se nelas. Mas se estas paisagens afetivas são continuamente agredidas, gradualmente destruídas, e oferecem à visão cotidiana seus fragmentos, lacunas, e marcas da degradação, constrói-se uma dolorosa experiência, em que a ausência da antiga inteireza e plenitude, coincide com as marcas do tempo, impressas no próprio corpo do longo. Assim no envelhecimento, dentro tudo muda, e quase tudo fora, também muda, (corpo e paisagem), reafirmando-se vivências internas e externas de perda e insegurança. Configuram-se então, neste caso, cartografias esmaecidas, difusas e confusas, onde não é mais possível compreender as rotas, ou encontrar as direções.

O longo, como proteção a tantas perdas, guarda intactas em seus “lugares da memória”, representações de interações afetivas, experiências biográficas relevantes, um universo imaginado, ancorado, sustentado e renovado a partir de possibilidades de revisitar o lugar onde foram vividas. Estes processos peculiares, vinculados à longevidade, permitem a vivência de um tempo peculiar, “*o meu tempo*” muito comum na fala dos idosos, configurado por singulares mapas perceptivos³², construídos através dos sentidos, olfato, tato, visão e audição, produto das relações com o entorno, e nele movimentando-se memórias de vivências significativas, cujas lembranças fortalecem a identidade, e o senso de pertencimento à própria

³² Yu-Fu Tuan (1974) registra as interações entre residentes e seu entorno cotidiano, ressaltando que são singulares, individuais e configuram-se a partir do processo perceptivo de cada um, que dará ênfase a determinados pontos da morfologia local, formando deste modo mapas perceptivos únicos, que apesar de serem de um mesmo local, poderão ser totalmente diferentes entre si.

história. E cada narrativa colhida, na percepção de cada residente longo vivo entrevistado, deslocou-se por estes “lugares de memória”, já que os tempos de residência em Copacabana não foram menores que doze anos, e todas as pessoas ouvidas tinham mais de sessenta anos. Estes “porta-vozes” e suas narrativas partilharam percepções que permitiram acompanhar pistas e indicações para uma cartografia afetiva de Copacabana.

Conforme assegura Nora (1984), em sua construção teórica sobre “lugares da memória”, subsiste o que é afetivo, permeado por lembranças de eventos significativos. Legados biográficos providos pelo próprio indivíduo, doando a si próprio o prazer de reviver suas memórias, com o reconforto de poder perceber-se com relevantes experiências vividas, que através do imaginário podem ser resgatadas e reconstruídas, como e quando bem entender, com o apoio de sua relação cotidiana com a paisagem, seja ela natural ou cultural.

Apoiada na abordagem de Bruno Latour (2012), do Ator - Rede (TAR), quando afirma que o delineamento de um grupo não é apenas uma das ocupações dos cientistas sociais, **mas também tarefa constante dos próprios atores**. Estes fazem sociologia para os sociólogos, e os sociólogos aprendem deles, o que compõem seu conjunto de associações. Sob esta ótica serão apresentados alguns trechos das narrativas colhidas. Busca-se então, observar movimentos e fluxos, registrando algumas conexões e afastamentos, na rede sócio técnica formadas por longevos e gestores, em suas interações com os três temas estudados, Longevidade, Paisagem e Lazer, no âmbito de Copacabana. Os elos entre todos serão as percepções sobre o próprio envelhecimento, e o envelhecimento em um lugar, as paisagens afetivas, os “lugares da memória”, e naturalmente as controvérsias na forma de perceber este *Locus de Vivências*, que é Copacabana, e sobre perceber e lidar com o próprio envelhecimento. Com esta estratégia metodológica, busca-se compreender como estão sendo tecidas estas redes, referentes ao idoso em Copacabana, um conjunto de ações que demanda efetiva articulação entre atores, interesses, ações e programas, voltados para o bem estar, no envelhecimento, da população residente. Teoricamente redes deste tipo, caracterizam-se por flexibilizarem-se e adaptarem-se, levando em conta as transformações constantes do seu público alvo, que em seu processo de senescência, vai também gradualmente mudando, devido ao alongamento de seu perfil de longevidade, tendendo a apresentar mais limitações físicas, e da saúde de um modo geral. Neste contexto, o bairro será observado, já que é prioritário que o meio urbano ofereça “condições amigáveis” de transportes, habitação, participação social, respeito, inclusão, participação cívica, comunicação, informação, apoio comunitário e serviços de saúde.

Bruno Latour (2012) em sua teoria (TAR), prioriza observar e avaliar redes, conexões e fluxos, com ênfase nas possibilidades de interação com novos fatos, e novos atores. Preconiza que este acompanhamento seja feito de modo a observar como os próprios atores estabilizam incertezas, elaborando suas formas, padrões e metrologias (LATOUR, 2012). O crescimento exponencial da população idosa, e o significativo aumento do perfil de longevidade, certamente é um “novo fato”. Sua concentração espontânea em Copacabana, constitui-se em um deslocamento significativo a ser avaliado. Longevos com 90 e 100 anos, lúcidos e autônomos, são “novos personagens”, que já não se encaixam nas antigas e usuais representações negativas de envelhecimento, como decrepitude e dependência, e que eram muitas vezes “resolvidas” com asilamento e isolamento. Uma tendência natural é que a expressividade numérica possa converter-se em benefícios, e exercício de direitos. O bairro parece já ter respondido satisfatoriamente às questões referentes a como transmutar reconhecimento negativo em reconhecimento positivo para o envelhecimento, e como integrar e respeitar seus cidadãos longevos, justificando assim o intenso fluxo de longevos para seu território.

É importante reconhecer que o longo vivo é, sobretudo um resiliente, ainda que não seja possível sobreviver incólume à passagem do tempo. Este, em sua trajetória, através da senescência, sempre cobrará um pedágio que poderá expressar-se em problemas metabólicos, rugas, flacidez, lentidão e diminuição da energia vital. E nas suas versões mais radicais, em vez da senescência, a senilidade, que resulta na perda radical da autonomia existencial.

Assim, o envelhecimento acontece, simultaneamente, em corpos e paisagens e quanto mais envelhecem estes corpos e paisagens, mais “os lugares da memória” fortalecem sua função, como território e referência. Estes lugares imaginários são o continente para guardar intactas as imagens preservadas daquilo que foi, gradualmente, perdendo formas, funções e potências originais, e ganhando assim progressiva importância simbólica e afetiva, configurando um “meu tempo”, absolutamente, pessoal e singular.

Apesar dos acelerados progressos e conquistas promovidos pela MAE, a longevidade impõe ao corpo os inexoráveis limites da senescência, pois sequer as tecnologias de saúde de última geração, com seus custos sempre crescentes, poderão impedir a chegada destes visitantes indesejáveis. A redução de funções fisiológicas, simultaneamente às aceleradas mudanças ambientais das quais compartilha o longo vivo, ocasionam visíveis e contínuas transformações, não só no corpo, mas no entorno em que vivem. As transformações ambientais, com muitos eventos abruptos, podem ser vividas de forma dolorosa, funcionando por espelhamento às perdas fisiológicas e afetivas, que subjetivamente podem corresponder

em igual medida, à degradação do entorno do local em que se vive. Uma incômoda reprodução simétrica, como se cada ausência afetiva ou dano corporal, igualmente se replicasse em perdas arquitetônicas, no desaparecimento de paisagens que reconfortavam, e fosse reforçada no dia a dia, nestas perdas mutuas (corpo e paisagem). Na vivência subjetiva, uma correspondência adversa, pois os danos vividos na paisagem por poluição, degradação ambiental, desmatamento, construções desordenadas, descarte inadequado de lixo, podem também corresponder para o longo, a um corpo também igualmente marcado por esta “presença de ausências”³³ na trajetória de sua senescência.

O documento “Declaração do Rio” (ANEXO B) propõe ações simétricas de cuidar e ser cuidado, um convite para que o longo fique atento ao seu processo de senescência, e busque encontrar suas melhores formas de viver, apesar das limitações graduais, decorrentes do envelhecimento que venham a apresentar-se. Vale lembrar que neste contexto é bem possível que bailes da terceira idade ou academias para a terceira idade em praça pública, sejam experiências fugazes, insuficientes para suprir lacunas, ou amenizar desconfortos. Seja da lembrança daquele cinema que não está mais lá, daquela árvore frondosa e antiga que foi irremediavelmente danificada por uma poda exagerada, ou a demolição daquela última casa que conseguiu resistir por muito tempo, mas acabou sendo vendida e demolida para virar hotel, daquele conjunto de prédios que desaparecerá inteiro, fazendo com que seus moradores literalmente percam o chão. Estas experiências fugazes, também provavelmente não amenizarão perdas de renda, *status*, de familiares, amigos e vitalidade física, nem protegerão do risco de, em sua versão mais radical, o idoso ser removido, à revelia, para uma ILPI, sendo separado de sua casa, seus objetos pessoais, eventualmente de seus animais de estimação, e de toda visão cotidiana da paisagem do seu entorno, que será substituída pelas paredes do confinamento institucional. Assim, poder permanecer convivendo com uma paisagem harmônica, agradável e conservada, tem muito a favorecer no bem estar e qualidade de vida do longo. Pois esta oferece a cada dia o reconforto de sua presença, e com ela a ativação de muitas memórias afetivas, decorrentes das suas experiências vividas ali.

Ao observar os dados colhidos através das entrevistas com longos e gestores, buscou-se neste estudo, um olhar através da lente “Latouriana”, que nos lembra que em novas forças sociais, não há como vistoriar-lhes o conteúdo, nem verificar seu prazo de validade, ou

³³ “Presença de ausências”, metáfora criada pela autora, em substituição ao conceito psicanalítico de lacunar. No contexto do envelhecimento, o que é “lacunar” é vivido pela falta de vitalidade, pela ausência de referências afetivas e visuais no entorno. Sendo que estas ausências são continuamente lembradas, e estão presentes nas rugas, flacidez, adoecimentos, e no entorno da paisagem, pelo desaparecimento das referências visuais e afetivas que pertenciam à paisagem cotidiana.

definir se elas realmente têm os veículos e a energia para avançar. (LATOUR, 2012, p. 353). Com este aporte teórico foi possível compreender que é exatamente assim com a chamada “Revolução da Longevidade”³⁴. Aonde ela vai dar ainda é um mistério, mas certamente convoca os longevos lúcidos e saudáveis que participem ativamente dela, em defesa de seus próprios interesses e direitos presentes, e sobretudo futuros.

Latour (2012) define sua própria teoria como uma forma de vislumbrar ordem *depois* de deixar os atores desdobrarem o leque inteiro de controvérsias nas quais se meteram. É como se disséssemos aos atores “[...] não vamos tentar disciplinar vocês, enquadrá-los em nossas categorias: deixaremos que se atenham a seus próprios mundos, e só então pediremos sua explicação sobre o modo como o estabeleceram. A tarefa de definir e ordenar o social deve ser deixada aos próprios atores.” (LATOUR, 2012, p. 44).

Ou seja, para compreender os residentes longevos de Copacabana em suas interações e percepções sobre Copacabana, cumpre observá-los e segui-los em suas narrativas, conforme está proposto no eixo metodológico da teoria Ator-Rede, que consiste fundamentalmente em “seguir os próprios atores”, procurando: “[...] descobrir o que a existência coletiva se tornou em suas mãos, que métodos elaboraram para sua adequação, quais definições esclareceriam melhor as novas associações que eles se viram forçados a estabelecer.” (LATOUR, 2012, p. 31).

Os atores (longevos), que em suas narrativas compartilharam percepções sobre aspectos da realidade social e coletiva do “seu bairro”, a partir de seus modos individuais e singulares de vê-lo, serão apresentados em cronologia decrescente: L-100, L-86, L-78, L-67, L-61. Tendo por base, a realidade objetiva da vida em Copacabana a ser observada, os dados colhidos correspondem no entanto, às dimensões subjetivas de captação desta referida realidade, por cada um dos entrevistados, como será visto a seguir:

A apresentação das narrativas inicia-se por L100, uma mulher longeva, com 100 anos, que mora só, caminha com autonomia, não usa óculos, cozinha sua própria comida e recebe com regularidade seus amigos para saraus musicais, que ela própria organiza. Deu aula de canto até seus 99 anos, e diz que organiza os saraus, pois “*é bom para praticar*”. Sobre ela pode-se considerar que a categoria “velhice extrema” que a OMS lhe reserva, **talvez não lhe caia tão bem assim**. Igualmente dizer sobre esta entrevistada que está na terceira ou quarta

³⁴ Revolução da Longevidade: Termo criado por Alexandre Kalache para designar o aumento significativo de idosos que desfrutam do envelhecimento ativo (OMS, 2007).

idade³⁵, pouco ou nada acrescenta na compreensão de como vê o mundo e vive seus 100 anos. Chamar-lhe simplesmente “longeva” é mais verdadeiro, mais adequado, e soa como uma legítima homenagem à sua brava resiliência. Seguir sua trajetória, como convida Latour (2012), aprender com ela e seus contemporâneos, a enfrentar as vicissitudes do envelhecimento, ultrapassando com inteireza os desafios, as complexidades inerentes desta travessia de muitas décadas de transformação, “dentro e fora”, sendo ao longo deste tempo, mobilizada continuamente pelas alegrias e tristezas da vida cotidiana. Saber sobre suas bem sucedidas estratégias para manter com dignidade e lucidez a saúde possível na idade avançada.

L-100, mora em seu apartamento próprio, e apesar de viver só, conta com a ajuda de um sobrinho, morador do mesmo andar do prédio em que reside, sendo que este, frequentemente a visita, para saber se está tudo bem. Recebe, também o auxílio de uma outra moradora do prédio, que é auxiliar de enfermagem, e que, quando é necessário, lhe presta pequenos cuidados na área de saúde. Expressa em sua narrativa a segurança e bem estar que lhe causa esta convivência intergeracional e comenta: *“Eu tenho amigos por aqui, no prédio tenho muitos amigos, eles gostam de pessoas de minha idade, são gente nova e gostam de mim, porque eu tenho facilidade de falar. E os porteiros são muito gentis”*. Relata que adora Copacabana, aonde vive há 64 anos, e que se ausentou apenas por dois anos, quando viveu em Milão, por razões profissionais, mas não se adaptou ao clima do inverno de lá, e retornou. Elogia várias vezes ao longo de sua narrativa a paisagem de Copacabana: *“Copacabana é muito linda... Um colar de pérolas, uma beleza! A confeitaria Colombo³⁶ tem uma vista linda... Eu sempre passo por lá quando vou ao Forte, vir os concertos”*.

L100 mantém um ativo lazer cultural, frequenta várias casas de espetáculos para ver apresentações musicais diversas, e organiza em sua casa saraus frequentes, quando reúne amigos, e além de tocar e cantar, cozinha para eles. Pontua sua narrativa com fotos diversas, relacionadas às suas atividades profissionais, iniciando o relato de acontecimentos vividos a partir do ano de 1937, quando se formou na Escola de Música. Conta que nesta época fez um contrato para cantar trinta noites no Cassino Atlântico, um repertório de Valsas de Strauss, com tanto sucesso que foi convidada a prorrogar a temporada, e ficou 72 noites. Sua memória

³⁵ Vale ressaltar também que todos os gestores entrevistados neste estudo, especialistas em envelhecimento, foram unânimes em não considerar adequados os termos terceira idade, quarta idade, melhor idade ou similares, por considerá-los limitados para caracterizar as especificidades e singularidades do envelhecimento.

³⁶ A confeitaria Colombo fica dentro do Forte Copacabana, e oferece a seus frequentadores uma vista privilegiada da orla (Figura 30).

é clara, seu relato linear, e não faz pausas em sua narrativa, por dificuldade em lembrar-se de algum fato em particular. Reafirma seu lazer favorito: *“Ah! Eu adoro música, eu vou ao Teatro Municipal, eu tenho assinatura, vou ver a Sinfônica, adoro a Sinfônica!”*. Elogia a acessibilidade do bairro, dizendo que é muito fácil a locomoção, tanto para o centro como para a zona sul, e que o bairro também é bom, porque tem muita facilidade de alimentação. E completa: *“Eu adoro comer boa comida...”*.

Aponta na direção da frente do prédio em que mora (seu apartamento é de fundos) e conta: *“Aqui na frente tinha uma casa linda, uma pena... tinha outras também, mas esta que ficava aqui em frente, era a mais bonita. Demoliram tudo, agora está este monte de prédios, e fica tudo escuro por aqui. Eu peço, às vezes, para minha sobrinha, que me leve para passear na Barra da Tijuca, porque eu gosto daquelas avenidas largas que tu tens por lá. Me dá uma sensação de liberdade”*. Ao falar sobre seu envelhecimento e sobre seus saudáveis e ativos cem anos, diz: *“Todo mundo fica admirado, porque eu estou bem conservada...”*. Dá uma gostosa gargalhada: *“Eu para mim, acho que é porque amo a música. Eu acho que foi Deus e a música... agarro na mão de Deus e ouço boa música”*.

Analisando dados da narrativa de L100, constata-se que é uma legítima representante do longevo que desfruta das prerrogativas do envelhecimento ativo, sendo nítida sua atitude expansiva, exuberante, extrovertida, frente à vida e as pessoas com quem interage. Em nenhum momento de sua narrativa deteve-se em particularizar tristezas, adoecimentos, decepções, embora é claro, se possa supor que ao longo de cem anos de vida, estes eventos tenham estado presentes. O único momento em que expressou uma rápida contrariedade, foi quando relatou que foi síndica, mas que não gostou da função, pois as pessoas reclamavam muito.

Descreve as significativas transformações urbanas que testemunhou, como o desaparecimento gradual das casas e o surgimento de prédios na paisagem, conta sobre uma ativa e diversificada convivência intergeracional, tem frequentes atividades de lazer. Mostra-se bastante consciente dos limites que lhe impõe sua senescência, relatando que sai pouco sozinha, só para lugares que sejam perto, e que quando há os mega eventos no bairro, fica recolhida em casa. Narra com clareza acontecimentos coletivos e fatos sociais, recuperados e revividos através da sua construção afetiva e pessoal, ancorada em seus “lugares da memória” absolutamente particulares, e todos permeados pela profunda relação que mantém com o universo musical. Apresenta a memória preservada, e na trajetória de sua narrativa, que cronologicamente vem de 1937 até 2013, apresenta um relato claro e linear. Mantém uma rotina de auto cuidado, e conta rindo, que durante 46 anos insistiu com seu cardiologista para

que abrisse um consultório em Copacabana, já que ele atendia em Ipanema. Diz que há três anos conseguiu, pois agora ele atende no bairro. *“Assim ficou melhor pra mim, né?”* – e ri mais um pouco. Aos 99 anos optou por deixar de dar aulas de canto, e conta que a cada ano organizava uma audição para seus alunos, no apartamento de um amigo que mora na *“Av. Atlântica e tem três janelões com vista para o mar, uma coisa linda... Mas tudo isto dá muito trabalho e cansei”*. Conseguiu criar e manter uma efetiva rede de cuidado intergeracional, apresenta em seu relato indicadores de que se vê reconhecida positivamente, mantém a autoestima e o cuidado pessoal, e conta que fez sua última cirurgia plástica, de pálpebras, para preparar-se para a *“festa dos cem anos”*. Teve problemas na recuperação, o que é natural na senescência, mas comenta: *“Não faz mal... Eu queria ‘ficar bem na fita’ para a festa dos cem anos...”* E dá outra boa risada.

A partir desta narrativa pode-se situar um dos primeiros nós, presentes nas controvérsias sobre envelhecimento. A terminologia, pois não há consenso sobre como devem ser chamadas as pessoas que nasceram há mais de sessenta anos. Longevos? Terceira idade? Idosos? Velhos? Na *“Melhor Idade”*? E os outros, como L-100, é condizente referir-se a ela como estando na Velhice Extrema? Mas se nem ao menos existe consenso sobre a melhor designação, para um determinado público alvo, o que então se pode pensar das políticas públicas para eles? Dirigidas então, a quem? Aos *“novos velhos”*, aos que estão na *“Idade de Ouro”*, aos que estão na *“Quarta Idade”*, ou aos que estão *“Envelhescentes”*³⁷?

O próximo ator a ser apresentado é L86, que ao saber da pesquisa, reivindicou, através de uma das participantes do Conselho Municipal de Idosos do Município do Rio de Janeiro, ser incluída. Manifestou muita alegria ao ser visitada, pela possibilidade de conversar e contar coisas sobre si. Relata que durante sua juventude, ocupou-se de auxiliar a irmã, na criação dos sobrinhos. Diz que por isto namorou tarde, não casou, e não teve filhos. Com os sobrinhos criados, teve uma ativa participação política em vários setores, alguns ligados ao envelhecimento, e outros não. Relata que conheceu Getúlio Vargas pessoalmente, e que gostava muito dele. Relata também ter sido *“prefeita”* da Praça do Lido, em Copacabana, mas não informa em que época isto aconteceu, embora conte que esta atividade lhe angariou *“até hoje”* alguns desafetos, pois quis solucionar alguns problemas crônicos da região. Foi também síndica de seu prédio, e nesta função angariou outros tantos desafetos *“Só porque eu queria pôr as coisas em ordem...”*

³⁷ Envelhescentes: termo criado por Alexandre Kalache, para abranger a multiplicidade de fenômenos vividos pelos indivíduos que envelhecem (OMS, 2007).

Complementando a percepção da forma inclusiva de convivência típica do Bairro, vale considerar que L-86 fortalecida por estas experiências, ficou à vontade, para solicitar sua inclusão, quando soube da pesquisa. Esta atitude parece decorrer também de sua contínua prática cidadã, exercida ao longo de sua vida, através da ativa militância política, junto a órgãos governamentais de proteção ao idoso, tendo ainda contatos remanescentes deste período. Quando fez sua narrativa, estava restrita a seus aposentos (um conjugado) devido às sequelas de uma queda recente no saguão de seu prédio. L-86 informou que vive em Copacabana há 50 anos, que veio para o Rio de Janeiro adolescente, tendo nascido numa pequena cidade da área rural de Minas Gerais. Como referido, o motivo de sua vinda foi auxiliar a irmã casada, que trabalhava fora e tinha quatro filhos para criar. L-86 tomou para si as responsabilidades de criação das crianças, e cuidou delas até que chegassem à vida adulta. Em seu relato reclama ressentida que, destes quatro sobrinhos, atualmente só um lhe dá uma ajuda financeira, assumindo o pagamento da cuidadora. Os outros três, duas mulheres e um homem, não a visitam, e segundo ela sequer telefonam para saber como está, ou se precisa de algum tipo de ajuda. A situação de L-86 é um caso típico de “família insuficiente” na forma como foi descrito por Alexandre Kalache (apud OMS, 2007), um fenômeno contemporâneo relativo ao idoso que vive só, sem o suporte intergeracional de sua família.

L-86 destaca como atrativos do bairro, além da paisagem, que registra repetidas vezes *que é muito bonita*, a qualidade dos serviços. Ressalta o “**Bom atendimento** dado ao idoso em vários estabelecimentos e o **‘bom precinho’** de alguns supermercados que oferecem promoções” (grifo nosso). Repete várias vezes, que quando saiu do Flamengo e foi morar lá, que a região era muito pobre. “*Muita areia e muita pobreza... muita pobreza*”. Diz que seu lugar favorito no bairro, é a Colônia dos Pescadores, e que há 50 anos gosta de ver os barcos chegando com a pesca. Rememora que há muitos anos atrás as redes vinham muito carregadas, que tinha camarão e vários tipos de peixe, e que os pescadores sempre davam alguma coisa de comer para quem estivesse por ali, aguardando a chegada deles. “*Mas agora não é mais assim, quem quiser ‘frutos-do-mar’ tem de comprar*”. Elogia mais uma vez a paisagem de Copacabana, dizendo que *é muito bonita*. Faz questão de mostrar suas produções artesanais: crochê, tricô, pinturas e chapéus. Relata que estas atividades manuais foram durante muito tempo sua fonte de renda, e agora são suas atividades de lazer. Conta que teve que reduzir a produção por causa de problemas visuais causados pela catarata.

Do grupo entrevistado, apenas L86 depende da aposentadoria por velhice para viver, recebendo uma complementação de um sobrinho para pagar o serviço da cuidadora, sendo visível sua limitação financeira. Em seu relato referiu-se várias vezes a estas restrições. Sendo

também esta longeva, a única do grupo entrevistado com escolaridade restrita ao ensino fundamental. Suas atividades de “cuidadora” precoce, e posteriormente sua militância política, parecem ter contribuído para uma biografia que se caracteriza por longos anos em que “mais cuidou que foi cuidada”, e que este tempo de “auto- abandono” agora se converteu em dificuldades e limites significativos.

As outras longevas entrevistadas compartilhavam o fato de terem apartamento próprio, e apesar de aposentadas, apresentarem uma renda compatível com uma vida confortável, incluindo fontes de receita complementar, como alugueis, ou mesada dos filhos. Quanto ao estado civil, L-100 e L-78 são viúvas, L-86 e L-67 são solteiras, e L-61 divorciada.

Seguindo a apresentação dos atores, em ordem cronológica decrescente, L-78 não referiu uma relação significativa com o entorno do bairro de Copacabana, enfatizando “**Prezo minha liberdade, não gosto desta coisa de ficar num bairro só.**” (grifo nosso). L-78 é professora aposentada, e atualmente artesã, trabalha com fios, crochê, tricô, tecelagem e bordado, e participa de uma cooperativa de artesanato. Vende algumas peças que produz em feiras específicas e bazares. Faz *yoga* há cerca de 30 anos consecutivos, e caminha com regularidade longas distâncias na orla da zona sul da cidade.

Ao longo de sua narrativa, L-78, relata trechos de uma biografia com muitas dificuldades em relação às interações familiares, e com o gênero masculino. Enumera situações de violência, restrição, desqualificação e decepção. Esta sequência de situações adversas só foi interrompida com sua viuvez, aos 53 anos de idade, quando passou a viver só, e a exercitar sua recém conquistada liberdade. Nesta época entrou na universidade, e foi aprender dança de salão. Sobre estas mudanças comenta: “*Necessito de movimento! Para receber minha aposentadoria, cada mês escolho uma agência do meu banco, em um bairro diferente. Aproveito para conhecer o lugar, o comercio, faço umas comprinhas, converso com pessoas que não conheço. Um dia deste, me parou um homem na rua para me dar um cartão. Eu fiquei com medo, mas ele disse que era de uma agencia de publicidade, que eu era muito bonita assim, com meu cabelo todo branco, e com um porte elegante, e se eu não queria fazer um anuncio “de sei lá o que”, da terceira idade. Fiquei meio cabreira, mas liguei mesmo assim, e era verdade mesmo, era uma agencia, e quem me atendeu foi a filha dele, muito gentil... Era para fazer um anuncio de uma residência de idosos.*”³⁸ *Vê lá se vou entrar numa “roubada destas... tudo que eu não quero para mim... Então, também não vou fazer propaganda disso para os outros. Foi pena... Perdi um bom dinheirinho.”*

³⁸ Residência de Longa Permanência para Idosos (ILPI),

A biografia de L-78, parece justificar sua necessidade atual de constante deslocamento. Como professora aposentada tem uma pequena renda, complementada pela ajuda financeira dos dois filhos, e atualmente tem como lazer, ser artesã, participando das atividades de uma cooperativa de artesanato, e apresentando-se nas feiras e bazares diversos, onde eventualmente vende algum objeto produzido. Diz que não se preocupa por não ganhar dinheiro com isto, pois tem sua aposentadoria e recebe esta ajuda financeira dos filhos. Ambos moram longe dela, e só os vê esporadicamente. Vive só, não tem amigos, e quando a solidão lhe pesa, caminha longas distancias na orla, pratica yoga, ou “*refugia-se*” em livrarias, para ler livros de autoajuda. Diz que não gosta de ficar muito tempo em casa, por causa do silêncio, assim sai, buscando situações em que pode conversar com pessoas: “*Ah! Eu puxo conversa mesmo... Não quero nem saber, e também vou logo contando coisas de minha vida*”. Quando nenhuma destas alternativas são satisfatórias, relata que convida o faxineiro do prédio, um funcionário já muito antigo, conhecido de muitos anos, e nordestino como ela, para saírem juntos para almoçarem, conversarem sobre a terra natal, ou pede-lhe que simplesmente vá a seu apartamento, para ficar conversando e ajudando nas tarefas domésticas.

No relato de L-78 também fica evidente a “família insuficiente”, que apesar de dar algum respaldo financeiro, não está próxima para dar atenção ou afeto, e suas tentativas, nem sempre bem sucedidas, para amenizar a “presença das ausências”. No grupo de longevos entrevistados, foi a única em que o lazer ativo ocupa uma função preponderante, para trazer-lhe bem estar. Todos os outros entrevistados ocupam-se com outras formas de lazer, com predomínio das atividades culturais e contemplativas. L-78 não construiu uma rede intergeracional, apesar de ter parentes mais jovens na cidade, e também não mantém uma relação afetiva próxima com os três irmãos que tem, sendo que dois são também moradores em bairros da zona sul do Rio de Janeiro. Sua forma de contornar as dificuldades da solidão é movimentar-se.

O relato de L-78 indica um segundo nó nas controvérsias relativas ao envelhecimento, encontrar respostas satisfatórias à questão: a longevidade é uma construção ou um legado? L-78 vem de uma família de ancestrais longevos. Este fato justifica a sua admirável disposição física, seu biótipo longilíneo e sua aparência que não revela a idade que tem? Suas contínuas caminhadas pela orla contribuem para reforçar estas características, ou são elas que lhe facilitam caminhar? Ou será que trinta anos de disciplinada prática das posturas de Yoga é que determinaram seu condicionamento físico? No entanto em sua longevidade, e em seu envelhecimento ativo, uma parte importante foi negligenciada: seus laços afetivos, o cultivo

de suas relações intergeracionais. A segunda controvérsia abrange a definição (se é que isto é possível) dos elementos constituintes ou determinantes da longevidade saudável. E neste ponto, e com esta questão abre-se um desafiador campo para novas pesquisas.

Prosseguindo com a escuta dos atores longevos, apresenta-se agora L-67, que mora em Copacabana há 67 anos, a residência onde nasceu transformou-se num clube, e para atender às estas novas funções foi bastante descaracterizada, mas enfim não foi demolida. Esta longeva traz uma relevante questão, pois no seu envelhecimento ativo acumula múltiplas tarefas, e além das responsabilidades de gerir o patrimônio familiar, nas horas que poderiam ser livres, cuida da mãe que tem noventa anos, e que atualmente apresenta uma saúde muito frágil. L-67, é solteira, está à frente da empresa que herdou do pai, e administra os imóveis de sua propriedade. Assim comenta L-67: *“Estou saudável, mas levo a vida de uma pessoa doente: minha mãe. Sinto-me prisioneira.”* Para cuidar de sua mãe conta com a ajuda de uma cuidadora, para o período de suas atividades laborativas, mas quando volta do trabalho e até o dia seguinte pela manhã, os cuidados e imprevistos são por sua conta, e relata estar exausta com esta rotina. Completa: *“Mas de vez em quando toco meu piano e tomo um bom vinho, e aí fica tudo bem... Eu gostava de caminhar no calçadão, e quando conseguia, acordava 5h da manhã e ia. Enquanto andava, ia organizando as ideias, isto de andar e pensar me deixava com a cabeça boa.”* É amiga de L-100, e participa dos seus saraus, onde também toca e canta.

L-67 relata que na sua rotina estressante, trabalha muito, levanta muito cedo, às cinco horas da manhã, além de acordar muitas vezes durante a noite para atender à mãe. Apesar de ter uma condição financeira satisfatória (acima de 30 salários mínimos) desfruta muito pouco do que esta faixa de renda pode lhe proporcionar. Tem pouquíssimos horários livres, e parece mostrar-se “culpada” em aproveitá-los, pois para fazê-lo, precisa deixar a mãe com a cuidadora. A vida de L-67 expressa uma preocupante questão em relação a alguns longevos que desfrutam do envelhecimento ativo. Nem todos conseguem aposentar-se. No caso de L-67, que também tem uma aposentadoria do INSS, relata que este provento não paga nem um terço do valor do seu condomínio, e assim *tem que trabalhar*. Vem de uma família portuguesa, pequena aqui no Brasil, onde atualmente tem dois primos, sobre os quais diz que não pode contar com eles, assim é mais um longo que padece das consequências da “família insuficiente”. Admite que precisa organizar-se de outra forma, em relação à administração do patrimônio familiar que herdou. Diz que se tivesse coragem talvez pudesse mudar alguma coisa, reclama dos serviços prestados pelo contador e pelo advogado da empresa, mas que tem medo de dispensá-los, e ser ainda pior. Aqui se chega a um terceiro nó das controvérsias da longevidade e do envelhecimento ativo. Aposentadoria significa o que

mesmo? Tempo livre? Há uma necessária cobertura previdenciária, comunitária, econômica, para que o longo desfrute dos anos de aposentadoria de forma mais tranquila? No envelhecimento ativo longevos necessitam ser ajudados a viver melhor os novos anos de sua nova vida, liberados de atribuições e atribuições antigas? Os quatro pilares da Educação Continuada de Delors podem ajudar: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser. Talvez com eles L-67 pudesse ser auxiliada a aprender a delegar, aprender sobre novas formas de gerenciar, e aprender a organizar o tempo.

A longeva de menor idade, no âmbito deste estudo, com 61 anos, escolaridade de nível superior, incluindo pós - graduação, 12 anos de residência em Copacabana, viveu a infância em Ipanema, na zona sul do Rio de Janeiro. Posteriormente, ao casar-se morou no Leme, e com o divórcio foi residir em Copacabana, próximo à Colônia de Pescadores Z-3. Chamada L-61 para fins de identificação de seu discurso, ao longo da apresentação dos dados, falou dos benefícios e prazeres de morar em Copacabana, ressaltando a convivência democrática: *“No que diz respeito à movimentação de rua e o que as pessoas falam, não existe tititi. Então você se depara às 6 h da manhã com uma pessoa com metade do cabelo louro, e outra metade literalmente verde, mas ninguém fica ‘oh... ah’, não. O máximo que se faz é olhar, por ser uma coisa diferente. É só isso aí, uma imagem diferente. Você tem uma convivência com recursos de imagens que é uma coisa fantástica...”* (risos...).

Prossegue descrevendo o bairro como *“Um lugar que recebe, um lugar que cada um tem o seu espaço. Então é um local onde não se vê discriminação. **E isso é uma coisa super importante, porque você está ampliando pra essa natureza, essa imagem interna das pessoas, que é essa imagem de inclusão.** Você até deixa de fazer coisas, por uma impossibilidade física, mas não por uma questão de idade. Essa inclusão é importante, e isso a gente vê em tudo ali”* (grifo nosso).

L-61 apesar de sua “menor idade” no grupo de longevos ouvidos, foi quem mais referiu dificuldades da senescência, e limitação de atividades por causa delas. E aí se chega ao quarto nó nas controvérsias da longevidade: idade é mesmo o melhor critério para mapear o envelhecimento? Para Papaleo Netto (2002) por não se ter parâmetros adequados para avaliar a “idade biológica” se permanece com o critério cronológico, que nem sempre é fiel à realidade metabólica de quem é “classificado”. L-61 sofreu um grave acidente de automóvel aos 27 anos, em consequência fez várias cirurgias, e sofre até os dias atuais das consequências deste evento, sobretudo por dores constantes. No âmbito desta quarta controvérsia, se o critério cronológico não atende de forma satisfatória a função de classificar longevos, de quem mesmo se fala, quando se usa termos como “velho ou idoso”, conforme previsto no

marco legal do envelhecimento? E se não se sabe muito bem de quem se fala, como é mesmo que serão oferecidas políticas públicas adequadas?

A senescência, e seus limites, é companheira constante na longevidade, e sua presença pode ser vivida com bom humor, ou com determinação ou resignação, conforme comentam os “porta-vozes”. Sobre ela L-61 relata: *“Minha maior dificuldade é acostumar-me com “este novo corpo”. Vou tentando, mas é difícil... Os pelos, que deveriam estar em um lugar, migraram para outros, onde certamente não deveriam estar... Os dentes ficam “viajantes”... Já viu isto? Aparelho a esta altura da vida”*.

Sobre a natural diminuição de vitalidade, conta L-67: *“Não tenho mais a mesma energia que tinha antes. Quando são 7 horas da noite, deito no sofá para ver minha novela, acordo de madrugada, cheia de dores nas costas, simplesmente “apaguei” de tão cansada”*.

Em sua constante movimentação L-78 também encontra suas dificuldades: *“Quis visitar meu filho no carnaval. A passagem de avião estava muito cara. Fui de ônibus. Um horror... Levei meu travesseiro, ‘crente que estava abafando...’ Com travesseiro e tudo, era uma dor no pescoço que não passava de jeito nenhum. E aquela rodoviária que nunca chegava”*.

L-86 relata não poder fazer mais *“suas coisinhas”* (artesanato) do jeito que fazia antes por causa da catarata, e que não conseguiu equilibrar-se no chão molhado da portaria, e ainda recupera-se com dificuldade da cirurgia, que fez para “corrigir” a fratura decorrente desta queda.

E por fim L-100 em seus saudáveis 100 anos conta: *“Fiz uma cirurgia de pálpebras para a “festa dos cem anos” Não cicatrizou bem... Mas não tem importância”*.

É inegável que a senescência impõe os seus limites, que são inexoráveis. Como regra do “bem viver” no envelhecimento há que se encontrar formas de adaptação à sua gradual e implacável escalada. As formas podem variar das amenidades do cabelo grisalho transformar-se em “branco total”, dos óculos de leitura para “vista cansada” caminhar para impossibilidades de fazer qualquer coisa sem óculos, e das pequenas dores ao caminhar, evoluírem para deslocamentos apoiados por bengala, e agravaram-se para a necessidade de deslocar-se em cadeira de rodas. E aí configura-se o nó da quinta controvérsia: Envelhecimento Ativo não significa “saúde total” ou ausência de disfunções próprias do envelhecimento. Mas, constitui-se sim, na manutenção da autonomia a despeito das crescentes limitações, que poderão se agravar, mas mesmo assim, muitas destas dificuldades terão possibilidades de serem contornadas ou amenizadas. Neste ponto manifesta-se o papel fundamental da acessibilidade e das políticas públicas que as promovem. Além disso os

pressupostos da Educação Continuada poderão auxiliar no aprendizado da construção permanente que é o Envelhecimento ativo, feito do entrelaçamento de muitas variáveis, como informação, auto cuidado, apoio intergeracional, comunitário e governamental.

O número de gestores e longevos entrevistados previsto para o âmbito deste estudo exploratório, a ser desenvolvido através da análise de dados qualitativos, considerou questões sobre envelhecimento presentes nas narrativas dos longevos e respostas dos gestores entrevistados relativos à estas controvérsias. Baseado em Trevinhos (1987) considerou-se que na entrevista semiestruturada, aplicada aos gestores, o teor deveria ter como característica identificar estes temas básicos, que configuram teorias e hipóteses sobre o envelhecimento, e dialogam com o objeto de estudo da pesquisa. Assim, o somatório dos dados obtidos, refere-se às percepções destes atores sobre o envelhecimento no bairro de Copacabana, sua paisagem e como seus residentes configuram conexões, redes e deslocamentos, a serem observados e interpretados, conforme a concepção de cadeias de tradução, ou seja, o tipo de “trabalho” pelo qual os atores modificam, deslocam, e transladam os seus vários e contraditórios interesses (LATOUR, 2012). Com intenção de problematizar de forma mais ampla, cada gestor representa uma área de atuação em relação ao envelhecimento: municipal, estadual, Terceiro Setor, Intersetorial.

Pelos relatos apresentados pelos “porta-vozes” percebe-se traços indicativos de um bairro com um espaço democrático e inclusivo, o que em Copacabana parece suficiente para integrar sem conflitos extremados na coletividade, as mais variadas etnias, profissões, níveis sócio econômicos, cronologias, aparências e procedências. O “território-espaço” de Copacabana produz um espaço apropriado pelo imaginário, onde se encontram: território e espaço simbólico, e que se constitui em *locus de Vivências*, pela comunicação e reconhecimento comuns. Neste território, espaço de ação da intersubjetividade, e como *locus de vivencia* do sentimento de pertencimento, constrói-se a realidade que entrelaça, memória e experiência, e nesse *espaço tempo*, a identidade é um fator de aglutinação (SOUZA; PEDON, 2007). Assim nasce a Cartografia Afetiva de um bairro, a ser guardada nos seus “lugares da Memória”.

7.1 PERCEPÇÕES DOS GESTORES SOBRE ENVELHECIMENTO, LAZER E O BAIRRO DE COPACABANA

A seguir alguns aspectos selecionados das entrevistas dos Gestores de Locais de Cuidado ao Longevo e de trabalho com o Envelhecimento. Sobre estas questões serão

apresentados trechos colhidos das entrevistas semiestruturadas, cujo modelo consta no Apêndice B. Os gestores foram convidados a colaborar no estudo através das respostas às questões propostas, e a acrescentar sobre o tema o que julgassem pertinente. Para seguir cartografando as controvérsias da Longevidade, vale considerar a proposição de Pedro e Ferreira(2007, p. 45):

Pensar as redes implica também “pensar com a rede”. Dito de outro modo, para além de investigar as articulações que uma perspectiva de redes permite vislumbrar – tomando, neste caso, a rede como uma espécie de modelo ou ponto de vista diferenciado sobre um determinado objeto; ou, ainda, explorar as formas diferenciadas de interação que as novas redes sociotécnicas têm propiciado – como nos casos das redes sociais, das redes acadêmicas, das novas formas de ativismo; parece decisivo explorar conceitos e metodologias que têm emergido na atualidade para dar conta da complexidade requerida por um “pensar em rede”.

Assim ao ouvir os gestores, será observado se trabalham “em rede”, ou se “pensam redes”, para isto levando em conta a diferenciação “fazer para”³⁹ e “fazer com”. O grupo de gestores constitui-se do seguinte modo: dois gestores frequentavam regularmente a instituição de saúde em que a pesquisadora trabalha, tendo feito cursos de especialização em terapias expressivas neste local (GM e GTS). A gestora (GTS) trabalhou por um período no Conselho Municipal de Idosos, e propiciou a rede necessária para que fossem feitos outros contatos, e o convite de participação para outros dois gestores: GE e GITS. Assim como também por seu intermédio, chegou a longeva L86 para participar da pesquisa. Todos os gestores têm Pós Graduação, mestrado ou Doutorado em temas vinculados ao envelhecimento. Suas idades variam de 35 a 64 anos. .

A apresentação dos trechos selecionados começa com o gestor mais jovem GM, 35 anos que descrevendo longevos empreendedores, que reivindicam seus direitos, que buscam dentro de suas possibilidades o melhor e o, mais conveniente para si, tentando suprir suas necessidades e atender aos próprios interesses, sobre eles comenta: *“É o idoso ‘**entrão**’ da comunidade. É o idoso que você vai ver, ‘Ah, esse é nosso?’ **É de todo mundo! É da igreja, do grupo.** De cada um ele consegue alguma coisa. E não só material... Tem um que ele **descobriu antes de mim**, o esquema da Van, de um SESI que tem shows de quando em quando, shows muito bons... E tudo quem descobriu **não fui eu. Os caras são inseridos**”* (grifo nosso).

³⁹ “fazer para” apresentar pronto para o público alvo a proposição, sem interlocução anterior/“fazer com” trabalhar junto com o público alvo, ouvindo suas demandas e considerando suas necessidades.

Assim é curioso observar o seu estranhamento ao que deveria ser absolutamente natural, um indivíduo longo, lúcido, saudável, que deambula conforme o que lhe interessa, exerce seus direitos de cidadão, vive sua vida de forma autônoma, e providencia sua inserção na comunidade na forma que lhe convém. Como ensina Latour (2000) a comunhão de interesses é resultado de uma difícil e tensa negociação, que pode desfazer-se em qualquer ponto. E parece que neste ponto relatado acima, a autonomia exercida pelo longo, desconstrói o conceito de que há de se providenciar atividades para o idoso, e assim este ator não se “encaixa” à representação negativa de passividade e dependência, então recebe mais uma desqualificação: **“É o idoso entrão”** Aqui temos um quinto nó nas controvérsias da Longevidade, e como Beauvoir (1990) já apontava na representação negativa, reserva-se ao idoso o lugar do “recato”. A etimologia da palavra aposentado reforça bem a ideia (aquele que permanece no aposento). Os que transgridem ao interdito, colhem o bônus e o ônus. No trecho relatado o próprio longo, exercitando sua autonomia, traça e trança sua rede, busca seus aliados, que se traduzem em eventos, lazer, aprendizados, experiências, novos contatos, trabalha “em rede”, e possivelmente também “pensa em rede”. Já o gestor quando o desqualifica como *entrão*, perde a oportunidade de integrar estes novos contatos à sua própria rede, para ampliar seu alcance e efetividade. Assim parece não “pensar em rede”, o que certamente pode dificultar bastante trabalhar em rede. Neste ponto cabe a questão: qual a prevalência de gestores na área de envelhecimento que “pensam em rede” e “trabalham em rede”?

Abordando as questões de acessibilidade, quando o longo já está limitado pela senescência, tem dificuldades, ou impossibilidades de participar nas atividades de lazer do bairro, GM relata: *“Hoje não tem necessariamente lá, só os idosos de Copacabana, você tem inclusive idosos de outros municípios que também vão pra lá. Tem idosos das comunidades que vão, mas não com tanta frequência por conta do deslocamento. É um desafio os idosos das comunidades estarem em alguns projetos. Você tem a ‘questão joelho... Joelho de idoso’”* (grifo nosso).

GM aborda a passagem do tempo transformando a paisagem, e diz que percebe significativas mudanças no seu entorno, inquieta-se e sente-se inseguro pelo que vê: *“Então é um outro mundo que vai se interpondo e se colocando, essas rápidas transformações Eu tenho 35 anos, e na minha pequena experiência, eu já sinto uma certa angustia, uma certa nostalgia. As coisas vão mudando, vão deixando de ser como eram. Como assim aquela praça virou um prédio? Foi derrubada? Eu me lembro do Seu Joaquim que morava ali e não mora mais... Conversando com os idosos aqui e ali, a gente vai vendo, aquilo ali antigamente*

era tudo uma plantação de “não-sei-o-que”, bem aqui onde tem esta praça... Como me falou uma vez um senhor de 90 anos sobre as modificações numa praça da cidade. Estas pessoas continuam vibrando com alguns valores daquela época. Vão sentindo as mudanças no corpo e em volta. Segue GM compartilhando em seu relato questões sobre a degradação da paisagem: A questão da sociedade que não olha o passado, e não pensa no seu presente direito. O que eu sou? Qual a minha identidade? O que nós temos construído? Qual o nosso projeto de cidade? Qual o nosso projeto de mundo?”.

GM também compartilha sua percepção como gestor, das políticas públicas ao abordar as questões relativas à diversidade entre indivíduos na população envelhecida e as propostas ‘genéricas’ que são oferecidas: *“Às vezes se gera um desserviço ao envelhecimento, quando não se prevê a diversidade dos idosos que não estão interessados nesse ou naquele tipo de serviço. Idosos que são muito diferentes, idosos que gostariam muito de voltar a trabalhar. Idosos que estão acamados. Idosos que não vão para a Academia dos Idosos. Essa ignorância, essa visão mais parcial do envelhecimento, ela se alimenta, e é influenciada, e cria novas categorias, novas representações. Uma delas é a Terceira Idade, outra a “Melhor Idade”.*

A fala de GM aponta para questões cruciais decorrentes da senescência, pois parece que Academia de Ginástica da Terceira Idade, Baile da Terceira Idade, Turismo da Terceira Idade não se adequam bem a *“joelhos idosos”*. Atividades com menos pressão física, que propiciem um lazer emancipatório contemplativo cultural, como propõem Dumazedier, Bacheladansky e Marcellino, e que atendam a outros valores diferentes da performance e do consumo, podem ser mais benéficas nesta fase de vida. Atividades promovidas dentro de uma concepção de educação continuada (DELORS, 1996), vinculada às múltiplas possibilidades da contemplação da paisagem natural, da fruição cultural, incluindo os saberes tradicionais, e o patrimônio imaterial, dos quais os longevos podem ser legítimos porta vozes. E nesta ação “seus lugares da memória”⁴⁰ estarão plenos de relatos a serem compartilhados, ativando conexões intergeracionais, e fortalecendo suas oportunidades de reconhecimento. Aqui se manifesta o sexto nó, nas controvérsias da Longevidade, pois boa parte das políticas públicas voltadas para “um suposto lazer” do idoso, abstraem a realidade de que a senescência está presente e que traz impedimentos reais à participação de muitos longevos nas “oportunidades” oferecidas.

⁴⁰ Neste sentido o IPHAN propõe a Educação Patrimonial, que neste contexto poderia ser uma especialização dada dentro do universo da Educação Continuada.

O segundo gestor a ser apresentado tem 42 anos, já participou do conselho Municipal de idosos representando uma ILPI e G-TS também se refere às dificuldades na acessibilidade, restringindo as oportunidades de Lazer, e assim as descreve: *“Se você for em determinados locais é um grande entrave. Quanto mais você sobe numa determinada comunidade, você só vê escada, escada, escada, escada. E ali naquela escada tem várias casas, e naquelas casas moram vários idosos. Que são os que garantem... E são muitos deles, não posso falar quantitativamente, mas posso falar empiricamente, é que muitos deles são o sustento da família. São aposentados ou são pensionistas. Eles ganham mensalmente, então aquilo é certo, e deles. Enquanto suas famílias são “informais”, trabalham em um lugar, saem, trabalham em outro, saem. Então aquele dinheiro do idoso passa a ser o sustento daquele lar. Mas aquele dinheiro seria para ele pegar uma Kombi, ou até para pagar um cuidador, que pudesse estar levando ele.”* O que comenta GTS encontra apoio no fato que no tribunal de justiça surgem muitas ações em que se vê com muita frequência da apropriação indébita por familiares dos proventos do idoso. *“É uma dificuldade, e aí ele não consegue, não vai. Então acho que a política pública devia ter esse olhar”.*

Abordando a questão da preferência dos idosos pelo bairro G-TS dá relevo aos vínculos e memórias afetivas: *“Porque Copacabana? Lógico que Copacabana é muito bonita, mas eu acho que foi uma questão assim, as pessoas envelhecerem lá, e acabaram ficando por lá, por questão das suas referências: é aquela esquina, mesmo que agora aquela esquina que já tenha sido rosa, agora esteja amarela, mas é a esquina da Siqueira Campos. É aquele shopping que tem ali. As pessoas conhecidas. Aquela loja, que era a loja da bijuteria, onde sempre comprou. Aquele armarinho, ‘lá tem muito isto, de armarinho’... que em outros lugares está meio extinto. Então a pessoa tem referências. Eu acho que Copacabana ficou um pouco com isso”.* Esta percepção de GTS é corroborada pela quantidade de bens tombados que existem em Copacabana, dezenove, o maior número em um mesmo bairro no município do Rio de Janeiro. Assim G-TS descreve com exatidão os “lugares de memória” de Pierre Nora (1984) apoiados no convívio com a paisagem, para reviver e reassegurar vivências afetivas de pertença. No âmbito das representações, que em nada favorecem o idoso, G-TS complementa: *“Muitas vezes o núcleo familiar faz com que o idoso não seja ativo, e ele é. Faz com que fique em casa, que ele não produza. E comentam: Ah! Ele está velho! Começam a fazer como se fossem ‘criancinhas’... quer tomar banhinho? Escuta aqui Vovozinha...*

*Titiazinha*⁴¹... *A população em geral tem que entender um pouco, porque infelizmente muita gente pensa que o idoso não é capaz*”.

Procurei ilustrar a relação com os temas do envelhecimento no ambiente urbano de Copacabana, a partir da escuta dos longevos entrevistados, e representando todas as categorias cronológicas preconizadas pela OMS, a partir do marco legal de 60 anos. Assim se ilustra no âmbito deste estudo exploratório, opiniões de representantes da idade madura (L-61 e L-67), anciões (L-78 e L-86) e longevos em condição de velhice extrema (L-100). Dois gestores entrevistados que tem respectivamente 35 e 42 anos, não estão ainda inseridos na categoria de meia idade, que se inicia aos 45 anos. Seus depoimentos são relevantes para ilustrar a compreensão de percepções de aspectos intergeracionais, refletindo o olhar de “outras idades” sobre o envelhecimento alheio, e também ilustrando qual a perspectiva e compreensão que tem de seu próprio processo de envelhecer.

Neste contexto G-TS dá sua opinião ilustrativa do envelhecimento ativo como construção, e ressalta a necessidade de adaptação continua aos processos de senescência: *“Na questão da Longevidade, na questão da própria saúde, as pessoas estão se cuidando mais, estão se preparando mais, estão entendendo que você tem que se cuidar aos quarenta, pra você poder, quando chegar aos 60, começar a se preparar pra os 100. Antes nos sessenta você estava quase morrendo. Hoje você com sessenta, tá começando a viver de uma outra forma. Tem limitações? Tem... Eu acho que o importante é ter essa percepção de que o corpo tem uma limitação, a gente tem que respeitar esse corpo e poder aproveitar dentro desta limitação, aproveitar o que pode ser aproveitado... Se eu tenho uma capacidade cognitiva e não tenho motora, então eu vou trabalhar mais com essa capacidade cognitiva*”.

O próximo gestor GE que trabalha no governo do Estado do Rio de Janeiro, e também em consultorias intersetoriais, vinculadas à questão do envelhecimento, anteriormente trabalhou muitos anos no Ministério da saúde, tem 62 anos. Em relação a considerar a opinião dos longevos sobre questões do envelhecimento foi objetivo: *“De que adianta movimentar grandes verbas, ter muitos parceiros e apoiadores se o que vai ser proposto não atende ao que o idoso necessita? Melhor então ter menos recursos, mas que serão mais efetivamente utilizados. Orçamento suficiente para fortalecer os conselhos municipais, facilitar a infraestrutura, uma salinha, um lanche nas reuniões, e uma informação clara sobre a área e possibilidades de atuação deste conselho*”. E prossegue ao longo de sua entrevista

⁴¹ Mas o que esperar se o próprio Ministério da Saúde precisa alertar os seus funcionários para que não chamem de “lindinhos” os idosos que vão atender?

defendendo a ideia de que os Conselhos Municipais são a solução para melhorar as políticas públicas de atendimento ao idoso.

Em uma dimensão mais pessoal do seu relato, conta que sua percepção mudou ao entrar no marco legal do envelhecimento. Uma entrada recente, já que tem agora 62 anos, mas diz que depois disto, passou a prestar mais atenção em sua vida e seu corpo. E que profissionalmente tem buscado experiências na “linha de frente”, diminuindo o trabalho de pesquisa e consultoria para dedicar-se mais à interação direta com o público longo. Deste modo diz estar aprendendo mais sobre si, e seu próprio envelhecimento. Conta que passou a dar mais tempo para o próprio lazer, e diz: *“Daqui a pouco não vai dar mais tempo”*. Relata também que passou a frequentar mais concertos e ver peças de teatro, seu lazer preferido. Passou também a receber com mais frequência seus amigos em casa, para jantar e conversar. *“Estou estreitando laços”*. diz. Manifesta sua opinião totalmente contrária às Instituições de Longa Permanência, e advoga a necessidade de políticas públicas que favoreçam que o idoso possa permanecer na sua casa, integrado às atividades sociais de sua comunidade. Elogia e recomenda o Programa do Governo Federal “Em casa é muito melhor”, que busca difundir a estratégia de atendimentos terapêuticos em domicílio, com benefícios efetivos e custos mais baixos. Como todos os gestores, foi veemente em apontar deficiências e inadequações nas políticas públicas voltadas para o envelhecimento populacional. Mostra-se também contrário à terminologia “Terceira Idade” que em sua opinião *“não diz nada”*. E termina sua entrevista ressaltando que, em sua opinião há um longo caminho, até que se transformem as políticas públicas voltadas ao envelhecimento, para serem realmente adequadas. Enfatiza, que cabe ao idoso fazer sua parte, dizendo do que precisa, o que está bom, o que não está, ocupando ou criando espaços para falar do que necessita, e termina dizendo: *“Eu estou fazendo a minha parte”*.

GITS é o gestor com maior idade, atualmente presta consultoria a uma instituição governamental, e a uma ONG ligada ao envelhecimento, que integra uma rede internacional. Tem ampla experiência em governança intersetorial em questões do envelhecimento, tendo trabalhado durante muitos anos em uma agência internacional nesta área. Sua postura profissional é de naturalmente estar sempre “trabalhando em rede”, “pensando em rede” e portanto considera de crucial importância ouvir o longo. Dos gestores entrevistados foi o que colocou com mais clareza e veemência, que o idoso precisa ser ouvido, para que haja adequação das práticas.

GMTS avalia que no Brasil em relação ao envelhecimento, há “boas leis”, mas que o grande problema é que não são cumpridas. Ressalta que o Sistema Único de Saúde (SUS) e a

Previdência Social, pelo menos teoricamente, tem propostas interessantes, mas que não se viabilizam concretamente.

Não concorda com o uso da terminologia terceira idade, prefere a expressão Longevo. Abordando a questão do reconhecimento negativo em relação ao idoso, acredita tratar-se de uma construção mais pessoal, da forma como o idoso lida com seu entorno, e com sua convivência intergeracional. Ao avaliar a questão do lazer no envelhecimento informa não ser contrário às atividades das “Casas de Convivência” desde que não sejam excludentes da participação do idoso na comunidade. Conta sobre seu próprio lazer, e que recentemente experimentou pela primeira vez surfar. E dá uma boa risada ao contar. Faz uma avaliação bastante ampla dos motivos pelos quais Copacabana é considerada “um lugar de idosos”. Começa fazendo uma apreciação histórica, lembrando que muitos dos longevos que estão lá agora, tornaram-se residentes do bairro, no período de grande expansão imobiliária, nas décadas de sessenta e setenta, envelheceram por lá, e por isso acompanharam também as grandes transformações do lugar. Elogia a multiplicidade de serviços da região, dispostos em uma arquitetura urbana simples, com muitas “lojas de rua”, em que há facilidade de chegar, ver, achar e comprar, caminhando pelas ruas, e também há a facilidade de ser atendido pelo serviço de entrega domiciliar. Ressalta que Copacabana, é um lugar muito vitalizado, “animado”, e que basta andar pelas ruas para constatar isto, e que esta movimentação faz bem ao idoso. Mas aponta dificuldades também. Lista os megaeventos no topo da lista, pois entre outros problemas, tiram a tranquilidade dos moradores. Enumera questões de acessibilidade como os sinais de trânsito muito rápidos, o fluxo intenso de veículos, e a falta de bancos fora da orla, para os longevos poderem sentar e descansar um pouco, entre atividades que precisem fazer na rua. Sobre seu próprio envelhecimento, conta que se cansa com mais facilidade, tem artrose nos joelhos, e sabe que não pode mais passar uma noite inteira trabalhando.

Justificando-se por suas constantes viagens, dá como exemplo de “boas práticas” que poderiam inspirar mudanças aqui no Brasil, exemplos relacionados ao envelhecimento no Canadá, França e Suíça, onde conta haver um número significativo de aposentados que organizam programação social e de lazer, através de Associações de Aposentados e Clubes, assim longevos dirigem-se a longevos, com chances de terem mais clareza das reais necessidades a serem atendidas. Elogia as boas ofertas de programação Cultural do SESC (Serviço Social do Comércio) e da Secretaria de Culturas do Município do Rio de Janeiro, mas pondera que talvez não sejam tão bem divulgadas junto a este público. E finalizando comenta que acha injusta a prática de meia entrada e de prioridades para todos os longevos,

pois alguns, “*como eu não precisam*”. Acho que isto pode mudar, este estereótipo: “*Aqui todo idoso é tratado como se fosse pobre ou fraco*”.

Nas entrevistas respondidas, delinearam-se indicadores de pouca atenção, interesse ou preocupação com a questão do lazer. Este tema não parece integrar as prioridades de nenhum dos gestores entrevistados, e pelo teor das respostas, nenhum deles inclui com frequência entre suas práticas, ou percepções, ou a compreensão de que o lazer, se adequado, gera saúde e pode fortalecer a subjetividade de quem pratica. Sendo assim, não chegam a estabelecer distinções entre o tipo de lazer que seria mais adequado, se contemplativo, cultural, ou ativo, pois pensar cotidianamente o lazer não integra suas práticas e abordagens, mesmo quando “pensam em rede” priorizam outras questões. Quanto aos “porta-vozes” longevos apresentaram, em resumo, as opções de Lazer do quadro abaixo:

Quadro 6 - Longevos Entrevistados: Preferência de Lazer

L-100	Fazer música (tocar e cantar), assistir concertos e outros espetáculos musicais
L-86	Fazer artesanato, crochê e pintura
L-78	Praticar <i>yoga</i> e caminhar longas distâncias na orla da zona sul
L-67	Ir ao teatro, assistir concertos (tocar e cantar)
L-61	Ir ao teatro, ler, fazer artesanato e crochê

Fonte: elaboração da autora.

Quadro 7 - Longevos Entrevistados: Percepções da Paisagem de Copacabana

L-100	“A paisagem de Copacabana é muito linda! Gosto muito da Colônia dos Pescadores.”
L-86	“A paisagem de Copacabana é bonita, muito bonita. A que gosto mais é da Colônia dos Pescadores.”
L-78	Nada destacou, pois fica pouco tempo no bairro.
L-67	Gosta de “toda a paisagem do bairro”, mas a melhor é a vista do seu apartamento que é maravilhosa (mora na Av. Atlântica).
L-61	A Colônia dos Pescadores.

Fonte: elaboração da autora.

Pelo teor das entrevistas realizadas neste estudo, tanto de residentes longevos como gestores, ficou nítido que no bairro de Copacabana existe uma conjuntura propícia a seus residentes, para que tenham uma convivência intergeracional natural e prazerosa, em que indicadores de um ambiente favorável são adequadamente providos. Ser longo e morar em Copacabana, bairro que já se sabe que é um “**lugar de idosos**”, em que até o poder público municipal endossa esta ideia, concedendo o título de “**destino turístico preferencial da terceira idade**”, pelas respostas dadas parece ressoar para os residentes como “estar no próprio território, junto com seus pares”. E o sentimento de pertencimento é um excelente coadjuvante para o bem estar emocional. Conforme Latour explica, a construção de fatos é um processo coletivo, em que o objeto é transmitido de um ator para outro (LATOUR, 2012), assim compreende-se que sendo Copacabana um lugar bom para longevos esta ‘mensagem’ é reafirmada e fortalecida frequentemente. A fabricação de fatos para Latour, se faz em rede, através de alianças entre atores humanos e não humanos. E neste quesito tem-se no bairro a onipresença do mar e sua orla, matriz de uma fértil produção cultural, um potente capital simbólico a ser compartilhado, devidamente difundido e amplificado por todo o país, e também fora dele. Para quem costuma ser alvo de representações negativas, como é o caso do idoso, poder estar residindo e de algum modo desfrutando de um lugar que tem paisagem privilegiada, que é referência turística nacional e internacional, pode ser uma saudável contribuição ao fortalecimento da sua autoestima.

Pode-se supor, que os longevos, em sua resiliência e desfrutando das prerrogativas de um envelhecimento saudável, com autonomia e exercício ativo de seus projetos existenciais, identificaram naturalmente que este bairro reúne qualidade de vida, oportunidade de convivência, possibilidades variadas e acessíveis de lazer, com acesso à diversas ofertas culturais, algumas gratuitas, amplas facilidades urbanas como transporte diversificado, instituições e profissionais de saúde em número suficiente⁴², seja na forma de assistência pública e privada, num espaço cosmopolita, múltiplo e de paisagem agradável. Neste estudo, a percepção sobre o envelhecimento é composta de narrativas sobre o próprio envelhecimento recolhidas junto aos residentes do bairro de Copacabana, e por narrativas sobre as práticas de lazer no envelhecimento e com a paisagem, como fonte de lazer contemplativo e cultural. Os dados complementares recolhidos junto a gestores em instituições privadas ou públicas, contribuíram para tecer a rede de controvérsias compostas por múltiplos sentidos,

⁴² Segundo a opinião manifesta das longevas que foram ouvidas neste estudo.

agenciamentos, fluxos, alianças, e deslocamentos que convergem para confirmar o bairro como um lugar “amigo dos idosos”.

É significativo observar que o gestor entrevistado que atua no nível municipal, tem uma típica postura de “fazer para”, enquanto que os gestores que atuam no Terceiro Setor e no nível Intersetorial tem uma abordagem voltada para “fazer com”. Ou seja, estes gestores constroem ações conjuntamente com o idoso, respeitando suas opiniões, em suas práticas de atendimento. O gestor municipal relata resistência em acolher demandas diferenciadas dos idosos, apesar do fato de atuar em espaço em que há contato direto e diário com este público, que comparece em pequenos grupos, para atividades de convivência.

Ator é tudo que age, deixa traço, produz efeito no mundo, podendo referir-se a pessoas, instituições, coisas, animais, objetos máquinas, etc. (LATOUR, 2012). Neste enfoque, os bens tombados de Copacabana (actantes), presença de tempos passados no momento presente, interação com os atores longevos, reafirmando valores, memórias e vivências afetivas, criando um entorno que favorece o senso de pertencimento e o reviver de memórias afetivas. A relação entre Atores (actantes), elementos que produzem efeito na rede, que a modificam e são modificados por ela, é visível, quando os longevos entrevistados em seus relatos, são unânimes em reclamar da perda de espaço com os mega eventos realizados na orla. Contam que, por causa deles, tem de ficar em confinamento, em suas casas, para não correrem os riscos diversos da locomoção no meio da multidão, incluindo os assaltos. Apontam que Copacabana, em sua paisagem natural, tem sofrido continuas agressões. Em termos de acessibilidade, informam outras dificuldades, como calçadas que dificultam a locomoção de idosos, trânsito pesado, furtos constantes, em que o destinatário preferencial é o longo, afluxo excessivo de público em frequentes eventos na orla, tumultuando a vida do bairro. A qualidade do ar segundo medições de órgão municipal está frequentemente na categoria regular e devido ao paredão formado pelos prédios, nas ruas mais distantes da orla, há pouca luminosidade e ventilação mais restrita.

Relembrando as ponderações do Butão, na construção do FIB, é realmente preciso atenção ao desejo ilimitado de crescimento, em planeta de recursos finitos. É inegável que Copacabana tem seus encantos, mas está super exposta na mídia, super povoada por mega eventos, degradada por uma constante frequência de público, muito acima de sua capacidade de oferecer uma estrutura adequada. Tem uma muralha de prédios, interferindo na livre circulação do ar, limitando os benefícios da refrescante brisa marinha, o que reduz a qualidade de vida dos seus residentes. Mas o mar permanece, com suas ondas e marés. As longevas referem a colônia de pescadores como seu lugar favorito, que tanto prazer dá aos residentes

do bairro, de um modo geral, e que ainda está lá, menor que em tempos passados, mas ainda presente com o seu ritual diário de redes, partida e chegada dos barcos de pesca, e venda de peixes frescos.

Como em toda equação, há que se examinar a correlação entre variáveis, e na percepção de todos os residentes entrevistados, apesar do relato das difíceis situações causadas pelos Megaeventos dos quais não participam, o saldo foi considerado positivo. Para compreender este resultado, há que considerar-se que variáveis sociais, psicológicas e econômicas devem ser consideradas simetricamente (LATOUR, 2012). Assim, levando-se em conta também, como complemento de dados, as categorias do Guia Global Das Cidades Amigas dos Idosos: moradia, transporte, participação cívica, acesso à informação, acesso a serviços médicos, acesso a serviços sociais, engajamento na vida pública, Copacabana, parece, por estes relatos, atendê-las de forma satisfatória.

A hibridização do mundo afasta-se das divisões, e aposta nas mesclas (LATOUR, 2012). Assim Copacabana, como coletivo híbrido, por suas contradições e controvérsias propicia simultaneamente aos seus residentes, os bônus e ônus da vida urbana, e o seu potente capital simbólico prevalece, e se expressa em múltiplas representações traduzidas nas inúmeras Copacabanas Imaginárias. A convivência simultânea com “tempos antigos” e tempos atuais, a convivência intergeracional, vivida no cotidiano de forma natural, gera tantas Copacabanas quantas sejam seus residentes e suas vivências. O bairro caracteriza-se por uma grande rede de sentidos e significados, em que se movimentam a ‘Princesinha do Mar’, a matriz musical do Beco das Garrafas, o clima bucólico do condomínio Santa Leocádia, os “anos dourados” do Copacabana Palace, e aquelas “Copacabanas” ainda mais remotas, do “lugar luminoso”, da Sacopenamã dos Tupis, e muitas mais. Todas se deslocando através do tempo, coexistindo e nutrindo-se nos seus “lugares da memória”, presentes na subjetividade de cada um de seus residentes, para além do caos dos mega eventos e da destruição promovida pela especulação imobiliária.

Relembrando Latour em sua teoria das Controvérsias, a “vitória” começa a aparecer sempre que a discussão conflui para o surgimento de um *objeto novo*. Começa-se a observar o que esse “algo amorfo” faz e, a partir dos desempenhos, uma nova forma é delineada. Assim em Copacabana, este objeto novo é uma nova forma de tecido social, com a necessária porosidade para absorver mudanças, estranhezas, envelhecimentos, oposições e alianças, gerando uma nova forma de interagir com sua população envelhecida. E preparando o encerramento da jornada temos Castro (2008), que desta vez conduz o fio, ao advertir que:

Quando o pesquisador se permite escolher os caminhos privilegiados para seguir os atores e o faz conscientemente, produz-se assim uma cartografia que diz respeito a uma situação específica, a um momento específico, segundo determinado pesquisador. (CASTRO, 2008, p. 61).

Assim esta cartografia das controvérsias sobre longevidade e envelhecimento, evidencia uma situação ainda extremamente lacunar, em relação a compreender quem é, e do que necessita o longo. Pautar a compreensão em categorizações generalistas, como as meramente cronológicas, mascara a identidade do “velho real”. As políticas públicas ordenadas apenas a partir dos critérios da cronologia, desconsideram diferenças essenciais no público-alvo. As posturas centralizadoras de produzir políticas públicas com reduzido hábito de funcionar em rede, e menos ainda de “pensar em rede”, apostando na tática de “fazer para”, sem ouvir a real necessidade do público a que se destina, e raramente ou nunca em “fazer com” exercitando a interlocução, cria um abismo entre o que o público longo necessita, e aquilo que é oferecido. O reconhecimento positivo, e a vivência da condição de idoso como “sujeito de direito”, que tem voz ativa na comunidade, com raras exceções, não tem prevalência no tratamento via de regra dispensado ao idoso, e o bairro de Copacabana parece ser uma delas.

Os longevos ouvidos neste estudo, reconhecem benefícios de viver no referido bairro, incluindo a bela paisagem, no entanto por questões de acessibilidade e senescência não desfrutam dela de forma plena. Seu lazer é predominante realizado em espaços fechados, e nas práticas de lazer realizadas, predominam as de natureza cultural ou manual. Quando podem, contemplam o mar, e seu local favorito, a Colônia de Pescadores. Nenhum dos “porta-vozes” longevos desse estudo, frequenta ou frequentou uma academia de ginástica em praça pública, um baile da terceira idade, ou viajou em um pacote turístico para “a melhor idade”. Mas todos manifestaram interesse em novos aprendizados, embora relatassem limitações de ordem diversa para atender a este desejo: oportunidade, recursos, mobilidade ou até mesmo tempo.

A necessidade de reconhecimento positivo permeou todos os relatos e do mesmo modo, a satisfação em obtê-lo, sendo este tipo de tratamento considerado como um dos benefícios de viver no bairro, reconhecida pelos porta-vozes. Esta possibilidade de viver em um lugar que os reconhece, os aceita, e trata bem. Segundo os atores, e ouvindo suas vozes, assim se desenha a cartografia afetiva de um bairro como um espaço identitário que acolhe para além de sua paisagem real, para além de suas múltiplas possibilidades de lazer, físico e ativo, pois com exceção de um dos longevos, que faz caminhada, os outros não andam pelo

calçada, não utilizam a ciclovia, não nadam, não jogam vôlei, frescobol, não fazem trilhas. Mas quando podem, vão ao teatro, ouvem concertos, contemplam o mar ou o movimento das redes na Colônia de Pescadores, buscando usufruir da beleza proporcionada nestas atividades. Vive uma relação com o bairro, que é muito mais interna e afetiva, do que real, concreta e externa. O suposto atrativo dos mega eventos não lhes traz nenhum encanto, pois quando acontecem, afastam-se e protegem-se no recesso dos seus lares. Mas apesar de todos esses percalços, o bairro é “o destino turístico preferencial da terceira idade”, só que estes longevos já estão lá, chegaram antes, e como “desbravadores”, conhecem e pertencem a este lugar. A vivência de pertencimento traz segurança, Copacabana é o bairro de idosos do Rio de Janeiro, e para os longevos residentes, é o “**lugar**”. Seguindo estes atores que já encontraram seu espaço identitário, para além de suas dificuldades reais, este peculiar espaço urbano e concreto, parece imbatível em suas qualidades como espaço afetivo, conforme os conceitos de Yu Fu Tuan (1974), e de Pierre Nora (1984). Esta é a cartografia afetiva de um bairro e seus residentes, feita seguindo os movimentos de seus atores em suas redes e deslocamentos.

8 CONCLUSÕES

Em nosso planeta finito vivemos em corpos finitos. A paisagem como elo e representante entre múltiplas formas de vida, oferece uma possibilidade de contemplação, bem estar e relaxamento. Cuidar dela, é também um exercício de cuidar de si, uma vez que o meio ambiente começa e termina em cada um de nós. As conexões entre “humanos e não – humanos” são inegáveis. Aí estão no dia a dia, em seus reflexos, fluxos e refluxos. Copacabana com sua bela orla, e sua inusitada colônia de pescadores em área urbana, a cada dia recebe os movimentos da maré, que podem arquetipicamente relembrar sobre os necessários e complementares movimentos de expansão e recolhimento. Indivíduos longevos, por decorrência natural dos processos de senescência, já viveram seus períodos de expansão, sendo natural, que pela senescência, necessitem agora de recolhimento, e tem o direito a desfrutar de atividades contemplativas e culturais, compatíveis com sua vitalidade diminuída, e seus rendimentos limitados pela aposentadoria.

O merco lazer com seu chamado incessante ao consumo, à expansão e aos movimentos físicos contínuos, deixa de reconhecer, atender e respeitar os limites dos corpos envelhecidos, suas necessidades de quietude e reflexão, que muitos indivíduos idosos nesta fase da vida estão buscando. As interconexões entre pessoas e à natureza à sua volta (paisagem), traduzem-se em qualidade de vida. Neste estudo, os atores longevos convergiram para um local, Copacabana, que atende para eles, de maneira satisfatória estas características. E tem buscado naturalmente este bairro como um local que pode oferecer alguns ingredientes favoráveis para a longevidade saudável e ativa.

Aos “Atores-Gestores” de Instituições voltadas para o envelhecimento, cabe a tarefa de reconhecer, quem é verdadeiramente seu público, para adequar sua prestação de serviços às suas reais necessidades, evitando propor ações para um ‘genérico idoso’, que em realidade não existe. Certamente, os Conselhos Municipais de Idosos e outras associações representativas de indivíduos longevos têm as condições básicas para serem legítimos representantes dos idosos. Se efetivamente o serão, há que, a moda do TAR, seguir os atores e observar. A lente “latouriana” nos permite descrever a Longevidade como fruto de uma ampla e intrincada rede de Atores/Actantes, plena de controvérsias em que certamente alguns dos seus atravessamentos mais significativos são: o preconceito traduzido em representações negativas, e a dificuldade de identificar as singularidades do público alvo, o que resulta em políticas públicas inadequadas e inoperantes.

Como pesquisadora, e moradora no Rio de Janeiro encanta-me a possibilidade de deambular, observar, descrever, e procurar compreender um bairro que ainda oferece uma significativa quantidade de prestadores de serviços artesanais, como bordadeiras, alfaiates, costureiras, ourives e sapateiros, que produzem manualmente objetos de seu ofício. Como terapeuta, com especialização em terapias expressivas, é gratificante, perceber que atividades tão antigas, delicadas e minuciosas, ainda sobrevivem, e estejam naturalmente inseridas no contexto da efervescente vitalidade cultural do bairro de Copacabana, muito bem aparelhada por seus diversos centros culturais, teatros, espaços multifuncionais que englobam galerias, lojas, e diversificada possibilidade de apresentações culturais. Um coletivo híbrido, em que continuamente interagem mediações, traduções, agenciamentos que mantêm articulados humanos e não-humanos, integrando gestores, bens tombados, paisagem, longevos. Todos partilhando o destino comum de envelhecer. A 12. Teoria do Ator- Rede de Bruno Latour pode fornecer subsídios para a cartografia de tais redes, identificando os deslocamentos nesta complexa geografia, tessitura das redes entre Atores/ Actantes, em suas conexões, e interações.

Ao buscar comprovar a tese que os longevos identificam o Bairro de Copacabana como um espaço identitário, que reúne condições de, lazer, acessibilidade e saúde, consegui, além de concretizar este objetivo inicial, uma descoberta adicional, que resultou para mim, em experiência muito agradável: conhecer novos ângulos de Copacabana. Assim um bairro que, antes do estudo, já me parecia oferecer elementos de convivência urbana muito interessantes, revelou-se ainda mais pleno de possibilidades. Gosto de observar o seu movimento constante de pessoas, moradores, visitantes de outros bairros, turistas nacionais e estrangeiros, e como a população idosa residente, está natural e democraticamente, inserida em todos os espaços.

No bairro de Copacabana, os residentes parecem ter encontrado uma boa fórmula, nesta intrincada rede de variáveis, probabilidades e imponderabilidades, que propiciam a construção do bem estar, na longevidade autônoma. Os residentes participam nos espaços públicos do bairro, com seus corpos marcados pelo tempo, mas não serão estas marcas os impedimentos para a inclusão, nem serão motivo para apartá-los da convivência intergeracional. Relembrando que o Estatuto do Idoso em seu artigo terceiro prevê que é obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do poder público, assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à **cultura**, ao esporte, **ao lazer**, ao trabalho, à cidade, à liberdade, à dignidade, ao respeito, e à **convivência familiar e comunitária**. Pelas pistas fornecidas pelas narrativas, conclui-se que estão em um bairro, que oferece em doses satisfatórias estas possibilidades.

Como conquista deste bairro, a ser largamente ampliada para muitos outros bairros, a compreensão fortalecida da importância de efetivas políticas de saúde pública para o idoso, com adequada gerência dos recursos disponíveis, e preferencialmente equipes multidisciplinares para o atendimento, uma vez que, como já foi dito, envelhecer é complexo e polissêmico. Aos longevos cabe a responsabilidade de reinventar continuamente seu percurso existencial, buscando mais equilíbrio, mais cuidado consigo mesmo, mais participação, evitando as armadilhas do “auto abandono”. E, sobretudo construir suas “boas formas” de driblarem o preconceito e exercerem seus direitos. Os entrevistados, sejam os longevos ou os gestores, reconhecem que Copacabana oferece aquilo que o idoso precisa, para ter uma boa qualidade de vida. Em seus relatos, ambos identificam a paisagem como realmente bela, e com potencial de transformar-se em múltiplas possibilidades de lazer. No entanto, nem sempre os longevos conseguem aproveitar mais plenamente deste leque de atividades. Os motivos variam das dificuldades decorrentes da senescência, ao medo dos ambientes superlotados, causados pelos frequentes mega eventos na orla.

Copacabana é um dos bairros do Rio de Janeiro em que há o maior número de bens tombados, dezenove, e esta preservação pode oferecer ao longo, uma sensação de conforto, pela presença de “representantes” de tempos passados. O capital simbólico de Copacabana é uma fonte de nutrição e estimulação cultural inestimável, propícia para atividades de lazer emancipatório, cultural e também contemplativo. O idoso poderia beneficiar-se dele, também pelos processos de educação continuada, caso estes, como política pública, fossem franqueados a este público. Neste contexto seria interessante que a população longeva pudesse ser mais informada sobre este acervo, e até poder falar sobre ele, como um exercício do âmbito da Educação Continuada em seus aspectos patrimoniais.

Copacabana possui uma paisagem diversificada, híbrida, que inclui a orla, parques urbanos com significativa área verde. Possui uma paisagem cultural que é referência turística nacional e internacional, com bens tombados também bastante diferenciados, uma vez que incluem desde árvores centenárias, como as da Praça Edmundo Bittencourt, até um conjunto de edificações como os prédios do Copacabana Palace, abrangendo também o patrimônio imaterial, como o Beco das Garrafas, as obras de arte representadas nos painéis de mosaico do artista mosaicista Paulo Werneck, detalhes arquitetônicos do quarteirão *Art Deco* do Lido. Todo este patrimônio configurando um ativo estratégico para atração de capital, mão de obra qualificada, e também ferramenta de pesquisa para elaboração de políticas públicas. Esta vertente cultural de um local, seja bairro ou cidade, é um veículo privilegiado para a construção e reconstrução de uma marca distintiva, com potencial de reunir pessoas, recursos,

coisas e eventos. E isto se evidencia com clareza em Copacabana, que por causa desse potencial, atrai um fluxo contínuo de novos moradores, visitas constantes de turistas nacionais e internacionais, organização de grandes eventos e os naturais problemas decorrentes da superlotação na sua infraestrutura.

Torna-se relevante, como indicação e temas para novas pesquisas, verificar como outros destinos turísticos, com características similares, em que prevalece o apelo da paisagem agradável, e da atividade cultural, frequente e diversificada, apropriam-se destes bens, em benefício de seus residentes idosos, sobretudo no que tange ao lazer. Neste sentido cabe promover estudos que façam a difusão da importância da paisagem, como fonte de lazer, bem estar e qualidade de vida para o idoso, bem como a necessidade de preservá-la. E também ressaltar a importância do lazer em suas múltiplas formas, de modo a facilitar sua inserção em políticas públicas destinadas ao idoso. E de forma mais ampla, estudar e analisar o campo das Políticas Públicas voltadas para o público longo, integrando saberes de diferentes especialistas, representando múltiplas áreas de conhecimento, para atender a diversificada demanda, proveniente de um assunto tão complexo e polissêmico, como é envelhecer, e um público tão heterogêneo como o são os longos.

Terminar uma tese de doutorado é concluir uma jornada heroica, que demanda anos de preparação, com tarefas que começam bem antes do ingresso na instituição de ensino em que se é aceito para realizá-la. Seu término decorre de uma ampla rede de atores envolvidos em dar sustentação, partilhar conhecimentos, demonstrar afeto, ou eventualmente criar atravessamentos.

O Programa EICOS, como Cátedra da UNESCO, dentro da UFRJ, e como espaço de pesquisa em Ecologia Social, atendeu às minhas buscas de um espaço acadêmico libertário, propiciador da discussão transversal de temas que me interessavam e mobilizavam como cidadã e pesquisadora. A guisa de conclusão celebro ter cumprido esta jornada, ter recebido apoio de minha orientadora, celebro minha cronologia, dentro do marco legal do envelhecimento, e, portanto também longa, e considero as contribuições deste estudo como sementes, uma consequência própria de estudos exploratórios. Assim como sementes, poderão ser cultivadas como subsídios em novos estudos, já que Longevidade, Paisagem e Lazer, por sua abrangência foram temas que precisaram ser recortados em enfoques específicos, para adequar-se ao tempo e escopo do estudo. E, também como sementes, fertilizar pesquisas sobre o que pode contribuir para o envelhecimento ativo e criar novas perspectivas na discussão sobre políticas públicas para o indivíduo idoso.

Longevos nas horas livres precisam ser fortalecidos e reasssegurados para que tenham liberdade para decidir sobre seu lazer, para que decidam se querem permanecer no próprio domicílio, e caso desejem, neste caso, receberem apoio necessário através de políticas públicas adequadas, do cuidado intergeracional, que não necessariamente precisa originar-se da família, podendo ser oferecido pela própria comunidade, para que possa viver com bem estar, autonomia, e cuidados em sua velhice.

Transitando entre pessoas de minha cronologia, em ambientes profissionais ou afetivos, tenho encontrado muitos longevos como eu, que não estão interessados em academias de ginástica em praça pública, bailes de terceira idade ou turismo de terceira idade. Preferem desfrutar de sua autonomia e independência, escolher seus programas, viajarem para onde bem entenderem. Gostam como eu, de definir sua programação, escolhendo entre as múltiplas ofertas culturais da cidade do Rio de Janeiro, sem precisar ser apartado para o gueto de uma “casa de convivência” onde alguém decidirá a que horas e como deve ser o lazer.

Retomando a ideia que afinal felicidade é o que todos buscam, ainda que se possa discutir amplamente o seu conceito, que é fundamentalmente polissêmico, e portanto, capaz de se multiplicar tantas vezes quantas sejam os indivíduos a formulá-lo, vale rememorar a proposta elaborada pelo Butão, sobre FIB (índice da Felicidade Interna Bruta) como um fator importante a ser considerado. Neste contexto, por tudo que já foi apresentado neste estudo, Copacabana apresenta uma significativa vitalidade cultural na comunidade e, uma inegável diversidade e ecológica. Pela sua privilegiada paisagem oferece a seus moradores uma situação propiciatória para contribuir ao bem estar psicológico, e favorecer sua saúde, sobretudo a saúde mental, fator preponderante para contribuir para um metabolismo em equilíbrio, e como consequência em um envelhecimento ativo na longevidade.

Considerando a inspirada Métrica de FIB, talvez felicidade tenha a ver com isso que este bairro ofereça a seus residentes longevos: uma possibilidade de viver com liberdade, com reconhecimento, exercendo potencialidades, expressando-se com fluência, criando no dia a dia, interagindo naturalmente com pessoas de várias cronologias, vivendo na própria casa e sendo apoiado, até quando necessário para viver bem, e para concluir naturalmente seus ciclos vitais. Se o entorno em que se mora tem uma bela paisagem, amplas e diversificadas formas de lazer, melhor ainda. Assim, considerando também os indicadores propostos pelo Guia Global das Cidades Amigas dos Idosos, pelo FIB, acrescido de dados referentes às percepções de residentes longevos e de Gestores vinculados aos temas do Envelhecimento, Copacabana confirma a tese de oferecer um espaço identitário de memória, que reúne condições de

convivência, lazer, acessibilidade e serviços de saúde. Esta generosa e produtiva rede, enseja a cartografia afetiva, necessária à criação das “múltiplas Copacabras”, vividas de forma singular por cada um de seus residentes.

REFERÊNCIAS

1,2,3 I. **Condomínio Lellis**. [2014]. Disponível em: <www.123i.com.br/condominio-c4b45e71b.html>. Acesso em: 28 jan. 2014.

ANDRADE, E. S. **Museologia**. 2008. Disponível em: <www.ufrb.edu.br/museologia/-biblioteca/>. Acesso em: 04 nov. 2013.

AFFONSO, A. I. **Forte de Copacabana**. [2014]. Disponível em: <<http://interata.squarespace.com/>>. Acesso em: 07 jan. 2014.

ALENCAR, E. Tribunal de Contas do Município entra na defesa de árvore centenária de Copacabana. In: **O Globo**, 11 abr. 2013. Disponível em: <<http://www.hildegardangel.com.br/>>. Acesso em: 13 fev. 2015.

ANGEL, H. [2014]. Disponível em: <<http://www.hildegardangel.com.br/>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

ANTUNES, B. Copacabana Palace: o mais famoso e o preferido dos famosos. In: **Blog Hotel Urbano**, 21 mar. 2013. Disponível em: <<http://blog.hotelurbano.com/copacabana-palace-o-mais-famoso-e-o-preferido-dos-famosos/>>. Acesso em: 13 fev. 2015.

AO ANOITECER DE COPACABANA. **O Duzentão da Barata Ribeiro**. 18 jul. 2012. Disponível em: <<http://oanoitecerdecopacabana.blogspot.com.br/2012/07/o-duzentao-da-barata-ribeiro.html>>. Acesso em: 28 jan. 2014.

ARRUDA, P. **Patrimônio e paisagem cultural**: do jeito carioca às areias de Copacabana. Rio de Janeiro: Instituto de Psicologia ECO, UFRJ, 2007. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4205239/4101475/palestra_phrygia.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2015.

ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE RECREAÇÃO E LAZER. Carta Internacional de Educação para o Lazer. 2002. Disponível em: <http://www.saudeemmovimento.com.br/-conteudos/conteudo_print.asp?cod_noticia=195>. Acesso em: 07 fev. 2015).

BACHELADENSKI, M. S. Contribuição do campo crítico do lazer para a promoção da saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 5, p. 2569-2597, 2010.

BAILLY, A. S.; BEGUIN, H. **Introduction à la géographie humaine**. Paris, Masson, 1982.

BASTOS, P. P. Praça Edmundo Bitencourt, Bairro Peixoto/Copacabana. In: **Veja Rio**, 12 nov. 2013. Disponível em: <<http://vejario.abril.com.br/blog/as-ruas-do-rio/bairro-a-bairro/praca-edmundo-bitencourt-bairro-peixotocopacabana>>. Acesso em: 13 fev. 2015

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BEAUVOIR, S. **A velhice**: a realidade incomoda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERQUE, A. **La pensée paysagère**. Paris: Éditions Archibooks, 2008.

BERQUÓ, A. F.; LIMA, D. F. C. Política Cultural inclui pessoas com deficiência. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE POLÍTICAS CULTURAIS, 5. **Anais...** Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2014.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Educação Básica – DAB. **Saúde da família**. [2012]. Disponível em: <<http://dab.saude.gov.br/portaldab/>>. Acesso em: 07 fev. 2014.

_____. Ministério da Saúde. **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2006. (Cadernos de Atenção Básica, 19). Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcad19.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2015.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei No 10.741, de 1º de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília, DF, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm>. Acesso em: 07 fev. 2015.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 07 fev. 2015.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 6938, de 31 de agosto de 1981**. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e Mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. Brasília, DF, 1981. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6938.htm>. Acesso em: 18 fev. 2014.

_____. Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Conselho Nacional dos Direitos do Idoso. **Plano de ação internacional para o envelhecimento**. Brasília, DF: Ministério da Justiça, 2003.

CAMARGO, A. [2013]. Disponível em: <http://www.aspasiacamargo.com.br/v2013/arquivos/imagens/destaques/salva_assacu.jpg>. Acesso em: 13 fev. 2015.

CANCLINI, N. G. O Patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. **Revista do IPHAN**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 95-115, 1994.

CASTANHEIRO, I. C. A poluição visual: formas de enfrentamento pelas cidades. **Revista Internacional de Direito e Cidadania**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 63-78, jun. 2009.

CASTORIADIS, C. **Feito a ser feito**: as encruzilhadas do labirinto. Rio de Janeiro: DPe, 1999.

CAVALCANTI, K. B. Longevidade, lazer e estilo de vida. **Movimento**, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 38-43, 1996.

CENTRO DE PESQUISA SOBRE O GENOMA HUMANO E CÉLULAS-TRONCO.

Projeto 80 +. [2013] Disponível em: <<http://genoma.ib.usp.br/wordpress/?p=3971>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

CONDOMÍNIO SANTA LEOCÁDIA: o prédio do bondinho. [s.d.]. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/condominiosantaleocadia?fref=nf>>. Acesso em: 13 fev. 2015.

COPACABANA.COM. **Dados sobre Copacabana**. [2014]. Disponível em:

<<http://copacabana.com/dados-sobre-copacabana>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

_____. **Rua Figueiredo Magalhães**. [2014]. Disponível em: <<http://copacabana.com/dados-sobre-copacabana>>. Acesso em: 13 fev. 2015.

_____. **Beco das garrafas**. [2013]. Disponível em: <<http://copacabana.com/beco-das-garrafas/>>. Acesso em: 13 fev. 2015.

COPACABANA EM FOCO. **Bens tombados**. [2014]. Disponível em:

<<https://ama2345decopacabana.wordpress.com/bens-tombados/>>. Acesso em: 13 fev. 2015.

CORREA, M. R. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade**: velhice e terceira idade. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

COTIDIANO ANTOLÓGICO. Blog. Disponível em:

<<http://cotidianoantologico.blogspot.com.br/2011/09/Copacabana-o-inicio.html>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

CZEKO, J. T. Na cidade. In: MAIA, J.; HELAL, C. L. R. (Org.). **Comunicação, arte e cultura na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

D'ÁVILA NETO, M. I.; MACIEL, T. pantanal: um ecodesenvolvimento necessário. In: MACIEL, T. (org.). **O ambiente inteiro**: a contribuição crítica da universidade à questão ambiental. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1992.

_____. **Fronteiras e diversidades culturais no século XXI**: desafios do reconhecimento no estado global. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

DELORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 1996. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=14470>. Acesso em 07 fev. 2015.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

DUBAR, C. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Porto: Porto Editora, 1997.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

EMERSON JÚNIOR, C. **Casa de pedra**. 2013. Disponível em: <<https://friburgonova.files.wordpress.com/2013/02/casadepedra.jpg>>. Acesso em: 07 jan. 2014.

FELDMAN-BIANCO, B.; MOREIRA LEITE, M. L. (Org.) **Desafios da imagem, fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Campinas: Papirus, 1998.

FIORILLO, C. A. P. **Curso de direito ambiental brasileiro**. São Paulo: Saraiva, 2010.

FOI UM RIO QUE PASSOU. **Inauguração do Cinema Copacabana**. [2013]. Disponível em: <<http://www.rioquepassou.com.br/2004/08/13/inauguracao-do-cinema-copacabana/>>. Acesso em: 06 out. 2013.

GANDRA, A. Delegacia de atendimento ao idoso do rio tem média de 100 registros por mês. In: EBC. 01 out. 2013. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/10/delegacia-de-atendimento-ao-idoso-do-rio-tem-media-de-100-registros-por-mes>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GIORDANI, M. C. **Iniciação ao existencialismo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

GOLDEMBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GOODWIN, C. J. **Research in psychology: methods and design**. New York: John Wiley e Sons, 1995.

GOOGLE MAPS. **Mapa de Copacabana**. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/@-22.9732708,-43.1857553,15z>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

GUIA DO RIO. **Bares tombados**. [2013]. Disponível em: <<http://www.rioguiiaooficial.com.br/rio-de-janeiro/roteiros/bares-tombados>>. Acesso em: 13 fev. 2015.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2009.

IMAGES & VISIONS. **Foto de Dorival Caymmi feita por Evandro Teixeira vai virar estátua**. 2008. Disponível em: <<http://imagesvisions.blogspot.com.br/2008/09/foto-de-dorival-caymmi-feita-por.html>>. Acesso em: 13 fev. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo 2010. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 06 fev. 2014.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **Declaração do México**. 1985. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=255>>. Acessado em: 11 fev. 2015.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN.

Portal do IPHAN. [2013]. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/portal/>>. Acesso em: 12 fev. 2015.

IT'S ONLY ROCK'N ROLL. 2006. Disponível em:

<https://www.iorr.org/rio/20060218_rs21.jpg>. Acesso em: 28 jan. 2014.

KAZ, R. **Expulsos do paraíso em Copacabana.** 18 ago. 2012. Disponível em:

<<http://extra.globo.com/casa/expulsos-do-paraíso-em-copacabana-5831902.html>>. Acesso em: 07 fev. 2015.

KAZ, S. **Um jeito Copacabana de ser.** Rio de Janeiro: PUC-RJ; Reflexão, 2014.

KOK, G. **Memórias do Brasil:** uma viagem pelo patrimônio artístico, cultural e ambiental. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

KOPSCHITZ, I. Um passeio pelo art déco em Copacabana. In: **Extra**, 14 out. 2011.

Disponível em: <<http://extra.globo.com/casa/um-passeio-pelo-art-deco-em-copacabana-2777819.html>>. Acesso em: 10 out. 2013.

LAMBIN, E. **Une ecologie du bonheur.** Paris: Le Pommier 2009.

LATOUR, B. **Ciência em ação:** como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Jamais fomos modernos.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

_____. **Reagregando o social:** uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador: EDUFBA, 2012.

LIMA, L. Movimento quer Braguinha na princesinha do mar. In: **O Globo**, 22 nov. 2013.

Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/movimento-quer-braguinha-na-princesinha-do-mar-10850801>>. Acesso em: 04 dez. 2013.

LOPES, A. C. L. F. **A Celeste Modas e as boutiques de Copacabana em 1950:** distinção, modernidade e produção do pret-à-porter. 2014. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

LOUREIRO, A. M. L. **A velhice, o tempo e a morte.** Brasília, DF: Editora da UNB, 1998.

MACHADO, L. **Talento não tem idade:** construindo juntos uma sociedade. Rio de Janeiro: IPSIS, 2010.

MACIEIRA, R. **Memórias da Destruição.** Prefeitura do Rio de Janeiro. Secretaria das Culturas. Arquivo da Cidade, 2001.

MALADEAVENTURAS.COM. **Reveillon em Copacabana.** Disponível em:

<<http://maladeaventuras.com/>>. Acesso em: 07 jan. 2014.

MANZINI, E. J. **Entrevista semi-estruturada**: análise de objetivos e roteiros. Marília: UNESP, 1991.

MARCELINO, N. C. **Estudos do lazer, uma introdução**. Campinas: Autores Associados, 2012.

_____. **Lazer e educação**. 12. ed. Campinas: Papirus, 2007.

MARCHEZINI, F. de S. **Paisagem urbana e dano ambiental estético**: as cidades feias que me desculpem, mas beleza é direito fundamental. 2012. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/21029/paisagem-urbana-e-dano-ambiental-estetico/2>>. Acesso em: 03 ago. 2013.

MASCARENHAS, E. Lazer e utopia: limites e possibilidades de ação política. **Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 155-182, 2005.

MATTOS, N. B. **Manual do cuidador**. 2011. Disponível em: <<http://www.observatorionacionaldoidoso.FioCruz.br/biblioteca/-manual/12.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2013.

MEMORIAL DA ELETRICIDADE. [2013]. Disponível em: <<http://www.memoriadaeletricidade.com.br/>>. Acesso em: 04 out. 2013.

MENDES, L. C. T. Cinemas de Copacabana. In: **Jornal Copacabana**, [2013]. Disponível em: <<http://www.jornalcopacabana.com.br/ed155/cinema.htm>>. Acesso em: 06 out. 2013.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2008.

MORIN, E. **Teoria da complexidade e liberdade**: ensaios in Thot. São Paulo: Associação Palas Antena, 1998.

MOSCOVICI, S. C. **La psychanalyse, son image et son public**. Paris: Presses Universitaires de France, 1976.

MUSEU VIRTUAL DO TRANSPORTE URBANO. [2013]. Disponível em: <<http://www.museudantu.org.br/RiodeJaneiro/bondtvelho.jpg>>. Acesso em: 04 out. 2013.

NOBRE, J. C. A.; PEDRO, R. M. L. R. Vida humana, mídia e mercado: uma perspectiva sociotécnica das pesquisas com células tronco embrionárias. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 320-336, 2014.

NORA, P. Entre Mémoire et Histoire-La problematique des lieux. In: _____. **Les lieux de mémoire**. 1. Sous la direction de Pierre Nora. Paris: Éditions Quarto Gallimard, [1984]. v. 1, p. 7-42.

O RIO DE JANEIRO DE ANTIGAMENTE. **Praia de Copacabana**. [2014]. Disponível em: <<http://www.oriodeantigamente.blogspot.com.br/2011/01-praiadecopacabana>>. Acesso em: 07 jan. 2014.

OLIVEIRA, D. R. **Um tempo sem nome ou o novo conceito de envelhecer**. 2012. Disponível em: <www.dignow.org.org/post/um-tempo-sem-nome--40244624-87728.htm/>. Acesso em: 01 out. 2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. Comissão Econômica para a América Latina e Caribe – CEPAL. **Carta de São José sobre os direitos dos idosos da América-latina e Caribe**. Adotada na terceira Conferência regional intergovernamental sobre envelhecimento na América Latina e Caribe. San José de Costa Rica, 8 a 11 de maio de 2012. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa/legislacao/pdf/carta-de-sao-jose>>. Acesso em: 07 fev. 2015.

_____. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Adotada e proclamada pela Resolução nº 217 A (III) da Assembléia Geral das Nações Unidas em em 10 de dezembro de 1948. Assinada pelo Brasil na mesma data. 1948. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Declara%C3%A7%C3%A3o-Universal-dos-Direitos-Humanos/declaracao-universal-dos-direitos-humanos.html>>. Acesso em: 07 fev. 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE - OMS. **Guia Global das Cidades Amigas das Pessoas Idosas**. Lisboa: OMS, 2007. Disponível em: <http://whqlibdoc.who.int/publications/2007/9789899556867_por.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2015.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE – OPAS. **Carta de Otawwa**. 1986. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta_ottawa.pdf<http://www.opas.org.br/cartadeotawa>>. Acesso em: 04 maio 2013.

OS CINEMAS E SUAS MEMÓRIAS. **Parte 1: os cinemas de Copacabana**. 12 abr. 2012. Disponível em: <<http://oscinemasesuasmemorias.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 13 fev. 2015.

PALLOTINO, M. La governance locale entre la théorie et la pratique. In: HFTY, M. (Org.). **Lieux de goverance, regards e reletions sur un concept**. Paris: Karthala, 2007.

PAPALEO NETTO, M. P. (Org.) **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo: Atheneu, 2002.

PEDRO, R. M. L. R.; FERREIRA, J. Biossociabilidade e biopolítica: reconfigurações e controvérsias em torno dos híbridos nanotecnológicos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 13, 2007, Recife. **Anais...** Recife, 2007.

PELUSI, S. Traça o futuro. **Comunità Italiana**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 172, 2012.

PORTAL DO LEBLON. **Orla de Copacabana**. [2012]. Disponível em: <<http://portaldoleblon.com.br/orla-copacabana-rio-dejaneiro.jpg>>. Acesso em: 08 out. 2012.

PORTAL TRANSPARÊNCIA. **Rio 2016**. [2012]. Disponível em: <<http://www.portaltransparencia.gov.br/rio2016/instalacoesesportivas/fortedecopacabana/imagens/1.jpg>>. Acesso em: 08 out. 2012.

PROGRAMA CIDADES SUSTENTÁVEIS. [2015]. Disponível em: <<http://www.cidadessustentaveis.org.br/>>. Acesso em: 12 maio 2015.

RELPH, E. **Place and Placeness**. Londres: Pion, 1976.

REQUIXA, R. **As dimensões do lazer**. São Paulo: SESC, 1974.

RIBAS, R. Adeus à última casa da Avenida Atlântica. In: **O Globo**, 23 out. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/imoveis/adeus-ultima-casa-da-avenida-atlantica-10473520>>. Acesso em: 07 jan. 2013.

RIO DE JANEIRO (Município). Portal da Prefeitura do Município do Rio de Janeiro. [2014]. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

RIO DE JANEIRO (Estado). Instituto Estadual do Meio Ambiente. **Parque Estadual da Chacrinha**. [2013]. Disponível em: <http://www.inea.rj.gov.br/Portal/Agendas/BIODIVERSIDADEEAREASPROTEGIDAS/UnidadesdeConservacao/INEA_008699>. Acesso em: 04 out. 2013.

RIODEJANEIROAQUI.COM. [2013]. **Passeios, viagem na história, hospedagem, entretenimento e cultura**. Disponível em: <<http://www.riodejaneiroaqui.com/>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação da Liberdade, 1989.

SÁ, L. M.; CABRAL, K. R. **Lazer**. 2010. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/lazer>>. Acesso em: 07 fev. 2015.

SAHAROVSKY, L. **Espelho d'água**. [2013]. Disponível em: <http://ludmilasaharovsky.com/wp-content/uploads/2013/07/Drummond_.jpg>. Acesso em: 04 dez. 2013.

SANTOS, F. A. R. A função estética da paisagem urbana: o direito fundamental à beleza paisagística. In: **Juris Way**, 29 nov. 2013. Disponível em: <http://www.jurisway.org.br/v2/dhall.asp?id_dh=12376>. Acesso em: 12 fev. 2015.

SANTOS, J. F. Prefácio. In: PARANAGUÁ, K. **Copacabana**. Rio de Janeiro: Barléu, 2011.

SISTEMA BRASILEIRO DE APOIO AS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. **Portal gestão**. [s.d.]. Disponível em: <<http://sebrae.com.br/setor/turismo-para-a-Terceiridade>>. Acessado em: 10 out. 2013.

SOBOTTKA, E. A.; SAAVEDRA, G. A. Introdução à teoria do reconhecimento de Axel Honneth. **Civitas Revista de Ciências sociais**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 9-18, jan./abr. 2008.
SOUZA, E. A.; PEDON, N. Território e identidade. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, Três Lagoas, v. 4, n. 6, nov. 2007.

STANO, R. C. **Mito**: identidade do professor no envelhecimento. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões da nossa época).

TRILHA VIRTUAL. [2012]. Disponível em: <<https://edmojunior.wordpress.com/>>. Acesso em: 04 out. 2013.

TUAN, Y. F. **Topophilia**: a study of environmental perception, attitudes, and values. Washington: Columbia University Press, 1974.

_____. **Paisagens do medo**. Marília: UNESP, 2005.

UNESCO. **Declaração Universal Sobre a Diversidade Cultural**. Brasília, DF: UNESCO, 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2015.

UPP SOCIAL. **Panorama dos territórios**: UPP Pavão-Pavãozinho / Cantagalo. [2011]. Disponível em: <<http://www.riomaissocial.org/wp-content/uploads/2014/01/1-Panorama-dos-Territ%C3%B3rios-UPP-Pav%C3%A3o-Pav%C3%A3ozinho-Cantagalo1.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2015.

VELHO, G. Os mundos em Copacabana. In: _____. **Antropologia urbana**: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

VESTIBULAR1.COM.BR. **Ai de ti, Copacabana**: Rubem Braga. [2013]. Disponível em: <http://www.vestibular1.com.br/resumos_livros/ai_de_ti_copacabana.htm>. Acesso em: 13 fev. 2015.

VICTOR, M. Fuga cinematográfica no 'Duzentão', em Copacabana. In: **O dia**, 25 fev. 2014. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2014-02-25/fuga-cinematografica-no-duzentao-em-copacabana.html>>. Acesso em: 13 fev. 2014.

VIEIRA, I. Turistas lotam Praia de Copacabana para a festa do réveillon. In: **JCNet**, 31 dez. 2013. Disponível em: <<http://www.jcnet.com.br/Nacional/2013/12/turistas-lotam-praia-de-copacabana-para-a-festa-do-reveillon.html>>. Acesso em: 07 jan. 2014.

ZANFORLIN, S. Novas dinâmicas do espaço público: consumo cultural, mídia e mercado sobem ao palco da praia de Copacabana. **Intexto**, Porto Alegre, v. 2, n. 21, p. 121-134, 2009.

ZIMERMAN, G. I. **Velhice**: aspectos biopsicossiais. Porto Alegre: Artmed, 2000.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Universidade Federal do Rio de Janeiro

CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Instituto de Psicologia

Programa EICOS – Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu

Abaixo assinado, aceitei o convite de participar na pesquisa Vidas Longas em Copacabana: Diálogos entre Longevidade, Paisagem e Lazer, Dissertação de Doutorado a ser apresentado ao Programa de Pós Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia social (EICOS) instituto de Psicologia, Universidade Federal do rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Doutor, e declaro ter conhecimento do que se segue:

1-O objetivo da pesquisa é investigar relações entre Longevidade, Paisagem e Lazer no Bairro de Copacabana.

2- Receberei resposta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca de assuntos relacionados com o objeto de pesquisa.

3- Tenho a liberdade de retirar o meu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo.

4- Obterei informações atualizadas durante o estudo.

5- A pesquisa manterá a fidedignidade das informações, resguardando minha privacidade.

6- Em caso de dúvidas, poderei esclarecê-las com a pesquisadora, através do telefone: 2569-0547.

Rio de Janeiro, ----- de ----- de 2013.

Assinatura do (a) participante

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE B - Entrevista Semi Estruturada

Para os Gestores:

- 1- Qual a sua avaliação sobre a situação atual das políticas públicas no Brasil, relativas ao velho e ao envelhecimento.
- 2- Em relação ao Estado, e ao Município do Rio de Janeiro, como avalia as políticas públicas para o velho e o envelhecimento?
- 3- No marco legal do envelhecimento, qual a denominação que considera mais adequada? Longevo? Terceira Idade? Velho? Melhor idade? Outras?
- 4- Considerando-se que Copacabana tem a segunda maior concentração de idosos do Brasil, como avalia as condições urbanas do bairro, para seus residentes longevos?
- 5- Relacionando, especificamente, Paisagem e Lazer, como avalia as possibilidades oferecidas neste bairro para seus residentes longevos?
- 6- Como você lida com o seu próprio envelhecimento?
- 7- Gostaria de acrescentar outras perguntas, temas ou informações? Em caso afirmativo, quais?

ANEXO A - Lista das Associações de Moradores de Copacabana, Rio de Janeiro

Associação dos Moradores Amigos de Copacabana - AMACOPA Presidente: Myriam de Pinho Barbosa Tel.: 2236-3288.

Associação dos Moradores da Mascarenhas de Morais - Presidente: Myrom A.Dietrich - Endereço: Rua Marechal Mascarenhas de Morais – Tel.: 2236-5339.

Associação dos Moradores da Praça Cardeal Arcoverde - Presidente: Eduardo Barbieri – Tels.: 2541-4908 ou 25411007 - e-mail: embarbi@zaz.com.br

Associação dos Moradores da Rua 5 de Julho - Presidente: Eduardo Dantas Endereço: Rua Cinco de Julho – Tels.: 25475578 ou 99693-8163 - e-mail: eduardo_dantas@eduardo_dantas.com.br

Associação dos Moradores de Copacabana (Amacopa e AD) - Presidente: Synésio D'Almeida Junior – Tel.: 2232-0729.

Associação dos Moradores do Bairro Peixoto - Oásis Presidente: Marcos Vinicius Coutinho: Rua Maestro Francisco Braga - Tels.: 77082435 - e-mail: marcos_coutinho8051@hotmail.com

Associação dos Moradores do Leme Endereço: Ladeira do Ari Barroso, 1 - Leme Tel.: 2530-2484 - e-mail: amaleme@bol.com.br

Associação dos Moradores do Morro Chapéu Mangueira - Presidente: Gibeon - Endereço: Rua Dr. Vitorino, 2 Leme – Tel.: 2244-5185 ou 99108-8669.

Associação dos Moradores do Morro da Babilônia - Presidente: Isaías Bruno Ferreira - Endereço: Ladeira do Ari Barroso 66 complemento Rua São Fco 05, Leme – Tels.: 25420063/ 992724129 / 988393980. e-mail: presidente@amababi.org.br site: <http://www.amababi.org.br>.

Associação dos Moradores do Morro dos Cabritos - Presidente: Carlos Antônio Galvão - Endereço: Rua Euclides da Rocha, 122 – Tel.: 99939-9336.

Associação dos Moradores dos Morros Pavão e Pavãozinho - Endereço: Rua Saint-Roman, 76 - Tels: 2522-1778 ou 2513-0997 ou 99978-6913.

Câmara Comunitária de Copacabana, Bairro Peixoto e Leme - Presidente: Ema Fonseca - Rua Santa Clara, 75/408 - Tel.: 2547-8910 / 2548-3173 / 99767-3592 - e-mail: copacabana@bol.com.br

Lions Copacabana - Presidente: Gilberto Scheid – Tel.: 2236-7149.

Lions Princesa do Leme - Presidente: Zelurze G. Mizeli – Tel.: 2256-9393.

SAC - Presidente: Horácio Magalhães - Correspondência: Rua Barata Ribeiro, 707 loja H - e-mail: amigosdecopa@bol.com.br Tel.: 9119-2880 - e-mail: amigosdecopa@bol.com.br

Sati (Sociedade dos Amigos da Terceira Idade) - Presidente: Sérgio Canedo - Rua Santa Clara, 50/818 - Tel.: 2257-1249 / 99147-0565 - e-mail: sergio.canedo@uol.com.br

Sejuve (Associação da Segunda Juventude) - Presidente: Norma Castex Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 583 sala 304 - Tel.: 2256-4683.

Sociedade Amigos do Parque Chacrinha - Presidente: Eva Leite - Rua Guimarães Natal – Tel.: 2541-8057.

União das Mulheres da Babilônia - Presidente: Ianê G. de Andrade Rua 1º de Março, 201 - Leme – Tels.: 2530- 2549 ou 99677-4265.

ANEXO B - Declaração do Rio

“Além da Prevenção e Tratamento: Desenvolvendo uma Cultura do Cuidado em resposta à Revolução da Longevidade”.

Preâmbulo

Nós, profissionais e instituições que trabalhamos com e para os idosos, reunidos no Fórum Internacional WDA (Rio de Janeiro 16-17 de outubro de 2013), uma iniciativa do Centro Internacional de Longevidade Brasil (ILC-BR) e da World Demographic Association (WDA), organizado conjuntamente pela Bradesco Seguros e UniverSeg, em associação com o Centro de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (CEPE) e parceiros da academia, governo, organizações da sociedade civil e as Nações Unidas, declaramos que: Celebramos a longevidade e o envelhecimento populacional, que talvez sejam a maior conquista do século XX. No mundo, a expectativa de vida ao nascer aumentou em mais de 30 anos no último século. Esses anos adicionais devem agora ser “traduzidos em oportunidades para o século XXI”¹ para pessoas, famílias e sociedades. A cada segundo, duas pessoas no mundo comemoram seu 65o aniversário². Em um único século (1950-2050), o número das pessoas com 80 anos ou mais terá aumentado 26 vezes, de 14 milhões para 379 milhões. A velocidade e o ritmo do envelhecimento populacional não são relativos apenas ao número de pessoas que chegam à velhice. Depende também, substancialmente, do número de crianças que entram na população. Fatores como urbanização, migração, maior igualdade entre os gêneros na educação e na participação do mercado de trabalho remunerado, tudo isso contribuiu para diminuir o tamanho da família. As taxas totais de fecundidade estão agora abaixo do nível de substituição em 75 países, e se estima que esse número dobre para alcançar 139 países em 2045-2050⁴.

À rápida transição demográfica segue-se, agora, uma compressão da transição epidemiológica, com as doenças não transmissíveis (DNT) tornando-se a causa mais prevalente de morte no mundo, apesar de a ameaça de doenças infecciosas ainda persistir em muitos países em desenvolvimento.

Cada vez mais, as pessoas em todo o mundo estão alcançando idades muito mais avançadas. Ainda que muitas delas levem uma vida ativa, um número cada vez maior exigirá cuidados para incapacidades produzidas por doenças que não podem ser curadas. As doenças crônicas são prolongadas e exigem um *continuum* de serviços de cuidados ao longo do curso de vida. A carga global da doença mudou, mas os sistemas de saúde ainda têm, em grande medida, seu foco voltado para a cura, e ainda não estão suficientemente orientados para

proporcionar cuidados a todos os que precisam. Muito foi conseguido em termos de prevenção e tratamento; entretanto, para se acompanhar a **revolução da longevidade** há um imperativo que se impõe: o desenvolvimento de uma **cultura de cuidado** que seja sustentável, economicamente viável, feita com compaixão, e universal.

Nós entendemos que os contextos nos quais a provisão de cuidados se faz necessária são diversos culturalmente e estão mudando rapidamente. Redes familiares menores, mais complexas e geograficamente mais dispersas estão se tornando menos capazes de proporcionar cuidados sem ajuda adicional. Há uma crescente crise global de “insuficiência familiar”.

Declaração

Nós, unanimemente, declaramos o quanto segue:

1. Nós sinalizamos a necessidade de uma mudança fundamental no paradigma e propomos a construção global de uma “**cultura do cuidado**” que coloque o indivíduo – tanto recebedor quanto provedor do cuidado – no seu núcleo e que promova o diálogo e a solidariedade intergeracional.

2. Nós reafirmamos os Princípios das Nações Unidas em Favor das Pessoas Idosas 5 e endossamos totalmente a sua ênfase em independência, dignidade, autorrealização, participação e cuidados. Esses princípios devem servir de base para todas as ações voltadas para o cuidado.

3. Nós insistimos junto a governos, agências intergovernamentais, sociedade civil e setor privado que respeitem, protejam e garantam os direitos humanos das pessoas idosas, que podem ter reduzida a sua capacidade de efetivamente exercer esses direitos devido à fragilidade, declínio cognitivo, incapacidade ou isolamento.

4. Nós endossamos uma abordagem calcada nos direitos humanos porque ela enseja a oportunidade para formas igualitárias e não discriminatórias de serviços disponíveis, acessíveis, apropriados, economicamente viáveis e de boa qualidade, e que contenham mecanismos estruturais de monitoramento adequado para garantir a responsabilidade da sua prestação.

5. Reiteramos os compromissos estabelecidos pelo Plano de Ação Internacional de Madri em 2006 na promoção do desenvolvimento das pessoas idosas, nos avanços de saúde e bem-estar até idades avançadas e em garantir ambientes seguros e propícios. Chamamos atenção especialmente para o parágrafo 61 do Plano de Madri: “A crescente necessidade de assistência e tratamento de uma população que envelhece exige políticas adequadas. A falta desse tipo de políticas pode causar importantes aumentos dos custos. As políticas que

propiciam a saúde durante toda a vida, inclusive as de promoção de saúde e prevenção de doenças, a tecnologia de assistência, os cuidados para a reabilitação, quando indicados, serviços de saúde mental, a promoção de modos de vida saudáveis e ambientes propícios podem reduzir os níveis de incapacidade associados à velhice e permitir obter economias orçamentárias”.

6. Enfatizamos que: “o objetivo posterior é uma contínua assistência que vai desde a promoção da saúde e a prevenção de doenças até a prestação de atenção primária de saúde, tratamento de doenças agudas, reabilitação, [cuidados comunitários na atenção a doenças crônicas], reabilitação física e mental dos idosos, inclusive os incapacitados, e a assistência paliativa para os idosos que sofrem de doenças dolorosas ou incuráveis. A assistência eficaz aos idosos requer a integração dos fatores físicos, mentais, sociais, espirituais e ambientais.” 7

7. Nós insistimos que todos os governos implementem seus compromissos com o Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento de Madri e que definam metas e objetivos nacionais e regionais a constarem da Agenda de Desenvolvimento Pós-2015 das Nações Unidas⁸, de tal maneira que o cultivo de uma **cultura do cuidado** ao longo do curso da vida seja uma prioridade para o desenvolvimento internacional.

8. Reconhecemos que a **revolução da longevidade** exerce um impacto em cada etapa do curso de vida. Ela produz um efeito retroativo que modifica a definição e características de cada grupo etário. A longevidade aumentada significa que “a vida se torna mais parecida a uma maratona do que a uma corrida de velocidade” 9 e todos temos que nos ajustar.

9. Enfatizamos a importância da dimensão de gênero dos cuidados e realçamos a necessidade de se considerar a perspectiva de gênero em todas as políticas e práticas dos cuidados. Há necessidade de uma total reavaliação dos papéis sociais exercidos pelos gêneros ao longo do curso de vida. Dentro do contexto da **revolução da longevidade**, os homens em especial devem redefinir sua contribuição para a prestação dos cuidados, e todas as políticas de saúde e trabalho devem ser reconfiguradas em conformidade.

10. Chamamos atenção para o fato de que na maioria dos países as mulheres vivem mais, frequentemente sós, e com mais incapacidades e fragilidades. A maioria dos cuidadores são também mulheres; geralmente sem reconhecimento, sem apoio e sem formação ou treinamento para tanto. O cuidado delas exige uma atenção muito especial.

11. Nós sublinhamos o imperativo de identificar e erradicar todas as crenças, atitudes e comportamentos, tanto individuais quanto sistêmicos, que levem a abuso e negligência em todos os ambientes onde os cuidados sejam prestados. Todos têm a responsabilidade de

desenvolver uma consciência relativa aos maus tratos a idosos, tanto nas suas formas mais insidiosas quanto nas mais aparentes.

12. Nós entendemos que o Marco Político do Envelhecimento Ativo da Organização Mundial de Saúde (OMS) 10 oferece uma abordagem importante para os direitos e necessidades das pessoas idosas. Os seus quatro pilares – saúde, educação continuada, participação e proteção – são referências úteis para garantir acessibilidade, adequação e qualidade dos cuidados em todos os ambientes onde sejam prestados.

13. Reconhecemos o valor e a contribuição do trabalho relacionado a comunidades e cidades amigas dos idosos, sob a liderança da OMS, no desenvolvimento de uma **cultura dos cuidados**. A qualidade dos cuidados e do apoio em um ambiente adequado é um direito fundamental de todo ser humano¹¹.

14. Realçamos a importância de se enfatizar os direitos e as necessidades de cuidados específicos das pessoas idosas no planejamento e resposta às emergências naturais ou decorrentes de conflitos que perturbam ou destroem lares.

15. Realçamos ainda que uma **cultura de cuidados** deve incluir uma perspectiva de cuidados crônicos que vá além da simples oferta de medicação. Enfatizamos os cinco elementos 5 essenciais para a prestação do melhor sistema de cuidados: comunicação, continuidade, coordenação, integralidade, e ligações com a comunidade¹².

16. Reconhecemos que demência e fragilidade são desafios complexos do cuidar, que adquirem magnitude cada vez maior. Endossamos a Declaração de Cape Town sobre uma Resposta Global à Demência emitida pela Aliança Global dos Centros Internacionais de Longevidade¹³.

17. Em consideração aos riscos e consequências de muitas doenças incapacitantes na velhice, nós chamamos atenção para o aumento sem precedentes de casos de cegueira e surdez passíveis de prevenção; questões críticas relacionadas à saúde que frequentemente requerem um diagnóstico precoce e acesso a tratamento e reabilitação economicamente viáveis.

18. Chamamos atenção para essas condições que são cada vez mais comuns, à medida que as pessoas alcançam idades muito avançadas e que podem ter um impacto significativo na sua qualidade de vida. Algumas, como a incontinência, são estigmatizadas e podem afetar gravemente a socialização, ao passo que outras, como problemas nos pés, podem ser prejudiciais à mobilidade, e igualmente reduzem a capacidade de manter relacionamentos sociais.

19. Nós observamos também que há necessidade de se promover uma pele saudável ao longo de todo o curso da vida, para mitigar efeitos danosos da exposição ao ambiente e para reduzir complicações resultantes de lesões cutâneas como escaras e úlceras. Também reconhecemos como especialmente importantes os cuidados com a pele e a hidratação em pessoas idosas e a valiosa contribuição à prevenção de quedas o tratamento de doenças cutâneas dolorosas.

20. Enfatizamos que uma cultura de cuidados deve se estender até o final do curso de vida com a promoção dos cuidados paliativos, entendidos como um alívio completo e prevenção do sofrimento físico, psicossocial e espiritual, enquanto a pessoa estiver viva.

Chamada à Ação

Comprometemo-nos em promover uma cultura de cuidados holística – firmemente embasada no respeito à pessoa e aos mais elevados valores e princípios – em todos os fóruns nacionais e internacionais apropriados. Nós ainda instamos todos os governos, legisladores, profissionais, sociedade civil, pessoas idosas e organizações que os defendem, o setor privado e os meios de comunicação a investir, apoiar e realizar as seguintes ações:

Direitos das pessoas idosas

- Criar mecanismos para consultar os idosos sobre as suas necessidades de cuidados, para desenvolver e fortalecer cuidados formais e informais¹⁴;
- Incluir plenamente os idosos em todos os níveis de tomada de decisão relativa aos seus cuidados.

Serviços de cuidados

- Promover o autocuidado e apoio às pessoas idosas no controle de suas condições de vida e saúde;
- Oferecer programas de respiro para cuidadores familiares e outros cuidadores;
- Formar e prestar suporte a grupos de autoajuda e outros serviços comunitários para dar apoio aos cuidadores informais;
- Oferecer serviços de saúde mental bem elaborados, que incluam a prevenção, intervenção precoce, o tratamento e controle dos problemas relacionados à saúde mental;

- Proporcionar cuidados de fim de vida que sejam “*low tech, high touch*”, isto é, menos tecnologia e mais humanidade, cujo enfoque é o conforto e uma presença solidária enquanto a pessoa estiver viva.

Planejamento e realização do cuidado

- Utilizar evidências para apoiar a tomada de decisões quanto ao desenvolvimento de estratégias para cuidados integrais;
- Desenvolver planos de tratamentos baseados em evidências e apoiar provedores de cuidados para implantá-los nos diferentes ambientes onde os cuidados sejam proporcionados;
- Facilitar pesquisa sobre diferentes modelos e sistemas de cuidados;
- Implantar diretrizes e protocolos para embasar a tomada de decisões dos profissionais de saúde;
- Criar mecanismos de execução dos cuidados que indiquem claramente funções e responsabilidades a todos os envolvidos nos cuidados a uma pessoa;
- Estabelecer padrões de cuidados com mecanismos para monitorar e avaliar eficientemente os cuidados prestados em todos os ambientes, incluindo a residência;
- Desenvolver sistemas de informações clínicas que sejam oportunos, acessíveis e eticamente apropriados.

Educação e treinamento

- Fortalecer adequadamente a formação geriátrica e gerontológica dos profissionais de saúde em todos os ambientes onde os cuidados são prestados, iniciando-se na Atenção Básica;
- Proporcionar informações e treinamento continuado sobre os cuidados necessários aos idosos a cuidadores informais;
- Aumentar a conscientização sobre a saúde ao longo do curso de vida, incluindo a capacidade de os provedores de cuidados comunicarem-se efetivamente com as pessoas idosas;
- Aumentar a representação e o debate junto aos meios de comunicação para ampliar a conscientização da população sobre a necessidade de desenvolver uma ***cultura do cuidado*** em todos os níveis;

- Educar pessoas de todas as idades, incluindo cuidadores informais, para o enfrentamento do estigma do envelhecimento e o conhecimento dos direitos das pessoas idosas;
- Informar a população sobre as doenças relacionadas ao envelhecimento, inclusive os problemas de saúde mental.

Ambientes para uma Cultura do Cuidado

- Construir ambientes genuinamente amigáveis aos idosos, que estimulem cuidados de alta qualidade, proporcionados por cuidadores formais e informais;
- Oferecer e informar sobre opções de moradia que sejam economicamente viáveis e que estimulem a independência, autorrealização, participação, dignidade e cuidados de alta qualidade;
- Eliminar barreiras físicas, sociais e econômicas aos cuidados de alta qualidade;
- Estabelecer sistemas que garantam uma renda adequada, a fim de permitir às pessoas que necessitam de cuidados que façam as escolhas adequadas.

Pedimos às pessoas que reflitam sobre as dinâmicas das realidades alcançadas pela revolução da longevidade e as convidamos a participar de uma jornada na busca de uma cultura do cuidado realmente global.

- 1 Kalache, A, 2013. The Longevity Revolution: Creating a Society for all Ages. Adelaide: Government of South Australia.
- 2 HelpAge International and UNFPA, 2012. Ageing in the Twenty-First Century: A Celebration and a Challenge. London and New York, p. 12.
- 3 United Nations Department of Economic and Social Affairs, 2013. World Population Ageing, 1950-2050. <http://www.un.org/esa/population/publications/worldageing1950-2050/pdf/90chapteriv.pdf>
- 4 United Nations Population Division, 2013. World Population Prospects: The 2012 Revision, p. 11ff.
- 5 United Nations General Assembly, 1991. Principles for Older Persons. <http://www.un.org/documents/ga/res/46/a46r091.htm>
- 6 United Nations, 2003. Madrid International Plan of Action on Ageing, para. 61 <http://undesadspd.org/Ageing/Resources/MadridInternationalPlanofActiononAgeing.aspx>

- 7 United Nations, 2003. Madrid International Plan of Action on Ageing, para. 69
<http://undesadspd.org/Ageing/Resources/MadridInternationalPlanofActiononAgeing.aspx>
- 8 United Nations Economic and Social Council, Millennium Development Goals and post-2015 development goals. <http://www.un.org/en/ecosoc/about/mdg.shtml>
- 9 Kalache, op. Cit., p. 15.
- 10 WHO, 2002. Active Ageing: A Policy Framework. Geneva: WHO.
- 11 International Covenant on Economic, Social and Cultural Rights, 1976. Art. 12; Committee on Economic, Social and Cultural Rights, General. Comment No 14, paras 1 and 12.
- 12 WHO, 2001. Innovative Care for Chronic Conditions, Meeting Report. Geneva: WHO.
- 13 International Longevity Centre Global Alliance, 2010. Cape Town Declaration on a Global Response to Dementia. Call to action. <http://www.ilcalliance.org/-index.php/search/result/9576f33655f80acad57196f95cc123d0/>
- 14 O termo “cuidador informal” se refere às pessoas que prestam o cuidado no contexto de relacionamentos pessoais, como familiares, amigos ou vizinhos. Diferentemente do “cuidador formal” inserido no contexto de uma ocupação paga, ainda que voluntária. Nesse caso, o sentido de cuidado “informal” não significa que ele seja casual ou economicamente irrelevante.